

Entrelaces

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras-UFC
V. 1 • Nº 18 • Out.-Dez. (2019) • ISSN 2596-2817

Dossiê “O Discurso Migrante na Literatura. Literatura e Migração: A(s) língua(s) do migrante”



Roseli Cunha (UFC)
Ana Ruiz (UAM)
Mauro Mamani (UNMSM)
(Orgs.)



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



PPGLETRAS
UFC

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-UFC

V. 1 • Nº 18 • Out.-Dez. (2019)

ISSN 2596-2817



**Dossiê “O Discurso Migrante na
Literatura. Literatura e
Migração: A(s) língua(s) do
migrante”**

**Roseli Cunha (UFC)
Ana Ruiz (UAM)
Mauro Mamani (UNMSM)
Organização**

**Universidade Federal do Ceará – UFC
Programa de Pós-Graduação em Letras**

CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA ENTRELACES

ORGANIZAÇÃO

Roseli Cunha – UFC

Ana Ruiz – UAM

Mauro Mamani – UNMSM

EDITORES-GERENTES

Ana Marcia Alves Siqueira – UFC

Orlando Luiz Araújo – UFC

Yuri Brunello – UFC

EDITORA-CHEFE

Amanda Jéssica Ferreira Moura – UFC

EDITORA-ASSISTENTE

Licilange Gomes Alves – UFC

CONSELHO EDITORIAL

Adriana Almeida Colares – UFC

Aline Leitão Moreira – UFC

Ana Marcia Alves Siqueira Antonio – UFC

Euclides V. de P. e N. Holanda – UFC

Clarissa Paiva de Freitas – UFC

Crislay Micaely Crisóstomo Maia – UFC

Dolores Raissa Teixeira Cunha – UFC

Edilane Vítório Cardoso – UFC

Elionete Rodrigues Barbosa – UFC

CONSELHO EDITORIAL

Emanuel Régis G. Gonçalves – UFC

Ítalo Vieira Lima – UFC

Juliana Braga Guedes – UFC

Karine Costa Miranda – UFC

Kelly Cristina Medeiros Ferreira – UFC

Lia Leite Santos – UFC

Licilange Gomes Alves – UFC

Luciana Bessa Silva – UFC

Orlando Luiz Araújo – UFC

Rafaela de Abreu Gomes – UFC

Sandra Mara Alves da Silva – UFC

Sarah Pinto de Holanda – UFC

Tamires de Souza Carvalho – UFC

Tayla Maria Leôncio Ferreira – UFC

Thalyta Nascimento Nunes – UFC

Yuri Brunello – UFC

ARTE, DIAGRAMAÇÃO E WEB

José Leite Jr. – UFC

Sandra Mara Alves da Silva – UFC

Amanda Jéssica Ferreira Moura – UFC

CAPA DESTA EDIÇÃO

Roseli Cunha

CONSELHO CONSULTIVO

Alan Bezerra Torres – IFCE
Andrea Mazzucchi – Università Degli
Studi di Napoli
Anélia Montechiari Pietrani – UFRJ
Antonio Augusto Nery - UFPR
Benedito Antunes – UNESP
Benigna Soares Lessa Neta – IFCE
Carlos Eduardo de O. Bezerra – Unilab
Cassia Alves da Silva – IFRN
Cid Ottoni Bylaardt – UFC
Cristiane Navarrete Tolomei – UFMA
Constantino Luz de Medeiros – UFMG
Danielle Mendes Pereira – UFRJ
Edson Santos Silva – UNICENTRO
Elena Lombardi – University of
Oxford
Francesco Guardiani – University of
Toronto
Giorgio De Marchis – Università Degli
Studi Roma Tre
Harlon Homem L. Sousa – UESPI
José Roberto de Andrade – IFBA
Leonildo Cerqueira Miranda – UFC

Márcia Manir Miguel Feitosa – UFMA
Marco Berisso, Università di Genova
(Italia)
Margarida Pontes Timbó – FLJ
Maria Aparecida de O. Silva – USP
Maria Eleuda Carvalho – UFT
Maria Elisalene Alves dos Santos – UVA
Marília Angélica Braga do Nascimento – IFRN
Matteo Palumbo – Università Degli Studi di
Napoli
Miguel Leocádio Araújo Neto – UECE
Nicolai Henrique Dianim Brion – IFCE
Nicole Gounalis – Stanford University
Pauliane Targino da Silva Bruno – UECE
Roberto Acízelo Souza – UERJ
Roseli Barros Cunha – UFC
Rubens da Cunha – UFRB
Sandro Bochenek – UEL
Sarah Maria Borges Carneiro – IFCE
Terezinha Oliveira – UEM
Tiago Barbosa Souza – UFPI
Tito Lívio Cruz Romão – UFC
Yuri Brunello – UFC

NOSSA CAPA

“Mulheres sob a névoa em Aguas Calientes”

O povoado de Aguas Calientes, também chamado de Machupicchu Pueblo, está localizado em Cusco, no Peru. Na foto, realizada em 2014, vemos mulheres indígenas vestidas com roupas que contêm elementos das culturas indígena e espanhola e remontam à época do “descobrimento” de Machu Picchu pelos conquistadores espanhóis, no século XVI. Depois da destruição do Império Incaico por Francisco Pizarro, a cidade sagrada esteve esquecida e perdida em meio à floresta até ser “redescoberta” em 1911. Atualmente, a localidade dá acesso ao Santuário Histórico de Machu Picchu, criado em 1981, e os descendentes desses povos originários vendem seus artesanatos aos turistas.

Foto e texto: Roseli Barros Cunha

Sumário

DOSSIÊ “O DISCURSO MIGRANTE NA LITERATURA. LITERATURA E MIGRAÇÃO: A(S) LÍNGUA(S) DO MIGRANTE”	14
Caminhos dos estudos sobre migração: trânsitos, (des)territorialidades e interculturalidade.....	17
<i>Roseli Cunha</i>	
<i>Ana Ruiz</i>	
<i>Mauro Mamani</i>	
Entre “rios”: espaço, viagem e identidade em <i>Imagens do Brasil</i>	32
<i>Rodrigo César Dias</i>	
A Amazônia na ficção de José Veríssimo e Inglês de Sousa	48
<i>Juliano Fabricio</i>	
El testimonio de las cosas: la migración andina en <i>Hombres de mar</i> , de Óscar Colchado Lucio	69
<i>Rosane Cardoso</i>	
Narrativas de deslocamento: o lugar para sujeitos migrantes em escritas de Antônio Torres.....	81
<i>Clélia Gomes dos Santos</i>	
<i>Ricardo Martins Valle</i>	
Zélia Gattai e Norah Lange: espaços e culturas em deslocamento	98
<i>Regina Simon da Silva</i>	
<i>Ramón Diego</i>	
Gender, Memory, and Emotion in Exile Discourse: Stefan and Lotte Zweig's everyday life in the tropics	115
<i>Maria das Graças Salgado</i>	
Como se Deus estivesse cuspiendo na gente”: O estigma da exclusão em <i>Amanhã, numa boa</i>	131
<i>Davi Gonçalves</i>	
<i>Kall Sales</i>	
As escritas de si – e do outro – na autobiografia americana de Dany Laferrière.....	147
<i>Mariane de Souza de Assis</i>	
<i>Sandra Mara Stroparo</i>	
Entre o norte e o sul: duas experiências de migração em <i>Tempo de migrar para o norte</i> , de Tayeb Salih.....	159
<i>Elizandra de Souza Pedro</i>	
Literatura e imprensa árabe: experiência migratória Sírio-Libanesa no Brasil.....	173
<i>Luíza Salgado Mazolla</i>	
<i>Sheila Cristina dos Santos</i>	

DOSSIÊ “O DISCURSO MIGRANTE NA LITERATURA. LITERATURA E MIGRAÇÃO: A(S) LÍNGUA(S) DO MIGRANTE”

A Entrelaces convidou você a participar da Chamada de Publicação para a Edição Out.-Dez. (2019) que aceitou submissões de artigos que contemplem a temática: “O Discurso Migrante na Literatura. Literatura e Migração: A(s) Língua(s) do Migrante”.

O tema da migração e dos relatos de indivíduos migrantes sempre estiveram presentes na literatura. Como sabemos, as motivações para esses deslocamentos foram e são as mais variadas: a procura por melhores condições de vida, os desafios pessoais, as perseguições a indivíduos ou grupos étnicos, as ditaduras, entre muitos outros motivos tanto individuais quanto coletivos, em todas as regiões do mundo e ao longo de várias épocas.

O crítico literário Antonio Cornejo Polar em “Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrante en el Perú moderno” (1996) propõe uma reflexão a partir da produção do autor peruano José María Arguedas, sobre o que chama de “discurso migrante” que poderia ser pensada não apenas para a literatura latino-americana mas também para a chamada literatura ocidental. Segundo suas palavras: (1996, p.104): “Mi hipótesis primaria tiene que ver con el supuesto que el discurso migrante es radicalmente descentrado, en cuanto se construye alrededor de ejes varios y asimétricos, de alguna manera incompatibles y contradictorios de un modo no dialéctico. [...] considero que el desplazamiento migratorio duplica (o más) el territorio del sujeto y le ofrece o lo condena a hablar desde más de un lugar. Es un discurso doble o múltiplemente situado”.

A proposta deste número temático é tratar do discurso migrante nas mais variadas produções literárias tanto latino-americanas quanto nas de outras regiões levando em consideração que muitos indivíduos vieram ao subcontinente e outros o deixaram, de modo deliberado ou não, ao longo dos tempos e deram voz(es) a suas histórias. Página | 15

Este número temático ainda se propõe a tratar especialmente da(s) língua(s) nas quais são construídas as produções literárias dos migrantes nas diversas etapas de estadia no novo espaço, levando em consideração, além da reflexão citada de Cornejo Polar (1996), a hipótese da pesquisadora Ana Ruiz Sánchez em “Desterritorialización y literatura. Literaturas de exilio y migración en la era de la globalización” (2005), de que “la experiencia de desterritorialización es, en cierto sentido, ‘refundante’, y marca la escritura de aquellos que la han vivido. Incluso aunque regresen. Al hacerlo, estos textos constituyen en sí mismos una vía de renovación relevante para la literatura nacional del país que generó el proceso de desterritorialización.” (2005, p. 6) e que por isso “podríamos decir metafóricamente, que en este momento es la lengua la que emigra, y no necesariamente el sujeto que la elige.” (p.8).

Roseli Cunha - (UFC)

Ana Ruiz - (UAM)

Mauro Mamani (UNMSM)

Organizadores

DOSSIÊ

A seção DOSSIÊ recebe artigos que estão de acordo com a temática específica do dossiê de cada edição, a ser informada em chamadas divulgadas pela Revista em sua aba “Notícias”. São publicados dois Dossiês por ano: o primeiro na Edição referente ao trimestre Abr.-Jun. de cada ano, o segundo na Edição referente ao trimestre Out.-Dez. de cada ano.

Caminhos dos estudos sobre *migração: trânsitos,* *{des}territorialidades e* *interculturalidade*

Roseli Cunha

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ana Ruiz

Universidad Autónoma de Madrid (UAM)

Mauro Mamani

Universidad Nacional Mayor San Marcos (UNMSM)

A obra do crítico literário peruano Antonio Cornejo Polar (1936-1997), mais especificamente o artigo “Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrante en Perú moderno”, de 1996, foi um dos motes que nos levaram a pensar a proposta para este dossiê intitulado “O discurso migrante na Literatura. Literatura e migração: a(s) língua(s) do migrante”, apresentado na *Revista Entrelaces*. O tema parece-nos bastante desafiador atual, uma vez que aborda o deslocamento de pessoas que deixam sua terra para instalar-se em outra, levando consigo tudo o que isso significa: costumes, usos, rituais, comidas, formas de viver, modos de expressão e línguas, mas também nessa trajetória assimilando novas formas de vida.

A produção do conterrâneo José María Arguedas (1911-1969) é um dos principais objetos de estudo de Cornejo Polar ao longo de sua trajetória acadêmica. Uma das obras que o levaram a explorar suas hipóteses sobre o sujeito e o discurso migrante foi *Los ríos profundos* (1958). Nessa obra os personagens centrais estão em permanente movimento, tal como ocorre com o pai de Ernesto, um advogado do interior das serras peruanas, e com o menino até sua chegada ao internato.

Recordemos no romance de Arguedas o momento em que o personagem principal e narrador, chega a Cusco. Apesar de longo, o fragmento é bastante significativo para entender o raciocínio de Cornejo Polar.

Me acordé, entonces, de las canciones quechuas que repiten una frase patética constante: “yawar mayu”, río de sangre; “yawar unu”, agua sangrienta; “puk-tik’ yawar k’ocha”, lago de sangre que hierve; “yawar wek’e”, lágrimas de sangre. ¿Acaso no podría decirse “yawar rumi”, piedra de sangre, o “puk’tik yawar rumi”, piedra de sangre hirviente? Era estático el muro, pero hervía por todas sus líneas y la superficie era cambiante, como la de los ríos en el verano, que tienen una cima así, hacia el centro del caudal, que es la zona temible, la más poderosa. Los indios llaman “yawar mayu” a esos ríos turbios, porque muestran con el sol un brillo en movimiento, semejante al de la sangre. (ARGUEDAS, [1958] 1998, p.144)

A partir do trecho citado, o crítico peruano elabora a seguinte reflexão:

Es claro que el migrante adolescente que opera como narrador-personaje de la novela concentra pero no sintetiza en su discurso dos experiencias, una pasada y otra presente. De hecho actualiza dos idiomas, quechua y español; dos tecnologías comunicativas, la oral y la escrita; dos géneros artísticos, la canción y la novela; y de alguna manera, pero la relación podría continuar, ejercita dos sistemas culturales distintos. (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 106)

O deslocamento de Ernesto não se dá apenas espacial ou temporalmente; podemos dizer, seguindo o crítico, que ele migra de uma cultura a outra. Há um trânsito do personagem-narrador por entre as culturas ocidental, peruana/*criolla* ou miscigenada onde prevalecem elementos da cultura branca ocidental e outra, indígena/serrana, também miscigenada, mas onde prevalecem os elementos da cultura originária. Ernesto não as sintetiza, coloca-as lado a lado em sua fala: recupera experiências de seu passado e as de outros, adquiridas pelo que lhe contaram. Podemos levar adiante esse pensamento em relação ao autor, Arguedas. No romance estão presentes os dois idiomas conhecidos (espanhol na variante peruana e a língua indígena-quíchua), duas tecnologias comunicativas (a escrita e a oral) e dois gêneros literários (os *huaynos* e o romance).

Haveria tanto na fala de Ernesto quanto na escrita do romance de Arguedas a coexistência de dois modos de pensar ou duas cosmovisões – como denomina Ángel Rama em *Transculturación narrativa en América Latina* (1982) (obra elaborada tendo especificamente *Los ríos profundos* como foco de estudo). Não apenas a visão de mundo de vertente ocidental (espanhol escrito na variante peruana em um romance) ganha visibilidade no presente, mas também a indígena ou serrana (oralidade da língua indígena-quíchua nos *huaynos* e nas palavras e expressões insertadas no romance). Então, segundo a teoria de Rama (1982), essa cultura não teria sido perdida, morta ou congelada no

passado, teria sido “transculturada” ou, segundo palavras de Cornejo Polar (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p.106), teria sido “atualizada”.

Arguedas e seu alter ego, Ernesto, vivenciam o deslocamento e seriam exemplos de um “sujeito migrante”, aquele que leva consigo a cultura de seu lugar e a coloca em paralelo a outra em outro lugar, reatualizando-a.

Página | 19

Contrariando a ideia de síntese proposta por Rama (1982), a qual acreditamos estar inserida em um contexto bastante específico das décadas de 1960 e 1970 na América Latina (CUNHA, 2007), que entende *Los ríos profundos* como o caso paradigmático de uma transculturação narrativa harmoniosa e homogeneizadora, o crítico arequipano (que escreve o artigo com mais distanciamento temporal e ideológico daquela época), nos anos 1990, enfatiza a ambiguidade e o descentramento.

O deslocamento entre culturas evidenciado por Cornejo Polar em relação ao personagem-narrador Ernesto pode ser percebido em Arguedas. No discurso intitulado “No soy un aculturado...” proferido ao receber o prêmio Inca Garcilaso de la Vega, em 1968 (e incorporado ao seu último romance *El zorro de arriba y el zorro de abajo*, publicado postumamente em 1971), ele se define como pertencente tanto à cultura ocidental quanto à indígena:

[...] yo soy un peruano que orgullosamente, como un demonio feliz habla en cristiano y en indio, en español y en quechua. Deseaba convertir esa realidad en lenguaje artístico y tal parece, según cierto consenso más o menos general, que lo he conseguido. (ARGUEDAS, [1971] 1996, p.257)

Tal afirmação leva a verificar que a síntese entre as culturas envolvidas, tal qual Rama assinala em Ernesto e ao longo do romance, parece ser também um anseio de Arguedas. Afinal, ele seria um “diabo feliz” que desejava “converter essa realidade para linguagem artística”. Talvez o discurso tente passar a impressão de algo bem resolvido, apaziguado tanto no plano pessoal quanto da produção intelectual do autor, mas sabemos, e então é impossível não se fazer remissão à trágica morte de Arguedas, que sua trajetória acadêmica, literária e pessoal esteve longe de ser feliz e plena. Constatação essa que, a nosso ver, compromete, de certo modo, uma síntese harmoniosa. Por isso, acreditamos que Cornejo Polar, ao defender sua hipótese, sublinhe o fato de Ernesto se expressar a partir das duas culturas sem indicar uma síntese:

[...] lo que me interesa poner de relieve es la actuación de un sujeto que maneja una pluralidad de códigos que pese a ingresar en un solo rumbo discursivo no

sólo no se confunden sino que preservan en buena parte su propia autonomía. El narrador personaje habla sin duda desde dos espacios. (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 106)

Portanto, falar a partir de dois espaços, no caso de Ernesto, ou escrever a partir de dois espaços, como Arguedas, não necessariamente leva a um trânsito harmonioso e remete a uma síntese. Recordemos a inquietação expressa nas cartas direcionadas a amigos, muitos deles escritores, e à sua psicanalista e incorporadas a *Los ríos profundos*. Nelas percebemos o anseio de alguém que desejava pronunciar-se a partir de duas culturas, de dois lugares. Esse posicionamento gerava uma inquietação que também pode ser percebida em outras pessoas. Talvez fosse isso que incomodasse Arguedas e seus pares, a necessidade que ele sentia de falar a partir de mais de um lugar, ou ainda se possa dizer, da perspectiva do autor, a impossibilidade de não se pronunciar a partir desses dois espaços. E, então, o anseio pela síntese. Mas na época, como acadêmico e autor, estava fadado a se questionar e a ser questionado em relação a isso. Ele se percebe no impasse que o fez levar a própria vida à ficção ao terminar seu último romance com o relato do planejamento e o desenlace trágico do suicídio.

Cornejo Polar, conhecendo muito bem Arguedas e sua obra (mas, claro, tendo outras obras e autores como referências, conforme expõe em seu artigo), pôde elaborar o que chama de hipótese primária: “el discurso migrante es radicalmente descentrado, en cuanto se construye alrededor de ejes varios y asimétricos, de alguna manera incompatibles y contradictorios de un modo no dialéctico [...]” (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 104) para mais adiante completar: “considero que el desplazamiento migratorio duplica (o más) el territorio del sujeto y le ofrece o lo condena a hablar desde más de un lugar. Es un discurso doble o múltiplemente situado.” (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 104-105).

Como já dissemos, não apenas a obra de Arguedas alimenta as ideias sobre o sujeito e discurso migrantes. Cornejo Polar toma como exemplo *La tía Julia y el escribidor* (1977), de Mario Vargas Llosa, e afirma ter o propósito de explorar a pertinência e a efetiva validade da categoria de “migração e seus derivados”, uma vez que

Tengo para mí que a partir de tal sujeto, y de sus discursos y modo de representación, se podría producir una categoría que permita leer amplios e importantes segmentos de la literatura latinoamericana – entendida en el más amplio de sus sentidos – especialmente los que están definidos por su radical heterogeneidad. (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p.99)

Mas o atento crítico observa que o deslocamento por entre distintos espaços poderia acontecer com maior liberdade de trânsito em produções fora do âmbito da literatura canônica. Toma como referência a obra *Representación oral de las calles de Lima*, elaborada por Biondi e Zapata, em 1994. Nela os pesquisadores analisam performances apresentadas por artistas itinerantes nas ruas da capital peruana. Ainda que fazendo ressalvas em relação às peculiaridades das apresentações, entre outros motivos pelo fato de os autores/produtores precisarem da empatia e interação direta com o público, Cornejo Polar assinala as “oscilaciones de identidad del emisor” (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 107).

Ele explica que os artistas mudavam, em suas performances, de identidade discursiva. Apresentavam-se como *criollos* em oposição a provincianos, ou seja, limenhos; serranos, *serranazos* em oposição a denominações menos específicas, mas pejorativas, como “estos merdas”, porém sem que tanto *performers* quanto público tivessem algum constrangimento.

Entretanto, é preciso não perder de vista que estamos em outro momento, não mais na década de 1960, quando Arguedas escreve seus últimos romances. E em outro âmbito, fora do ambiente da literatura canônica, escrita e do meio acadêmico. Estamos em meio à oralidade produzida em um espaço aberto e público, diante de efetivas performances.

A esses autores/*performers*, em tais condições é permitida a oscilação de identidade que a Arguedas, de certa forma, se vetou. Mais que oscilação, haveria uma fragmentação da identidade do emissor. Haveria uma dramatização da condição de sujeito e do discurso migrantes em um discurso igualmente migrante.

Diante dessa reflexão a partir da obra de Arguedas em contraposição a outras produções, algumas bastante distintas de suas condições e propostas de criação, Cornejo Polar finaliza o artigo deixando em aberto uma reflexão que procuramos levar adiante:

Naturalmente habría que profundizar el tema, pero no deja de ser atractivo relacionar las variadas figuraciones y discursos del sujeto migrante, y sus diversas estrategias representativas, con este ir y venir de la metonimia: tal vez en la deriva del curso metonímico el migrante encuentre lugares desiguales desde los que sabe que puede hablar porque son los lugares de sus experiencias. Serían las voces múltiples de las muchas memorias que se niegan al olvido. (CORNEJO POLAR, [1996] 2013, p. 109)

Igualmente instigante e desafiadora para nossa reflexão sobre o discurso migrante é a obra de Franz Kafka (1883-1924) e a leitura que dela apresentam Gilles

Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), em *Kafka. Por uma literatura menor* (1975). Desse estudo tomaremos especialmente o capítulo “A literatura menor”.

Ao se debruçarem sobre a produção do escritor, afirmam que o “problema da expressão” não seria colocado por Kafka de uma maneira abstrata universal, e sim em relação às chamadas “literaturas menores”. Mas alertam:

Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 25)

O autor tcheco-alemão também evidenciaria em sua obra algumas características de uma literatura menor. São elas: a desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação.

A primeira seria consequência de “impossibilidades” em relação à literatura e à língua na qual se produzia. A “impossibilidade de não escrever” se daria porque a consciência nacional, ao ser oprimida ou colocada em um condição de incerteza, passaria necessariamente pela literatura, impulsionando o autor a criar. Outra, a “impossibilidade de escrever em outra língua sem ser em alemão”, ocorreria porque, por exemplo, aos judeus de Praga isso proporcionaria o sentimento de uma distância irreduzível em relação a uma territorialidade primitiva, a tcheca. E haveria ainda a “impossibilidade de escrever em alemão”, que seria a desterritorialidade da própria população alemã, de uma minoria opressora que fala uma língua afastada das massas, o que ele denomina uma linguagem artificial, “de papel”. Nesse caso, os judeus, apesar de fazerem parte dessa minoria, estavam dela excluídos. Diante de tal pensamento, chega-se à conclusão de que “o alemão de Praga é uma língua desterritorializada própria a estranhos usos menores.” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 26)

A segunda característica das literaturas menores seria o fato de que nelas tudo acabaria sendo político, ao contrário do que aconteceria nas ditas grandes literaturas. Cada caso individual seria ligado à política e “[...] se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele.” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 26).

A terceira característica, que nos parece estar relacionada diretamente à segunda, é de que tudo nessa literatura adquiriria um valor coletivo. Segundo os filósofos, para Kafka, por não haver tantos talentos em uma literatura menor, não existiriam condições de uma enunciação individualizada – o que para ele não chega a ser um

problema. Pelo contrário: representaria mesmo uma vantagem, pois levaria à imposição de um mestre a ser seguido.

Não haveria uma voz suficientemente forte para separar-se da enunciação coletiva e com isso ocorreria uma contaminação de todo o enunciado pelo campo político. Isso porque “o que o escritor sozinho diz, já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que os outros não estejam de acordo.” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p.27)

Seguindo Kafka, afirmam que “mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura, deve escrever em sua língua, como um judeu tcheco escreve em alemão, ou como um usbeque escreve em russo.” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p.28). E então o termo “menor” não seria um modo de qualificar certas literaturas, mas sim as condições “revolucionárias” de toda literatura inserida na chamada “grande” ou “estabelecida”.

Essa afirmação e os questionamentos lançados pelos filósofos franceses permitem reflexões bastante motivadoras:

Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a delas, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a se servir? Problema dos imigrantes, e sobretudo de seus filhos. Problema das minorias. Problemas de uma literatura menor, mas também para todos nós: como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade e o imigrado e o cigano de sua própria língua? Kafka diz: roubar a criança no berço, dançar na corda bamba. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p.30)

Somente por meio do exercício de escrever a partir de uma língua considerada menor em relação a uma considerada maior a literatura se tornaria “máquina coletiva de expressão” e teria com a língua uma relação de desterritorialização múltipla. Os exemplos são tanto em relação à situação dos judeus que abandonaram o tcheco ao mesmo tempo que saíam do meio rural quanto à de pessoas que falavam a língua alemã como “linguagem de papel”, o que se pode entender como uma língua mais próxima da escrita.

Seria possível levar adiante tal movimento de desterritorialização na expressão de duas maneiras. Uma delas seria enriquecendo artificialmente a língua alemã, inflando-a com recursos de um simbolismo, de um sentido esotérico e de um significante oculto que a levaria a uma reterritorialização simbólica, a qual eles relacionam à escola de Praga e ao autor Gustav Meyrink (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 29). Kafka cria um segundo caminho, tomar a língua alemã de Praga “[...] tal como ela é, em

sua própria pobreza” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 29). Fazendo ressaltar ainda mais a desterritorialização, uma vez que

[...] o vocabulário está dissecado, fazê-lo vibrar em intensidade. Opor um uso puramente intensivo da língua a todo uso simbólico, ou mesmo significativo, ou simplesmente significante. Chegar a uma expressão perfeita e não formada, uma expressão material intensa. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 29-30)

A invenção de Kafka, segundo os autores, só seria possível a partir dessa “língua dissecada” que era a língua alemã em Praga, uma língua misturada ao tcheco e ao ídiche (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 32). Para explicar suas ideias, tomam em colaboração “De la véhicularité de la langue anglaise” em *Langues modernes* (1972), no qual Henri Gobardi elabora o modelo tetralinguístico no qual a cada tipo de língua corresponderia uma categoria espaço-temporal (p. 36), eles alertam que a distribuição dessas línguas varia de um grupo para outro e, para um mesmo grupo, de uma época a outra.

A primeira a ser apresentada é a língua vernácula, também chamada de materna ou territorial, de comunidade rural ou de origem rural. A ela se relacionaria a categoria espaço-temporal do “aqui”. A segunda, a língua veicular, urbana, estatal ou mundial, língua de sociedade de troca comercial, de transmissão burocrática e seria a língua de primeira desterritorialização, correspondendo-lhe a categoria espaço-temporal “em toda parte”. A língua referencial, língua do sentido e da cultura operaria uma reterritorialização cultural e a ela corresponderia a categoria espaço-temporal “lá”. E, por fim, a língua mítica, no horizonte das culturas e de reterritorialização espiritual ou religiosa. A categoria espaço-temporal correspondente seria “além”.

Outra ressalva é a de que “o que pode ser dito em uma língua não pode ser dito em outra, e o conjunto do que pode ser dito e do que não pode ser varia necessariamente segundo cada língua e as relações entre essas línguas”. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 37)

E, pensando no caso de Kafka, observam a situação na qual tanto o autor quanto os judeus de Praga se encontravam em relação às “quatro línguas”. Para os judeus provenientes dos meios rurais a língua vernácula era o tcheco, que tendia, porém, a ser esquecido e recalcado, assim como o ídiche era ao mesmo tempo desprezado e temido. Kafka era um dos poucos autores judeus que compreendiam e falavam tcheco. O alemão era a língua veicular das cidades, a língua burocrática do Estado, língua comercial de troca. Por sua vez, o alemão literário – ou, como eles chamam, “de Goethe” – teria uma

função cultural e referencial. Kafka transitava bem no alemão tanto como língua veicular como cultural/referencial. O hebraico era a língua mítica. Essa Kafka teria aprendido mais tarde.

Para eles, mais complicada era a relação de Kafka com o iídiche. Haveria “menos uma espécie de territorialidade linguística para os judeus do que um movimento de desterritorialização nômade que trabalha o alemão” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 29). Seria uma “língua enxertada no médio alto-alemão, e que trabalha o alemão tão de dentro que não se pode traduzi-la para o alemão sem aboli-la; só se pode compreender o iídiche ‘sentindo-o’, e com o coração” (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 39)

Com isso, os filósofos concluem que Kafka não se orienta em direção a uma reterritorialização pelo tcheco. Nem em direção a um uso hipercultural do alemão, com características oníricas, simbólicas e míticas, mesmo que hebraizantes, tal como se observa na escola de Praga. Tampouco se orienta em direção a um iídiche oral e popular. E o caminho que o iídiche indica, ele o toma de modo totalmente diferente, para convertê-lo em uma escritura única e solitária. Já que o alemão de Praga é desterritorializado por várias razões, sempre se irá mais longe, em intensidade, mas no sentido de uma nova sobriedade e, com isso, se “arrancará” do alemão de Praga “todos os pontos de subdesenvolvimento que ele quer esconder”, empurrando-o a “uma desterritorialização que não será mais compensada pela cultura ou pelo mito, que será uma desterritorialização absoluta, ainda que lenta, colante, coagulada”. A ideia seria “estar em sua própria língua como estrangeiro”. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p.40-41).

E os filósofos concluem com uma reflexão que pode servir de ensejo não apenas para se repensar a obra do tcheco-alemão mas também outros autores que transitam entre outras línguas:

Servir-se do polilinguismo em sua própria língua, fazer desta um uso menor ou intensivo, opor o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressor, encontrar os pontos de não-cultura e de subdesenvolvimento, as zonas linguísticas de terceiro mundo por onde uma língua escapa [...]. Quantos estilos, ou gêneros, ou movimentos literários, mesmo bem pequenos, só têm um sonho: preencher uma função maior da linguagem, fazer ofertar de serviço como língua do Estado, língua oficial [...]. Ter o sonho contrário: saber criar um tornar-se-menor. (DELEUZE; GUATTARI, [1975] 1977, p. 41-42)

Deste modo, tendo como ponto de partida os artigos de Cornejo Polar ([1996] 2013) e Deleuze e Guattari ([1975] 1977), que se debruçam, respectivamente, sobre as obras de Arguedas e Kafka, mas sem deixar de atentar a outros estudos, uma vez que o

tema se relaciona de modo muito direto com questões que vivenciamos na atualidade, podemos afirmar que

Europa ha entrado en el siglo XXI, siglo que será sin duda de intensísimas migraciones, tambaleándose entre políticas restrictivas, catástrofes humanitarias y mucha incertidumbre. El cambio de signo migratorio producido en España a finales de los noventa parece habernos pillado desprevenidos, a juzgar por todas las veces que se repite en comentarios y opiniones sobre la cuestión, la calificación de “fenómeno nuevo”. (RUIZ, 2005, p. 102)

Esse fluxo migratório e as produções relacionadas a ele se dinamizaram na segunda década do século XXI não só na Europa, mas também na América Latina e, de modo bastante vigoroso, no Brasil. Entretanto, como é enfatizado em “Desterritorialización y literatura. Literaturas de exilio y migración en la era de la globalización” em relação à Espanha e pode ser pensado para outros espaços,

[...] probablemente ninguno de los investigadores que nos ocupamos de la literatura desterritorializada, sea ésta de exilio o de migración económica, calificaríamos de nueva para España la experiencia de desterritorialización. De ahí la relevancia, en un momento histórico como el que vivimos, de las conclusiones de los estudios que sobre ambos corpus literarios se han realizado, aunque éstas todavía no sean definitivas. (RUIZ, 2005, p. 102)

A partir do levantamento de um extenso *corpus* trabalhado de modo interdisciplinar, a autora assinala que os estudos sobre autores da chamada literatura desterritorializada contribuem para que se perceba a “experiência da memória, expressa de forma estética” e, como apontam as pesquisas realizadas, mas ainda em andamento, há uma recuperação da memória histórico-cultural e literária que não se esgota em si mesma. Ela se converte em uma possibilidade de conhecimento sobre a evolução e a viabilidade de identidades interculturais:

Y la virulencia con la que se manifiesta no nos deja duda de la relevancia de la pregunta que la actualidad formula – entre otras instituciones – al canon mismo: ¿son viables – y cómo – identidades interculturales? Dentro de las disciplinas literarias sólo hay un corpus que nos permite indagar en la respuesta: el corpus de la literatura desterritorializada, sea de migraciones económicas, exilios o migraciones proyectos. Probablemente nunca antes la literatura de exilios y migraciones se había manifestado tan relevante para las sociedades de su tiempo. (RUIZ, 2005, p. 110-111)

Ademais da própria tematização da migração ou da vinculação migratória de seus autores, a aproximação ao binômio Literatura e migração do ponto de vista acadêmico, conforme veremos neste número, foi abordada a partir de várias perspectivas metodológicas. Desde aquelas específicas que procuram gerar uma hermenêutica capaz de analisar não apenas a forma de narrar, mas também a interculturalidade da mesma língua na qual se narra, como é o caso da chamada “Literatura intercultural” na Europa

(RUIZ, 2013; 2017), até aquelas que aplicam metodologias de análise crítica do discurso a esse tipo de *corpus*. Como editores, somos conscientes de que essa variedade já exigiria, por si mesma, outro volume.

Diante dessas considerações preliminares, convidamos os leitores à leitura deste dossiê a partir da seguinte subdivisão: primeiramente, “A literatura de viagem como experiência do Outro”; em seguida, “O descobrimento da alteridade: a migração como tema literário da literatura nacional” e, finalmente, “Literatura intercultural: narrar a partir da vivência de desterritorialização”.

Na seção “A literatura de viagem como experiência do Outro”, Rodrigo César Dias, em “Entre ‘rios’: espaço, viagem e identidade em *Imagens do Brasil*, de Karl von Koseritz”, analisa relatos de viagem do jornalista e deputado teuto-alemão, escritos em 1883, e o modo como, ao narrar sua viagem e rememorar seu passado, ele destaca os dois movimentos de comparação estabelecidos pelo viajante. Primeiro, entre os países envolvidos: a Alemanha e Brasil. E, segundo, os “rios” representados: em um eixo geográfico (Rio de Janeiro x Rio Grande do Sul) e em um eixo temporal (Rio de Janeiro do presente x Rio de Janeiro do passado e Rio Grande do Sul do presente x Rio Grande do Sul do passado). Por meio da rememoração de lugares e paisagens que marcaram a experiência do autor, o eu-narrado emerge no discurso do eu-narrador, desvelando algumas das camadas de sua constituição identitária e possibilitando ao leitor breves momentos de navegação por ela.

Do mesmo período histórico, mas tratando do imaginário e do discurso ficcional amazônico, Juliano Fabricio de Oliveira Maltez, em “A Amazônia na ficção de José Veríssimo e Inglês de Sousa”, compara “O crime do tapuio”, de José Veríssimo, e “O gado do Valha-me-Deus”, de Inglês de Sousa, presentes, respectivamente, em *Cenas da Vida Amazônica* (1886) e *Contos Amazônicos* (1893). Maltez afirma que seu objetivo é explicitar o papel da literatura de viagem como possível suporte de correlação para a região amazônica, por meio de uma análise que se detém em compreender como o modelo do discurso científico, hegemônico do século XIX, dedicado ao estudo da natureza e sociedade americanas, tanto por seu caráter de organização de conhecimento, quanto por autoridade acadêmica e pela posição de seu enunciador referencial, serviu à ficcionalização da região.

Na segunda seção, “O descobrimento da alteridade: a migração como tema literário da literatura nacional”, temos estudos que tematizam a migração e o discurso migrante nos territórios peruano e brasileiro.

Rosane Cardoso aborda em “El testimonio de las cosas: la migración andina en *Hombres de mar*”, de Óscar Colchado Lucio. A obra de 2011, que faz parte de uma longa série intitulada “Cholito en los Andes”, seria, segundo Cardoso, uma evidente homenagem de Colchado a seu conterrâneo Arguedas. Nela temos um cenário caótico de línguas e vozes, onde são percebidos, além de vários personagens, muitos narradores e espaços variados, tais como mar, terra, selva, Andes, campo, cidade. Além disso, convivem no romance complexos universos como atividade sindical, prostituição, atividades políticas e estudantis, narcotráfico, entre outros. É nesse ambiente caótico que se deslocam os personagens migrantes da serra e falantes de quíchua para o centro urbano, Chimbote, onde lentamente se apropriam do castelhano.

Em “Narrativas de deslocamento: o lugar para sujeitos migrantes em escritas”, Clélia Gomes dos Santos e Ricardo Martins Valle, tratam do drama do retirante em fragmentos de *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), de Antônio Torres. O tema bastante presente em produções literárias brasileiras desde o regionalismo romântico, perpassa o naturalista do final do século XIX e é reiterado ao final do século XX. Mas também, como enfatizam, nas obras há o drama daqueles que não partem, o descentramento daqueles que, tendo resistido à retirada, sofrem as consequências de sua permanência, sem que isso signifique garantia de pertencimento, uma vez que o mundo se transforma, cada vez mais rápido e vertiginosamente e, com isso, desenraiza mesmo aqueles que ficaram. A prosa contemporânea de Torres apresenta esses dois lados por meio da construção de personagens como sujeitos deslocados que vivenciam experiências de instabilidades e sofrem uma fragmentação identitária e temporal fruto de deslocamentos forçados por situações de ordem social, econômica, cultural.

Na terceira e última seção, “Literatura intercultural: narrar a partir da vivência de desterritorialização”, apresentamos o artigo “Zélia Gattai e Norah Lange: espaços e culturas em deslocamento”, de Regina Simon da Silva e Ramón Diego Câmara Rocha. O estudo parte da produção de Gattai, de origem italiana, que imigrou para o Brasil e quando menina convivia com o dialeto veneziano e com a língua portuguesa; e de Lange, filha de um norueguês e de uma inglesa, que migraram para a Argentina e sua relação com o castelhano e outras línguas aprendidas ainda criança. As autoras relatam o amadurecimento feminino em terras estrangeiras, desde a infância à adolescência, enfrentando dúvidas e medos até o processo de tomada de consciência crítica de seus papéis como mulheres e escritoras no início do século XX. Nessas narrativas de memória,

pode ser percebido o processo de deslocamento cultural, que amplia a visão sobre questões de identidade e evidencia o movimento entre culturas, por meio do qual o projeto estético das autoras se insere na cultura latino-americana.

Também tratando de memória e gênero em um relato sobre migração, Maria das Graças Salgado, em “Gender, Memory, and Emotion in Exile Discourse: Stefan and Lotte Zweig’s everyday life in the tropics”, analisa as últimas cartas de Stefan e Lotte Zweig, escritas quando estavam no Brasil. A autora lança luz sobre questões de gênero, memória e emoção no discurso do exílio nessas cartas que retratam o contexto da guerra, da perseguição aos judeus e a outras minorias e de insegurança generalizada. Entretanto, o artigo enfatiza a questão de gênero presente no relato de Lotte, mulher culta e ativa socialmente, mas que, segundo a autora, não teria tido o devido reconhecimento na sociedade brasileira da época, sendo considerada apenas esposa de um intelectual famoso. O discurso epistolar do casal indica que, embora gostassem do Brasil, tinham grandes dificuldades emocionais no processo de integração à nova sociedade. De todo modo, Lotte teria uma visão mais ampla da condição do exílio.

Evidenciando os problemas em relação ao gênero, não mais na produção do século XX, e sim no XXI, o artigo “ ‘Como se Deus estivesse cuspiendo na gente’: O estigma da exclusão em *Amanhã, numa boa*”, de Davi Gonçalves e Kall Lyws Barroso Sales, nos apresenta o romance de 2006 de Faïza Guène, autora francesa de origem argelina. Nele, Doria, a protagonista descendente de marroquinos, narra a experiência de ser o indivíduo marginalizado em um ambiente multicultural. E a constatação de quanto essa situação é mais problemática para a mulher. A autora promove, por meio de uma linguagem coloquial, uma desromantização do discurso, apresentando estigmas de exclusão do sujeito (i)migrante nos quais sobrevivem a xenofobia, o racismo, o sexismo e a incompreensão na busca por uma inserção.

Em “As escritas de si – e do outro – na autobiografia americana de Dany Laferrière”, Mariane de Souza de Assis e Sandra Mara Stroparo analisam a produção do haitiano Dany Laferrière definida por ele como autobiografia americana. Os relatos de sua vida no Haiti até os 23 anos (ciclo haitiano) e de sua estada no Canadá e nos Estados Unidos como negro e migrante (ciclo americano) são permeados por situações ficcionais. O autor apresenta um narrador que se assemelha a ele mesmo, mas mescla suas memórias com situações puramente ficcionais, de modo que, ainda que se possa associar o narrador à pessoa do autor, não é possível determinar quais fatos foram vividos por Laferrière e quais o foram apenas por seu narrador. As autoras percebem que a obra se encontra em

uma fronteira tanto cultural quanto ficcional, pois explora o exílio, as relações interculturais e a multiterritorialidade, ao mesmo tempo em que se trata de noções como as de autor e narrador, biografia e ficção.

No artigo “Entre o norte e o sul. Duas experiências de migração em *Tempo de migrar para o norte*, de Tayeb Salih, Elizandra de Souza Pedro aborda o romance escrito pelo autor sudanês em 1966. Nele temos a narrativa de dois destinos transformados pela migração: a do narrador do romance e de Mustafa Said. A partir de experiências bastante distintas, são apresentadas consequências trágicas, tanto do ponto de vista da análise das personagens citadas, quanto para o entendimento do processo colonizador, que deixou cicatrizes profundas e devastadoras na colônia. É importante perceber que não se trata apenas de uma história sobre a migração de cada um e das consequências dela para a vida das personagens, mas do modo como o discurso colonialista se faz presente nas duas trajetórias. A narrativa ainda ilustra as consequências dessa migração para o destino da aldeia ao mostrar o personagem de Mahjub, que teve as mesmas oportunidades para migrar, mas decidiu permanecer e participar ativamente na vida da comunidade, tornando-se um líder e promovendo ações que estavam ao seu alcance para a coletividade.

Luíza Salgado Mazzola e Sheila Cristina dos Santos, em “Literatura e imprensa árabe: experiência migratória sírio-libanesa no Brasil”, apresentam a relação estabelecida entre o Brasil e o Oriente Médio no final do século XIX e início do XX, na produção literária dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil. Uma das manifestações dessa cultura foi a produção de livros, revistas e jornais em árabe, ou em árabe e português, e esteve marcada pela experiência dupla do imigrante, que procurava ao mesmo tempo preservar a cultura de seu país de origem em meio a um ambiente cultural distinto e se adaptar à cultura na qual se encontrava imerso. Nesse esforço, tais intelectuais lançaram publicações variadas como uma forma de se reafirmar enquanto comunidade no Brasil e produziram um literatura de cunho diaspórico, distinta da árabe produzida no Oriente Médio e marcada por uma reformulação da identidade do sujeito sírio-libanês, em que se valoriza tanto o lugar de origem quanto a nova terra.

Com isso, encerramos o número temático “O discurso migrante na Literatura. Literatura e migração: a(s) língua(s) do migrante” e esta apresentação, desejando a todos uma excelente leitura e reflexão.

Referências

CORNEJO POLAR, A. “Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno”. In: CORNEJO POLAR, A. **Crítica de la razón heterogénea: textos esenciales (I)**. Lima: Fondo Editorial de la Asamblea Nacional de Rectores, [1996] 2013, p. 97-109.

CUNHA, Roseli Barros. **Transculturação narrativa: seu percurso na obra de Ángel Rama**. São Paulo: Humanista/FAPESP, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka, por uma literatura menor**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, [1975] 1977.

RUIZ SÁNCHEZ, Ana. “Desterritorialización y literatura. Literaturas de exilio y migración en la era de la globalización”. **Migraciones y Exilios**, n. 6, 2005, p. 101-112.

RUIZ SÁNCHEZ, Ana. “La interacción lírica entre la lengua de escritura y lengua latente en la creación de un imaginario intercultural”. **Estudios filológicos alemanes**, n. 26, 2013, p. 479-488.

RUIZ SÁNCHEZ, Ana. “Literatura y multilingüismo: análisis de la lengua vivida (erlebte Sprache)”. **Revista de Filología Alemana**, n. 25, 2017, p. 59-78.

Entre “rios”: espaço, viagem e identidade em *Imagens do Brasil*

Rodrigo César Dias¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo propõe um estudo a respeito da relação entre espaço, viagem e identidade na obra *Imagens do Brasil*, do jornalista e deputado teuto-brasileiro Karl von Koseritz. Composto por 94 relatos de viagem, assinados entre 14/04/1883 e 11/11/1883, o volume apresenta uma narrativa da partida do Rio Grande do Sul rumo ao Rio de Janeiro, alongando-se sobre a experiência do autor na Corte. Busca-se entrever, neste trabalho, as maneiras como Koseritz, ao narrar o cotidiano fluminense ou ao rememorar seu passado, representa a si mesmo. Destacam-se, nesse sentido, os movimentos de comparação estabelecidos pelo viajante entre as pátrias adotadas (a Alemanha onde nascera e o Brasil onde se naturalizara) e entre os “rios” representados, seja no eixo geográfico (Rio de Janeiro x Rio Grande do Sul), seja no eixo temporal (Rio de Janeiro do presente x Rio de Janeiro do passado e Rio Grande do Sul do presente x Rio Grande do Sul do passado). Para tanto, mobilizo o mapeamento realizado por Ottmar Ette (2008) acerca dos lugares do relato de viagem e do conceito de fricção, cunhado pelo pesquisador, para pensar em como se dá a constituição identitária desse narrador-viajante na oscilação entre eu-narrador e eu-narrado.

Palavras-chave

Karl von Koseritz. *Imagens do Brasil*. Viagem. Espaço. Memória.

¹ Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculado à linha de pesquisa Literatura, Sociedade e História da Literatura.

Em *Literatura en movimiento*, Ottmar Ette (2008) caracteriza o relato de viagem como “aquela forma de escritura literária e científica na qual o escrever talvez tenha mais consciência de sua referencialidade ao espaço, sua dinâmica e sua necessidade de movimento” (ETTE, 2008, p. 23, tradução minha)². Entretanto, o autor pontua, em seguida, que, paradoxalmente, mesmo no estudo acerca dos relatos de viagem questiona-se pouco sobre seus lugares e/ou espaços. A partir dessa interrogação, a presente leitura propõe um estudo a respeito da relação entre espaço, viagem e identidade na obra *Imagens do Brasil*, de Karl von Koseritz.

O volume compreende 94 relatos, originalmente publicados no *Koseritz’ Deutsche Zeitung* e na *Gazeta de Porto Alegre*, que versam sobre a viagem realizada pelo autor em 1883, tendo como ponto de partida o bordo do navio “Rio de Janeiro”, que deixava o porto de Pelotas em 12 de abril rumo à cidade do Rio de Janeiro. Ao longo de sete meses de jornada, além dos relatos acerca de sua estadia no Rio, Koseritz reporta, ainda, as paradas pelo litoral brasileiro, contando com um breve retorno ao Rio Grande do Sul, que é apenas aludido, e com uma passagem por São Paulo após a despedida do Rio de Janeiro.

Posto isso, busca-se entrever, neste trabalho, as maneiras como o autor, ao narrar sua experiência na Corte ou ao rememorar seu passado, representa a si mesmo. Nesse sentido, ganham destaque os movimentos de comparação estabelecidos pelo viajante entre as pátrias adotadas (a Alemanha onde nascera e o Brasil onde se naturalizara) e entre os “rios” representados, seja no eixo geográfico (Rio de Janeiro x Rio Grande do Sul), seja no eixo temporal (Rio de Janeiro do presente x Rio de Janeiro do passado e Rio Grande do Sul do presente x Rio Grande do Sul do passado). Para tanto, lanço mão do mapeamento realizado por Ette (2008, p. 26-42) acerca dos lugares do relato de viagem e do conceito de *fricção*, cunhado pelo autor para pensar em como se dá a constituição identitária desse narrador-viajante na oscilação entre eu-narrador e eu-narrado.

Um breve excursão biográfico

² Na edição consultada: “aquella forma de escritura literaria y científica en la cual el escribir quizá tenga más conciencia de su referencialidad al espacio, su dinámica y su necesidad de movimiento”.

Nascido em Dessau, capital do ducado de Anhalt, a 7 de junho de 1830, Karl von Koseritz chega ao Rio de Janeiro em 1851 como grumete do veleiro “Heinrich”, “que transportava parte dos 1900 soldados e 52 oficiais componentes da ‘Legião Alemã’ que o Império mandara buscar para sua luta contra Rosas” (CARNEIRO, 1959, p. 8). Entretanto, como muitos outros integrantes da tropa – que viriam a ser conhecidos como *Brummers*³ –, Koseritz abandonou a Legião após chegar ao Rio Grande do Sul, estabelecendo-se em Pelotas no ano de 1852, depois de uma breve passagem pela cidade de Rio Grande. Após enfrentar diversas privações, encontrou na figura de Telêmaco Bouliech um protetor, conseguindo começar a trabalhar como professor particular, guarda-livros e, finalmente, ingressando no jornalismo (CARNEIRO, 1959, p. 9). Ainda em Pelotas, casou-se com a brasileira Zeferina Maria de Vasconcelos em 1855, mudando-se para a cidade de Rio Grande no mesmo ano, onde trabalhou como redator e se envolveu em disputas locais. Por conta desses conflitos – que vieram a se materializar em agressão física sofrida pelo jornalista –, o casal se viu forçado a se mudar para Porto Alegre em 1864.

Na capital da província, Koseritz assumiu a direção do *Deutsche Zeitung*, colaborando, ainda, em vários outros jornais – “alguns do Partido Liberal, outros do Partido Conservador, outros ainda apartidários como a *Gazeta de Porto Alegre*” (CARNEIRO, 1959, p. 10). Apesar dessa participação fluida entre veículos de imprensa alinhados a partidos políticos concorrentes entre si, o autor se pautava por uma agenda política liberal, posicionando-se contra o regime escravocrata, contra o latifúndio e tendo como questões centrais em sua atuação o incentivo à imigração, a defesa da pequena propriedade e a preconização da laicidade do Estado.

Koseritz incentivava a naturalização de colonos alemães como um meio de eles poderem se inserir na política, assim como o fez, sendo eleito deputado nas eleições provinciais de 1882. Em 1883 participa da fundação da Sociedade Central de Imigração no Rio de Janeiro, junto a nomes como André Rebouças e Visconde de Taunay, sendo escolhido como um dos presidentes de honra da organização.

Feita esta breve síntese biográfica, podemos partir para uma análise de *Imagens do Brasil*, não perdendo de vista o seu contexto de publicação. Para tanto, foi

³ Conforme Neumann (2011), o termo *Brummer* – “o que causa barulho, zunido” (KREUTZ, 1991, p. 22 apud NEUMANN, 2011, p. 110) – pode se referir ao fato de esses alemães serem “resmungões e questionarem o que se lhes oferecia. Ou, então, se chamam os mercenários de *Brummer* pelo barulho que faz na mesa o patacão pelo qual trabalham” (NEUMANN, 2011, p. 110-111).

empreendido um retorno às fontes primárias por meio da consulta às edições do *Koseritz' Deutsch Zeitung*, tendo por objetivo o contato com a materialidade do jornal e o levantamento de informações acerca da circulação do periódico.

Do jornal ao livro

Parte do processo de pesquisa que subjaz à presente leitura também se configurou enquanto deslocamento, ainda que no sentido de se revisitar o passado por meio do contato com a materialidade do jornal. Tal movimento, entretanto, foi limitado pela fronteira da linguagem, visto que os textos, publicados originalmente em alemão – e em tipografia gótica – na imprensa⁴, chegaram às mãos de um leitor que não domina o idioma. Por conta dessa limitação, não serão abordadas as possíveis alterações realizadas no texto em decorrência da edição e da transposição do jornal para o livro.



Figura 1: Cabeçalho. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 28 abr. 1883, p. 1
Fonte: ACERVO BENNO MENTZ, DELFOS/PUCRS.

O *Koseritz' Deutsche Zeitung* (1881-1906) era publicado às terças, quintas e sábados, tendo, em 1883, uma tiragem de 1.050 exemplares. A folha era vendida exclusivamente sob regime de assinatura – semestral ou anual para Porto Alegre (custando 5\$000 ou 10\$000, respectivamente) e anual para o resto do Brasil e para o exterior (custando 12\$000 e 14\$000 respectivamente). As edições pesquisadas do jornal dispunham de quatro páginas em formato *standard*, tendo seu conteúdo distribuído, de modo geral, da seguinte forma: na primeira página eram alocados artigos mais extensos, geralmente versando sobre política, e, no rés-do-chão, eram publicados romances

⁴ Não nos foi possível ter acesso aos exemplares da *Gazeta de Porto Alegre*, em que, segundo Abeillard Barreto (1972), foram publicados por Koseritz 169 textos em português referentes à viagem ao Rio de Janeiro em 1883.

seriados; na segunda página, eram dispostos textos mais breves, contando com informações comerciais e a *Kleine Zeitung* (a *Gazetilha*, seção com notícias e avisos pontuais); na terceira e na quarta página, por fim, eram alocados anúncios e publicações pagas.



Figura 2: Primeira página. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 29 mai. 1883, p. 1.
Fonte: ACERVO BENNO MENTZ, DELFOS/PUCRS.

Os relatos de Koseritz eram publicados na seção *Aus der Reise* [Da Viagem, em uma tradução livre], cuja periodicidade era variável, sendo condicionada às remessas de cartas realizadas pelo jornalista. Seus textos ocupavam quase toda a primeira página – excetuando-se o espaço reservado ao folhetim –, podendo avançar para a segunda página quando eram publicados dois textos da série em uma mesma edição do periódico. Considerando a localização e o espaço ocupado pela seção no jornal, podemos dimensionar a grande relevância a ela atribuída pelo editor do veículo.

Em 1885 é publicado pela editora de Wilhelm Friedrich, na Alemanha, o volume *Bilder aus Brasilien*, coletânea composta por 94 textos originalmente publicados na *Aus der Reise* e prefaciada por Alfred W. Sellin. Essa edição conta, ainda, com 18 imagens, que consistem em reproduções de paisagens naturais e urbanas (como o porto do Rio de Janeiro), de localidades abordadas nos relatos (como a Tipografia Nacional) ou cópias de ilustrações de indígenas encontradas no Museu Nacional. Sua tradução para o português só viria a ser realizada em 1941, por Afonso Arinos, sendo publicada pela Martins Editora em colaboração com a Editora da Universidade de São Paulo. Salvo engano, ainda não houve uma revisão da edição brasileira, considerando que a edição mais recente de que temos notícia, publicada em 1980 pela Itatiaia Editora (ver KOSERITZ, 1980) herda os erros tipográficos da anterior, além de reproduzir algumas informações equivocadas acerca da bibliografia de Koseritz⁵. Quanto às imagens, a edição brasileira não contempla as ilustrações provenientes do Museu, mas apresenta cinco figuras referentes a localidades em São Paulo que não estão presentes na edição alemã.

Uma cartografia das *Imagens do Brasil*

Para realizarmos uma leitura historicizada dos relatos de viagem de Koseritz, devemos levar em consideração, primeiramente, que seu texto se insere em uma longa tradição de relatos de viagem, o que possibilita a sedimentação de diversos procedimentos como tópicos do gênero; assim, a legibilidade do texto é condicionada pela sua relação com seus arquétipos, abstraídos a partir de longas séries de textos. Segundo Ottmar Ette, “os lugares do relato de viagem têm sido analisados, até agora, quase exclusivamente em seu aspecto referencial e externo ao texto, isto é, em sua realidade extralinguística” (ETTE, 2008, p. 42, tradução minha)⁶. Assim, o autor propõe quatro lugares da literatura de viagem, quais sejam, *a despedida*, *a culminação*, *a chegada* e *o retorno*, situados nos âmbitos intratextual e – incontornavelmente – intertextual.

Despedida

⁵ Na entrada bibliográfica correspondente à publicação de *Bilder aus Brasilien*, consta, por exemplo, que foram escritos apenas 94 artigos para o *Koseritz' Deutsche Zeitung*, quando, conforme a pesquisa realizada para este artigo, foram encontrados 114 textos publicados entre 1883 e 1884 no periódico.

⁶ Na edição consultada: “los lugares del relato de viajes se han analizado hasta ahora casi exclusivamente en su aspecto referenciable y externo al texto, es decir, en su realidad extralingüística”.

Partindo da proposição de Ette (2008), o primeiro relato de Koseritz, assinado em 14/04/1883, a bordo do “Rio de Janeiro”, contempla o lugar da *despedida*, começando com o seguinte quadro:

Página | 38

Depois de uma estada forçada de 8 dias em Pelotas entrei eu, finalmente, a 12 de abril, no navio “Rio de Janeiro”, que devia me conduzir ao Rio. O Porto de Pelotas oferecia, naquele dia, um aspecto muito animado. Mais de 40 navios ali se encontravam e, entre eles, os dois grandes paquetes “Rio Branco” e “Rio de Janeiro”. O “Humaitá” partia para Porto Alegre; o “Mirim” e o “Piratiniim” (antigo “Osório”) eram esperados de Jaguarão e o “S. Pedro” de Rio Grande (KOSERITZ, 1972, p. 1).

Após essa enumeração de embarcações, o autor faz um breve comentário a respeito da “sociedade” a bordo, destacando alguns nomes conhecidos. Entretanto, a atenção de Koseritz voltava-se para a barra, formação geológica situada no litoral de Rio Grande que frequentemente causava transtornos à navegação. No próximo parágrafo do relato temos, contudo, um salto imaginativo que desloca o texto de um registro mais “informativo” para um registro que se volta para a experiência passada do autor:

Como eu me lembro vivamente do dia em que ela [a barra] pela primeira vez surgiu-me à vista e de novo desapareceu! Foi a bordo do velho vapor “Paquete do Sul”, no ano de 1851. Sob temível temporal chegamos à vista da luz do farol, mas perdemos o leme e dois mastros, a máquina não funcionava bem e nós nos perderíamos se os bravos soldados alemães, que se encontravam entre nós, não tivessem feito um leme de emergência e não tivessem conduzido o velho barco, com sua máquina gemedora (cujos cilindros estavam amarrados a corda) de novo para Desterro, onde ficamos 20 dias.

Foi uma noite de terror e angústia para muitos, quando nós, entre o rugido das ondas, procurávamos inutilmente forçar a entrada na estreita barra, e eu penso de novo naquelas várias cenas e naqueles homens estimáveis que então se acercavam amistosamente de mim, principalmente o pobre dr. Khaleis, que conduzia à sua cabine os rapazes mortos de cansaço e encharcados até os joelhos, e lhes dava conhaque, para que se esquentassem (KOSERITZ, 1972, p. 2).

Do distanciamento marcado pelo narrador que inventariava os navios, passageiros e até mesmo os fenômenos geológicos que marcavam o percurso, chegamos à rememoração de uma lembrança remota, reconstituída no presente. O eu-narrador dá espaço para o eu-narrado, que recorda o terror e a angústia experienciados, lançando mão de recursos literários na composição da imagem e tornando-se matéria de seu discurso. Nesse sentido, é oportuno mobilizar o conceito de *fricção*, cunhado por Ette a partir da leitura de Genette (1993), no sentido de que, “entre os polos da ficção e da dicção, o relato de viagem nos leva, melhor dito, a uma fricção, posto que se evita o estabelecimento de

limitações bem definidas, assim como as tentativas de realizar amálgamas estáveis e formas mistas” (ETTE, 2008, p. 42, tradução minha)⁷.

Se retomarmos o lugar da despedida no relato de viagens, conforme a proposta de Ette, observamos que o caráter friccional recebe destaque nesse procedimento. Segundo o autor, essa despedida do “próprio” traz para o primeiro plano a “dimensão das vivências humanas intensas (a posição do eu-narrado)” (ETTE, 2008, p. 43, tradução minha)⁸. No caso de Koseritz, há uma construção peculiar, visto que a *despedida* registrada no presente da narrativa serve como gatilho para a lembrança da *chegada* no passado:

Agora recordo-me do dia em que, atravessando a barra com bom tempo, entramos finalmente em Rio Grande. Que infindável e tristonha impressão me causava a costa arenosa, que se abria diante de nós... O coração se me apertava, e eu não pressentia que esta província, que se me apresentava sob forma tão triste, seria para mim uma segunda pátria, a que eu me apegaria com todo o amor do meu coração e pela qual eu trabalhei como se ela fosse a terra do meu nascimento! (KOSERITZ, 1972, p. 2).

Observamos, pois, uma oscilação temporal da perspectiva narrativa em que o outrora se manifesta no agora, suscitando uma espécie de balanço da vida construída ao longo das três décadas que o autor vivera em sua segunda pátria. Assim, há uma ruptura do caráter “informativo” do relato de viagem, voltado para o plano referencial, operada por meio de uma emergência radical da subjetividade do narrador.

Culminação

Conforme Ottmar Ette, a *culminação* seria o ponto do relato de viagem ao qual o escritor atribui um lugar de centralidade, representado em sua leitura principalmente pelos primeiros contatos com o novo, em que a culminação se poria em cena como surpresa teatral (ETTE, 2008, p. 45-47). Nos relatos de Koseritz, contudo, o ponto de culminação representa menos um encontro com o novo do que um reencontro com o antigo – ainda que modificado ao longo das décadas decorridas desde o contato primeiro.

Às 9 horas descemos para o último almoço e quando deixamos a mesa o Pão de Açúcar estava à vista. Não via há muito tempo este velho amigo, a cujos

⁷ Na edição consultada: “entre los polos de la ficción y la dicción, el relato de viajes nos lleva mejor dicho a una fricción, puesto que se evitan el establecimiento de limitaciones bien definidas, así como los intentos de realizar amalgamas estables y formas mixtas”.

⁸ Na edição consultada: “dimensión de las vivencias humanas intensas (la posición del yo narrado)”.

pés se encontra a nossa antiga caserna da Praia Vermelha, e o encontrei sempre o mesmo. Sim, esses rochedos são criaturas felizes: lá está ele, o estranho pico, tal e qual como há 32 anos. E eu? Alguém que da florida mocidade passou à velhice, e que da juventude guarda somente recordações... Apesar de tudo cumprimentei ao sólido rapaz, sempre inclinado para um lado, como a um amigo querido. Lembrava-me ainda vivamente aquele dia em que a beleza dessa região paradisíaca fez, sobre a minha jovem e fresca sensibilidade, uma impressão impagável. Também a nossa entrada de então, no porto do Rio, veio-me vivamente à lembrança: via de novo os bravos camaradas, que, nas suas blusas, se debruçavam, de cabeças juntas, no convés do velho navio “Heinrich”, e observavam, com olhos prazerosos, a terra de que cada qual tanto esperava. De centenas de gargantas partiu o grito: “Viva a artilharia *brunsileira*!”⁹ Num banco estava o amigo Jansen, homem esbelto e belo como uma pintura, com uma tez de sangue e leite, cuja face imberbe era enfeitada por uma funda cicatriz, recebida na barricada de Elberfeld. Um alegre sorriso brincava-lhe na boca, não lhe faltava confiança em si: ele sabia que havia de fazer carreira, e que muitos pares de olhos encantadores lhe sorririam na terra do Brasil (KOSERITZ, 1972, p. 14).

Nesse texto, assinado em 24/04/1883, já na cidade do Rio de Janeiro, a paisagem novamente funciona como gatilho para o afloramento das memórias, contemplando não só a rememoração da primeira impressão causada no passado pela vista paradisíaca da cidade, mas também a lembrança dos antigos camaradas. Além disso, podemos vislumbrar nesse relato um entrelaçamento entre memória individual e coletiva, representando na remota chegada desses jovens que “olhavam a nova pátria cheios de desejos” (KOSERITZ, 1972, p. 15) a esperança de diversos imigrantes que já viviam no Brasil ou de indivíduos que viriam a migrar para cá.

Novamente há uma irrupção do eu-narrado no relato, que deixa de lado o registro referencial para realizar esse breve mergulho imaginativo, reafirmando o caráter friccional do texto. Em seguida, o narrador enquadra essa breve “fuga” da seguinte forma: “todas estas imagens vinham-me à lembrança, enquanto eu passeava no tombadilho ao lado do ministro [da agricultura], e ele me nomeava as fortalezas diante das quais navegamos rapidamente” (KOSERITZ, 1972, p. 15). Assim, a imaginação brota a partir de um momento de desatenção do narrador ao inventário de fortalezas feito pelo ministro.

Chegada

Ainda no texto assinado em 24/04/1883, Koseritz salienta a ocasião desfavorável em que chegara ao Rio, visto que a cidade enfrentava uma epidemia de febre

⁹ No original consta “*brumsilianische*”, que, conforme nota de Afonso Arinos, trata-se de um “trocadilho intraduzível, alterando a palavra ‘*brasilianische*’ com a introdução do radical do verbo ‘*brummen*’ que define o ronco de um canhão” (KOSERITZ, 1972, p. 14).

amarela; contudo, segundo ele – em um tom um tanto grandiloquente –, “o político é uma espécie de soldado, e deve marchar, ainda que seja para a morte” (KOSERITZ, 1972, p. 16). No entanto, será no próximo relato, assinado em 26/04/1883, que o viajante realizará uma síntese da experiência de estar novamente no Rio de Janeiro, que vem a contrastar com a apreciação da paisagem presente no texto anterior:

A primeira impressão do Rio não me foi nada favorável. A prevenção contra a febre reinante, o calor quase insuportável, numa época em que já gozamos, no Rio Grande, de uma temperatura fresca, as ondas de carros e “bondes”, (carris urbanos, puxados a cavalo), que se cruzam em todas as direções aos 5 e aos 6 de uma vez; o trânsito de multidões de pedestres, o grito insuportável dos pequenos vendedores de jornais, tudo contribui para confirmar as vantagens das pequenas cidades. E não é sem razão que o Rio pode ser interessante, mas não agradável (KOSERITZ, 1972, p. 17).

Ao longo desse texto, o autor expõe o caráter cosmopolita do Rio de Janeiro, destacando as lojas de artigos de luxo e as confeitarias que reuniam a elite intelectual da cidade. Não perdendo a oportunidade de comparar o Rio com o Rio Grande do Sul, Koseritz afirma que “ruas largas e regulares, como a [sic] da nova Porto Alegre ou principalmente da bonita Pelotas, não há muitas no Rio” (KOSERITZ, 1972, p. 17). Além disso, mas ainda no âmbito urbanístico, o jornalista, após relatar que se encharcara por conta de um temporal, comenta o seguinte: “é incrível como, na capital do Império, por uma chuva forte, as ruas e praças se vejam literalmente transformadas em rios e lagos. Porto Alegre não é tão ruim assim...” (KOSERITZ, 1972, p. 19).

Durante sua estadia no Rio, Koseritz teceu uma crônica pormenorizada do cotidiano e da política da Corte, marcados, em sua perspectiva, por um frequente entrelaçamento. O jornalista visitou diversas instituições públicas, como o Museu Nacional, as câmaras, a Casa da Moeda, a Faculdade de Medicina, entre outras, tendo como comensais algumas figuras proeminentes da política brasileira, como Henrique Francisco Ávila, o ministro da agricultura supracitado, e Afonso Pena, que sucederia Ávila em sua pasta após a queda do Conselho de Ministros em maio de 1883 e viria a ser, em 1906, presidente da república. Além disso, Koseritz é recebido algumas vezes por D. Pedro II e por Dona Teresa Cristina nas residências imperiais de São Cristóvão e de Petrópolis – ocasiões narradas com minúcia em seus relatos – e trava contato com o príncipe Henrique da Prússia, que fazia breve passagem pelo país prestando serviço como tenente da marinha alemã.

Entretanto, o evento ao qual podemos conferir centralidade durante o período de sua estadia é a fundação da Sociedade Central de Imigração. Em uma circular enviada

para ministros, políticos, parlamentares, jornalistas, comerciantes e capitalistas, assinada por Hermann Blumenau, Karl von Koseritz e H. A. Gruber e transcrita no relato de 10/10/1883, os autores afirmam que o Poder Legislativo brasileiro,

depois de ter posto em pé de igualdade com os naturais do país os cidadãos naturalizados e os não católicos, dirige a sua atenção para a grande naturalização e para o casamento civil, duas condições essenciais para a formação espontânea de uma corrente migratória para o Brasil. Mas a ação legislativa não basta. É necessário, fora dela, que seja feita propaganda tanto na Europa como no Brasil. É o que faz o louvável Comitê Central de Geografia Econômica, que, com apoio na sua filial do Império, faz há anos uma extensiva propaganda em favor do Brasil, uma propaganda que já atingiu belos resultados, fazendo convergir para o Brasil a atenção simpática dos centros de emigração. É tempo de semelhante propaganda encontrar apoio do lado brasileiro, principalmente nesta cidade, que concentra a vida oficial do país, por meio da iniciativa privada, pois a sociedade estrangeira a que nos referimos, tem o direito de saber que o Brasil corresponde aos seus esforços com igual atividade (BLUMENAU; KOSERITZ; GRUBER, 1883, n. p. apud KOSERITZ, 1972, p. 204-205).

Desse modo, a Sociedade Central de Imigração teria como propósito o fomento da divulgação da causa da imigração, à qual, segundo Koseritz, as províncias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina deviam o seu progresso. Para tanto, estavam entre os objetivos do órgão reunir estadistas, jornalistas e capitalistas do Brasil que apoiassem a causa e publicar um jornal para difundir sistemática e nacionalmente as vantagens da imigração, bem como para pressionar as câmaras e o Governo.

Esse projeto de imigração, contudo, tocava em questões bastante delicadas nos âmbitos político, econômico e social, visto que se pautava em uma ideia de policultura, na qual os imigrantes viriam a ser pequenos proprietários, e não mão-de-obra para o latifúndio. É curioso que durante sua estadia na Corte – e no mesmo mês em que a Sociedade Central de Imigração foi fundada –, outro visitante tenha chegado ao Rio para discutir questões referentes à imigração. Tratava-se de Tong King Sing, diretor da Companhia Chinesa de Navegação Mercante, que, conforme Rogério Dezem, “visava conhecer melhor nossa agricultura com o intuito de estabelecer uma linha marítima regular entre os dois países” (DEZEM, 2005, p. 102). Apesar do interesse manifestado pelos cafeicultores na imigração de chineses, o projeto não vingou, encontrando ampla oposição na imprensa e na opinião pública em geral, sendo representado recorrentemente como uma nova modalidade de escravidão.

Retorno

No dia 04/11/1883, Karl von Koseritz assina seu último relato em solo fluminense, realizando um breve balanço de sua temporada na Corte, que começa da seguinte forma: “minha última carta do Rio! Se me dissessem há seis meses que a minha despedida do Rio seria quase triste eu teria seguramente sorrido. E no entanto é assim; o homem é de fato um animal de hábitos, que a tudo se habitua, mesmo ao Rio... (KOSERITZ, 1972, p. 233).

Ao contrário do lugar atribuído por Ette ao *retorno* no relato de viagem, as *Imagens do Brasil* de Koseritz não abarcam a chegada ao Rio Grande do Sul, apenas a partida do Rio de Janeiro rumo à cidade de São Paulo, última escala antes de seu retorno para casa.¹⁰ Entretanto, este último relato escrito no Rio de Janeiro apresenta algo que pode ser aproximado ao caráter de consumação do ciclo narrativo próprio do *retorno* assinalado na perspectiva de Ottmar Ette (2008, p. 50-51).

A estada no Rio não foi sem vantagens para mim; vi muita coisa de novo, entabulei numerosas relações, vivi momentos interessantes, minhas vistas se alargaram e pude apreender as coisas como elas são, identificando as molas que dão movimento à máquina governativa. A vida na província, com as deficiências das nossas cidadezinhas, estreitaram minha visão; aqui ampliei o golpe de vista e tive momentos agitados, o que tudo deve dar frutos. Regresso assim renovado e com maiores forças para o velho meio. Muitas coisas que no nosso pequeno mundo de Porto Alegre me pareciam muito importantes são olhadas hoje por mim de forma diferente, e não compreendo como lhes atribuí tanto valor, quando a sua pequenez só devia me suscitar desprezo. Não quero dizer que o meu julgamento sobre o mundo do Rio tenha se alterado; não é isto. Penso agora, como antes, que aqui se respira um ar corrompido, não somente infectado pelo vírus da febre amarela, como, também, pelo micróbio de uma espécie de peste moral. A corrupção é grande e quase geral; e, se o Rio oferece tanta coisa bonita e boa (mas que custa infelizmente dinheiro e muito), é natural que todo mundo corra atrás do dinheiro (KOSERITZ, 1972, p. 233).

Desse modo, há uma disjunção do retorno ao próprio, que se dá a partir do balanço e da reavaliação da relação do narrador para com Porto Alegre suscitada pela experiência de viver no Rio de Janeiro por alguns meses, sem que haja uma coincidência com a localização espacial. O deslocamento se concretiza por meio da comparação entre Corte e província no âmbito discursivo, atualizando a representação de ambos os lugares através de uma dinâmica de reavaliação.

Considerações finais

¹⁰ Koseritz fizera um breve retorno para Porto Alegre ao final de junho de 1883, comentado em quatro relatos assinados nas cidades de Santos, Antonina, Paranaguá e Desterro; o texto imediatamente seguinte já foi assinado na cidade do Rio de Janeiro.

O coração se me apertava, e eu não pressentia que esta província, que se me apresentava sob forma tão triste, seria para mim uma segunda pátria, a que eu me apegaria com todo o amor do meu coração e pela qual eu trabalhei como se ela fosse a terra do meu nascimento! (KOSERITZ, 1972, p. 2).

Retomando este trecho citado anteriormente, é oportuno aqui pensar no termo *segunda pátria*, utilizado no relato, que não redundava em uma suplantação da *primeira pátria*, mas em uma relação de coexistência entre ambas. Partamos do princípio de que o *Koseritz' Deutsche Zeitung* participa na constituição de uma *comunidade imaginada*, considerando seu horizonte de recepção imediato. Conforme Benedict Anderson, a leitura dos jornais praticada pelo homem moderno

é realizada no silêncio da privacidade, nos escaninhos do cérebro. E no entanto cada participante dessa cerimônia tem clara consciência de que ela está sendo repetida simultaneamente por milhares (ou milhões) de pessoas cuja existência lhe é indubitável, mas cuja identidade lhe é totalmente desconhecida. Além disso, essa cerimônia é incessantemente repetida a intervalos diários, ou duas vezes por dia, ao longo de todo o calendário (ANDERSON, 2008, p. 68).

Seguindo por esta senda, em um plano hipotético, o jornal de Koseritz seria lido três vezes por semana por ao menos 1050 indivíduos fluentes em alemão, sendo que seu público seria formado majoritariamente por alemães radicados no Brasil e por brasileiros descendentes de alemães. Diferentemente do modelo de comunidade imaginada nacional proposto por Anderson, parece mais acertado pensar essa comunidade imaginada específica como uma *comunidade transnacional*, visto que seus integrantes situam-se em uma condição de liminaridade, em um espaço entre-nações.

Deslocando a leitura de Homi Bhabha acerca da globalização cultural pós-moderna para o contexto em questão, podemos pensar na condição dessa comunidade imaginada a partir da noção de *entre-lugar* elaborada pelo autor, caracterizada por enquadramentos duplos: “sua originalidade histórica, marcada por uma obscuridade cognitiva; seu ‘sujeito’ descentrado, *significado na temporalidade nervosa do transicional ou na emergente provisoriedade do ‘presente’*” (BHABHA, 1998, p. 297, grifo meu).

Nesse espaço intersticial, são produzidas identidades híbridas – hifenizadas, conforme Bhabha –, em que podemos identificar dinâmicas de regulação e negociação de “espaços que estão continuamente, *contingencialmente*, se abrindo, retraçando as fronteiras, expondo os limites de qualquer alegação de um signo singular ou autônomo de diferença [...]” (BHABHA, 1998, p. 301, grifo do autor). Com isso não se pretende afirmar que as comunidades nacionais são homogêneas em contraposição a essa

comunidade transnacional, e sim ressaltar o caráter de descentramento identitário-cultural *constitutivo* desta última, que se reflete, por exemplo, no lugar que sua literatura ocupa – ou não ocupa – nas historiografias literárias.¹¹

Após revisitar diversos estudos sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul tendo em vista o nexo entre imigração e imprensa, René Gertz conclui que os autores costumam tratar a imprensa de língua alemã

sob uma perspectiva muito alemã, como imprensa “alemã”, esquecendo-se de que era uma imprensa brasileira “em língua alemã”, onde questões referentes à Alemanha eram tratadas, muito provavelmente, com frequência maior do que em jornais de língua portuguesa. Mas esses assuntos não constituíam a razão da existência desses jornais. A preocupação central sempre foi a realidade política, social, econômica, cultural do Brasil e a inserção de alemães e teuto-brasileiros nessa realidade (GERTZ, 2004, p. 111).

Na percepção de Koseritz, por exemplo, seu periódico estava integrado à “imprensa alemã do Brasil” (KOSERITZ, 1972, p. 205)¹², amalgamando as duas nacionalidades. Estendendo essa categorização à produção do jornalista alemão e brasileiro, podemos depreender que o enquadramento intersticial de suas *Imagens do Brasil* não se restringe à condição de imigrante de seu autor ou ao escopo temático dos relatos, abarcando também o âmbito formal do texto. Por meio da rememoração, despertada sobretudo pelo reencontro com lugares e paisagens que marcaram a experiência do autor, o eu-narrado emerge no discurso do eu-narrador, desvelando algumas das camadas de sua constituição identitária e possibilitando ao leitor breves momentos de navegação por ela.

Referências

ACERVO BENNO MENTZ, DELFOS/PUCRS.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução por Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹¹ Gerson Neumann (2011) explora o caráter marginal da literatura teuto-brasileira, situada entre dois contextos, em uma espécie de não-local, visto que não é integrada nem à historiografia literária brasileira, nem à alemã.

¹² No original consta “*deutschen Presse für Brasilien*” (KOSERITZ, 1885, p. 299-300), o que abre margem para um sentido de direcionamento dessa imprensa para um público radicado no Brasil; ainda assim, esse público proficiente em alemão estaria, em boa medida, circunscrito pelas comunidades de origem ou descendência alemã.

BARRETO, A. Bibliografia de Koseritz atinente ao Rio Grande do Sul. In: KOSERITZ, K. **Imagens do Brasil**. Tradução, prefácio e notas por Afonso Arinos de Melo Franco. São Paulo: Martins Editora; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CARNEIRO, J. F. **Karl von Koseritz**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1959.

DEZEM, R. **Matizes do “amarelo”**: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

ETTE, O. **Literatura en movimiento**: espacio y dinámica de una escritura transgresora de fronteras entre Europa y América. Tradução por Rosa Maria S. de Maihold. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.

GENETTE, G. **Fiction and diction**. Tradução por Catherine Porter. New York: Cornell University Press, 1993.

GERTZ, R. Imprensa e imigração alemã. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (org.). **Imigração & imprensa**. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

KOSERITZ, K. **Bilder aus Brasilien**. Prefácio de A. W. Sellin. Leipzig/Berlim: Wilhelm Friedrich, 1885.

_____. **Imagens do Brasil**. Tradução, prefácio e notas por Afonso Arinos de Melo Franco. São Paulo: Martins Editora; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

_____. **Imagens do Brasil**. Tradução, prefácio e notas de Afonso Arinos de Melo Franco. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

KOSERITZ' DEUTSCHE ZEITUNG. Porto Alegre, 1881-1906.

NEUMANN, G. R. A busca por um local? Uma literatura sem lugar definido no contexto brasileiro. **Antares**, Caxias do Sul, v. 3, n. 6, p. 105-119, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/1218/945>>. Acesso em: 04/08/2018

BETWEEN “RIOS”: SPACE, TRAVEL AND IDENTITY ON KARL VON KOSERITZ’ *IMAGENS DO BRASIL*

Abstract

This article purposes a study concerning the relationship between space, travel and identity in *Imagens do Brasil*, written by the German Brazilian journalist and congressman Karl von Koseritz. Composed by 94 travel reports written between 04/14/1883 and 11/11/1883, the book presents a narrative about the departure of Rio Grande do Sul towards Rio de Janeiro, discarding mostly about the author’s experience in the capital. This paper tries to analyze the ways Koseritz represents himself through the Rio de Janeiro’s daily life narration. Thus stand out the comparisons established by the traveler between their homelands (Germany, where he was born, and Brazil, where he was naturalized) and between the “rios”[rivers] pictured (Rio de Janeiro x Rio Grande do Sul), comparing them in geographical and in temporal scope (past x present). Therefore I use the Ottmar Ette’s mapping about the travel’s report places and his concept of *friction* in order to explore how this traveler-narrator develops his identity in the oscillation between narrator and narrative’s matter’s roles he performs.

Keywords

Karl von Koseritz. *Imagens do Brasil*. Travel. Space. Memory.

Recebido em: 10/05/2019
Aprovado em: 19/12/2019

A Amazônia na ficção de José Veríssimo e Inglês de Sousa

Juliano Fabricio de Oliveira Maltez¹³
Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

Este trabalho propõe uma leitura da prosa ficcional “O crime do tapuio” de José Veríssimo e “O gado do Valha-me-Deus” de Inglês de Sousa, presentes, respectivamente, nos livros *Cenas da Vida Amazônica* (1886) e *Contos Amazônicos* (1893), que têm em comum a tomada ficcional do baixo Amazonas. Entendemos que o relato de viagem composto por expedicionários estrangeiros acarretou empréstimo estético e discursivo à narrativa amazônica, como os relatos produzidos por cientistas, dos quais se vinculou o “redescobrimto” da paisagem amazônica e suas lendas. Para uma análise mais detida fizemos uma breve contextualização da recepção crítica desta prosa ligada ao relato de viagem e, conseqüentemente, a presença deste último nas letras da Amazônia. As confluências entre o relato da ciência e a prosa de ficção resultaram dois tipos de narrativa literária. Uma de gênese científicista, na qual o narrador se apresenta como interventor da realidade local, e outra, de caráter nativista, em que vemos a perspectiva cabocla ribeirinha do amazonense. Contudo, a narrativa de José Veríssimo já pronunciaria a busca pela identidade local, linguagem mais adequada para representação do popular, como também, pode-se notar na ficção de Inglês de Sousa a reprodução da paisagem e interiorização do Brasil dentro das tradições do relato de viagem.

Palavras-chave

Relato de viagem. Narrativa amazônica. Prosa de ficção. Lendas e mitos.

¹³ Mestrando pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - FFLCH - USP.

Durante a segunda metade do século XIX uma literatura “provinciana” própria da região do baixo Amazonas imprimiria sua contribuição à prosa literária nacional. Dois autores da cidade de Óbidos produziam uma narrativa de imposição das “novas ideias” inicialmente refletidas no começo da década de 1870, segundo Silvio Romero, sobre os jornais acadêmicos e literários de Recife, recorda: “Todos os anos crescia o número dos combatentes; foram eles os primeiros que no Brasil promoveram a reação seguida e forte contra o velho romantismo teológico e metafísico” (ROMERO, 2002, p. 128).

Tratava-se de uma literatura empenhada, “obra esteticamente anacrônica”, nas palavras de Antonio Candido, a qual teve sua primeira fase de consciência do subdesenvolvimento, ainda que de forma mais inicial, ao jugo econômico e político dos padrões metropolitanos e europeus, naquela referida guinada dos acadêmicos e literatos de Recife. E que, no caso específico amazônico

atraiu romancistas e contistas brasileiros, como José Veríssimo e Inglês de Sousa, desde o começo do Naturalismo, no decênio de 1870 e 1880, em plena fase pitoresca: que é matéria de *La Vorágine*, de José Eustasio Rivera, meio século depois, situado entre o pitoresco e a denúncia (mais patriótica do que social); e que veio a ser elemento importante em *La casa verde*, de Vargas Llosa, na fase recente de alta consciência técnica, onde o pitoresco e a denúncia são elementos recessivos, ante o impacto humano que se manifesta, na construção do estilo, com a imanência das obras universais. (CANDIDO, 1989, p. 158).

Partindo da tese de Roberto González Echevarría em *Mito y archivo: una teoría de la narrativa latinoamericana* (2000), na qual as relações que a narrativa estabelece com formas de discurso não literárias são muito mais produtivas e relevantes do que as que têm sua própria tradição, escolhemos por uma análise que se detenha mais em compreender como o modelo do discurso científico, hegemônico do século XIX, dedicados ao estudo da natureza e sociedade americanas, seja por seu caráter de organização de conhecimento, seja por autoridade acadêmica e pela posição de seu enunciador referencial serviu à ficcionalização da região amazônica. Importante salientar

o contingente expressivo de relatos publicados resultantes de diversas expedições ao vale amazônico¹⁴.

O objetivo é relacionar a forma da narrativa curta com um imaginário ou discurso amazônico, e para isso, pode-se explicitar o papel da literatura de viagem como um possível suporte de correlação para a região amazônica, observado por Mary Louise Pratt sobre os relatos de Alexander von Humboldt (1769-1859) como textos que serviam ao público europeu como reinvenção “ligada a prospectos de grandes possibilidades expansionistas” (PRATT, 1999, p. 197) e tinham como características formais “combinar a especificidade da ciência com a estética do sublime”. (PRATT, 1999, p. 213). Neste entrecruzamento da história e da ficção como criações discursivas, resulta uma obra que influenciou até mesmo os textos crioulos de independência hispano-americana com um propósito de subjetivação da elite local.

Os livros *Cenas da Vida Amazônica* de José Veríssimo (1857-1916) e *Contos Amazônicos* de Inglês de Sousa (1853-1918) recentemente tiveram novas edições pela editora Martins Fontes, coleção “Contistas e Cronistas do Brasil”. No caso de *Contos Amazônicos* há outra edição pela Universidade Federal do Pará, de 2005, e que também procura resgatar escritores da região que ficaram esquecidos do grande público. Acompanhando essas novas edições, alguns textos críticos ampliam a fortuna crítica dos autores que deixam de ocupar apenas a designação classificatória da escola naturalista e passam a ser percebidos dentro de um contexto de maior complexidade.

1. O relato de viagem amazônico no século XIX

A experiência de Euclides da Cunha na Amazônia foi, como muitos escritores que procuraram descrever aquela natureza, mediada por um número relevante de textos, produzidos por viajantes estrangeiros,

Calei um desapontamento; e no obstinado propósito de achar tudo aquilo prodigioso, de sentir o másculo lirismo de Frederico Hartt ou as impressões “gloriosas” de Walter Bates, retraí-me a um recanto do convés e alinhei nas folhas da carteira os mais peregrinos adjetivos, os mais roçagantes substantivos e refulgentes verbos com que me acudiu um caprichoso vocabulário... para ao

14 A “Coleção Reconquista do Brasil” editado pela Editora Itatiaia e pela Editora da Universidade de São Paulo trazem grande parte destes relatos, reproduzidos integralmente. Também, podemos citar a contribuição de João Meirelles Filho com *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira: 1500-1930*, no qual acabamos por ter um panorama do que foi esta série de viagens à região.

cabo desse esforço rasgar as páginas inúteis onde períodos muito sonoros bolhavam, empolando-se, inexpressivos e vazios. (CUNHA, 1975, p. 157)

Vívidos em resgatar esse mundo que lhes figurava um grandíssimo laboratório das espécies animais e vegetais. O “lirismo” de Hartt, as impressões “gloriosas” de Bates, referidas por Euclides da Cunha em seu pronunciamento de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1906, projetava mais do que uma experiência particular de enfrentamento com aquela paisagem, mas a impossibilidade de criar uma impressão sobre o que se via, sem a mediação dos relatos de viagem dos expedicionários.

As expedições científicas na Amazônia brasileira ocorreram de forma mais efetiva depois das diversas ações deliberativas de D. João VI durante sua administração, favorecendo a política de “expansão civilizadora” e permitindo a entrada do viajante estrangeiro. Se Alexandre Von Humboldt (1769-1859) não pôde adentrar os limites da Amazônia brasileira na passagem do século XVIII para o XIX, o casamento estabelecido pelo filho do monarca e a arquiduquesa da Áustria, duas décadas depois, juntamente com diversas negociações, favoreceram a Expedição Literária ao Brasil, lideradas por Johann Baptist Von Spix (1781-1826) e Karl Friedrich Phillip Von Martius (1794-1868), o início de uma série de expedições que tiveram seus interesses garantidos por aquilo que elas poderiam ofertar de conhecimento científico ao território tão “ignoto”.

2. Entre o relato da ciência e a prosa de ficção

Em “Tipologia histórica do romance”, ensaio escrito por Mikhail Bakhtin entre 1937 e 1938, compõe-se um estudo histórico do gênero que segundo o princípio de construção da imagem da personagem central resultam tipos de romance. No romance de viagem a personagem é “um ponto que se movimenta no espaço, ponto esse que não possui características essenciais nem se encontra por si mesmo no centro da atenção artística do romancista” (BAKHTIN, 2010, p. 205). O narrador itinerante na sua concepção espacial e estática de mundo permite diferentes situações contrastantes. Entende-se dissociado do espaço, sem laços socioculturais em terras distantes; a débil ausência de tempo histórico acaba produzindo um narrador interessado pelo “exotismo”, naquilo que lhe é estranho. Na ótica do reconhecimento medieval, renascentista ou mesmo da antiguidade grego-romana, o relato de viagem serviu como recepção de culturas orientais, dentro de uma cosmovisão eurocêntrica. E mais tarde, no período das

Grandes Navegações, com a chegada das nações europeias em outros pontos do globo, este gênero foi determinante na constituição das narrativas locais.

Ainda segundo o entendimento de Roberto Gonzáles Echevarría, o relato de viagem produzido sobre a América do Sul do século XIX, orientou as novas literaturas:

Página | 52

Este discurso tinha sua própria retórica, que difere consideravelmente da que hoje em dia identificamos como científica. Os viajantes escreveram narrações em forma de diários e relatos de viagens que não eram de todo alheios à literatura. Em realidade, existia uma complexidade promiscua entre a literatura e a reportagem científica que se fez relativamente fácil aos escritores latino-americanos assimilar estes textos. (ECHEVARRÍA. 2000, pp. 141-142)¹⁵

Em um processo dialético de imitação e distorção daquele discurso hegemônico que vibrava em favor da ciência moderna trazida por estes naturalistas, elaborou-se uma nova narrativa na qual os “bárbaros” protagonizavam, mas o único meio de capturá-los era a partir deste modelo.

A invenção da Amazônia correspondendo ao imaginário consolidado por inúmeros textos literários e não-literários empregou várias antíteses de criação europeia: debilidade/pujança, inferno/paraíso, sensualidade/inocência, etc. Desta imposição cultural, Neide Gondim assinala duas faces dessa tradição:

A existência, no entanto, da variedade racial e cultural, forçou a abertura de novos rumos da reflexão sobre o homem e a natureza, alargada e enriquecida pela visão diferenciadora. Mas dentro dessa ótica aparece o qualificativo antinômico que poderá estigmatizar ou reconhecer a diversidade. (GONDIM, 1994, p. 39)

Diferente de outras literaturas nacionais que se fizeram de problemáticas sociais e de outros interesses, a literatura da região amazônica foi predominantemente composta pelo sulco fundamental de suas lendas e mitos, amparadas pelo olhar dos viajantes que ocupavam um lugar privilegiado no mundo das letras comparado aos escritores nativos da região. Estes últimos, gradativamente se aproximam da visão ribeirinha, daquele ser “original” amazônico que, de acordo com Paes Loureiro, representa na figura do caboclo o ser de uma cosmovisão, na qual a relação do homem com a natureza estaria “imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural” (LOUREIRO, 2015, p. 77).

¹⁵ Tradução nossa.

Ergue-se de um lado uma narrativa literária mais dependente da orientação pragmática, de pretensão objetiva, enquanto na outra margem, uma narrativa cúmplice das lendas e mitos advindos da oralidade.

3. “O crime do tapuio” como gênese da literatura do baixo Amazonas

A narrativa ficcional “O crime do tapuio” procurava expor um dos problemas sociais da Amazônia, o semi-escravismo incorporado no seio das relações familiares:

Mal completara Benedita os sete anos, quando os pais, uns pobres caboclos do Trombetas, deram-na ao Felipe Arauacu, seu padrinho de batismo, que a pedira e fizera dela presente à sogra.

– Aqui ‘stá! – disse-lhe –, que eu lhe trouxe pra dar fogo pra seu cachimbo. Desde esse dia começou aquela criança uma triste existência.
(VERÍSSIMO, 2011, p. 77)

A menina Benedita chegava à casa da velha Bertrana em sítio localizado no lago Iripixi, no Trombetas, devendo atender no auxílio de todas as necessidades da casa e da senhora enferma. Descrita pelo “péssimo caráter” e um aspecto físico que lembrasse “uma espinha de peixe”, a senhora gastava todo o tempo na rede instalada na sala, gritando “com uma voz esganiçada” à pequena Benedita.

Sobre o tema do escravismo indígena, os pesquisadores Agassiz relatam: “Além dessa escravidão virtual, existe um verdadeiro comércio de índios. As autoridades bem que fazem para se opor a ele, mas são impotentes” (AGASSIZ, 2000, p. 239). A escravidão virtual era decorrente do sistema de endividamento, por meio do qual as populações indígenas menos “civilizadas” eram persuadidas a exercerem atividades contínuas. Mas, ao mesmo tempo em que se procura protestar contra a condição das populações ribeirinhas, os estudos etnográficos estigmatizam seus hábitos “miscigenadas”, diria o cientista numa passagem de “Cena noturna. As mulheres e o fumo”: “Mais de uma senhora (...) gosta de fumar seu cachimbo, balançando-se na rede durante as horas quentes do dia” (AGASSIZ, 2000, p. 262). A construção da personagem Bertrana conjuga o ócio da rede ao hábito do fumo:

Ela ficava fumando devagar, compassadamente, o cotovelo agudo espedado nos joelhos, a mão aguentando o tubo do cachimbo com os olhos fitos num trecho do terreiro que aparecia pela porta aberta em frente da rede, batendo os beijos um no outro a chupar as fumaças, em uma posição indolente de vadiagem satisfeita. (VERÍSSIMO, 2011, p. 79)

Relaciona-se esta imagem da personagem tendo tudo à mão à expressão de seu genro, no momento em que oferta sua afilhada para a lida exploratória: “eu lhe trouxe pra dar fogo pra seu cachimbo” (VERÍSSIMO, 2011, p. 77), coincidente à perspectiva do viajante.

A primeira parte de “O crime do Tapuio” transcorre-se na sala de “terra batida” do sítio, onde se reproduz a “interminável” enfermidade da sogra de Felipe Arauacu, fazendo notar outro hábito geral das populações ribeirinhas do Amazonas, o uso das “puçangas”, gritava Bertrana à menina:

Agora era para dar-lhe um remédio dos muitíssimos que constantemente tomava, contidos nos vasos de barro que formavam, arrumados no chão por detrás da rede, uma espécie de bateria de botelhas elétricas. Em cada uma daquelas pequenas “chocolateiras” de bojo esférico e pescoço cilíndrico, havia um cozimento, uma infusão, um chá, uma droga qualquer, composta de vegetais. (VERÍSSIMO, 2011, p. 80)

Em nota ao quarto capítulo de *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*, tratando da passagem de Martius pelo rio Negro, encontra-se uma referência aos conhecimentos medicinais dos índios: “Das plantas medicinais e remédios (*poçanga*), em geral têm eles a mais obscura noção, quase sempre supersticiosa e inculcada pelos pajés” (SPIX, 1981, p. 254). O viajante, ainda que maravilhado com a variedade das plantas, desprezava a forma como elas serviam às comunidades indígenas; a administração das drogas aos enfermos em meio a rituais. Ainda que conivente com o discurso científico que Martius e Spix representam, o narrador, em “O crime do tapuio”, não deixa de apresentar todo um inventário de “puçangas” e suas benesses:

Para as dores nas costas tinha leite de amapá e para as do peito tinha o de ucuuba. E mais, jarauassica e folhas de café para regularizar as funções; a milagrosa caamembeca por causa das diarréias, a que era atreita; morurê e manacá contra as dores de origem suspeita; sucuuba com mel de pau para tosse; caferana e quina, de prevenção, por causa das sezões endêmicas no Trombetas; (...). (VERÍSSIMO, 2011, pp. 80-81)

O domínio sobre as folhas, raízes ou cascas, medicamentos em geral extraídos da mata, estavam ligadas a personagens de costumes “primitivos”, dessas populações que se automedicavam e estabeleciam relações sociais reprováveis. Entretanto, a enumeração de medicamentos dentro da narrativa ficcional corresponde à organização do conhecimento de origem popular, como os relatos expedicionários com fins científicos

submeteram à classificação tudo que viram, mesmo que em desacordo ao mundo que não separava a experiência física da espiritual.

Fechando os contornos da personagem em relação a sua convalescência, a velha senhora quando deixava expor suas angústias a qualquer interlocutor, desenvolvia a seguinte linguagem: “– Ai! Nem me fale... Não possozinho ir longe. Esta lua a modo que tenho passado pior, paresque não chego à outra... Ai Jesus!” (VERÍSSIMO, 2011, p. 83). As características da fala da personagem como descritos e os hábitos das populações ribeirinhas do baixo e médio Amazonas resultam de uma série de estudos alcançados por Veríssimo. Em “A linguagem popular amazônica”, presente no segundo número da *Revista Amazônica* (1883-1884), discorria sobre uma série de características das línguas indígenas da região que, de algum modo, davam ao português falado pelos habitantes do vale amazônico uma peculiaridade regional. Como se pode verificar no uso do verbo “possozinho” ou na aglutinação em “paresque”, formas em acordo com a morfossintaxe indígena, quando o verbo recebe sufixação de diminutivo ou aparece aglutinado a uma palavra gramatical. A percepção de linguagem do autor está de acordo aos estudos etnográficos que já apontavam pela necessidade da compreensão da língua no outro, naquele sentido de construção cultural, resultado em grande parte do contato dos cientistas com as populações mais “isoladas” do globo.

Na segunda parte do conto temos a entrada de José Tapuio e o retorno ao tema do escravismo:

Era um índio; chamavam-lhe em casa José Tapuio.
Era um caboclo escuro, membrudo, forte, mas de fisionomia, coisa rara neles, por vezes risonha. Vendido aos quinze anos por um machado e uma libra de pólvora a um regatão do Solimões, entrara na civilização pela porta baixa, mas amplíssima, da injustiça. Havia quinze anos também que fora prisioneiro da tribo inimiga que o vendeu, quando Felipe o trouxe daquelas paragens, onde estão se achava, como seu agregado. (VERÍSSIMO, 2011, pp. 87-86)

Seria José Tapuio o responsável em aliviar os dias ruins de Benedita, afeiçoando-se à menina, entregando sempre um presente “de volta da pesca ou do mato”, e chegando a odiar a velha Bertrana; resolutamente, “fizera no mais recôndito do seu pensamento o propósito firme de livrá-la da velha” (VERÍSSIMO, 2011, p. 89).

Para êxito duma narrativa que procurava expurgar o escravismo indígena, por meio dos estudos etnográficos dos viajantes estrangeiros e nacionais, e posteriormente, com seus próprios estudos das populações amazônicas, Veríssimo enquadrou o seu tapuio, igualmente, pela tese de sua importância econômica à região.

Como podemos lembrar com *O Selvagem*, Couto de Magalhães reconheceu a figura maior da região – “As indústrias extrativas do norte estão no mesmo caso, e só vivem e medram porque existe o tapuio, e já representam nas províncias do Pará e Amazonas uma exportação de doze mil contos anuais” (MAGALHÃES, 1975, p. 68) – comparando o tapuio da Amazônia ao caipira de São Paulo e Paraná, ao caboré de Goiás e Mato Grosso, ao gaúcho do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, todos de “raça mestiça” que contribuía ao desenvolvimento da América do Sul.

Embora se criasse com a nova narrativa “moderna”, em contraponto às narrativas do Romantismo, esse novo herói, fruto de uma série de estudos etnológicos que estavam ligados à teoria evolucionista, paradoxalmente, deixava-se levar por reflexos românticos, descrições paisagísticas: “De cima, da cerrada abóboda de verdura, descia uma grande sombra triste, que, reunindo-se ao silêncio absoluto da sombria paisagem, dava-lhe não sei que tétrico aspecto de ruínas” (VERÍSSIMO, 2011, p. 91). Neste trecho, a descrição da floresta é dada como um grande cenário, onde a “abóboda de verdura” está bem próxima da transfiguração da natureza realizada pelos relatos de viagem à Humboldt: “(...) sobre a estreita trilha líquida, na sombra quase negra, sob os arcos espessos dos cipós que o cobrem com suas abóbadas” (AGASSIZ, 2000, p. 172).

O “silêncio absoluto” e o “tétrico aspecto de ruínas” contribuem numa gradação de imagens que, captadas pela visão, pelo tato e audição, conduzem o leitor à imagem final duma floresta a partir da estética do sublime. Segundo algumas técnicas postuladas por Edmund Burke, no sentido de suscitar a ideia do sublime, verificam-se os efeitos que podem elevar o objeto *floresta* na exploração da incidência da luz, na falta de ruídos ou sons, na precariedade final de certo arranjo envelhecido. Tudo isso, em função da indução fantasista, “a imaginação constitui a mais ampla esfera do prazer e da dor, dado ser ela o campo de nossos temores e de nossas esperanças, (...)” (BURKE, 1993, p. 26), como mais uma ponte de empréstimo de mão-dupla entre ficção e não ficção.

Nesta altura da narrativa, sucede uma quebra mais brusca no encadeamento da trama, algo que Flora Sússekind aponta como “olhar ‘miúdo’ de naturalista ou comerciante, mãos de cartógrafo ou paisagista, colhendo o que vê, ‘museu de tudo’, enquanto repete a nota única, o itinerário a uma paisagem-só-meta (...)” (SÜSSEKIND, 1990, p. 64). O narrador, ademais da história que está narrando, tem a necessidade de intercalar ao conflito humano a descrição das matas e os perigos que se escondem nela. O leitor é conduzido junto ao jacumã da montaria, o lugar à frente da embarcação, quando o tapuio é surpreendido no igapó por uma Cobra-Grande. Esta cena do encontro entre o

tapuio e a “sucuriju enorme” não tem uma implicação direta sobre a história narrada¹⁶, pois o percalço pelo qual José passa é da esfera de seu cotidiano: “Terminando este incidente, José seguiu tranquilamente a sua derrota através dos embaraços do igapó, que todos salvou com admirável perícia” (VERÍSSIMO, 2011, p. 93). Entretanto, não é curta a descrição deste embate entre “homem e meio”, por onde a cobra é muito mais a extensão da mata vista pelo discurso cientificista em choque com o humano do que a representação de alguma força sobrenatural: “desenroscou-se de sobre um tronco apodrecido de uma velha árvore derrubada pela ação das águas, e silvou no ar na direção do índio” (VERÍSSIMO, 2011, p. 91). A cobra surge na descrição depois de um movimento da embarcação, e sua aparição não traz outro sentido que o ataque de um animal ameaçado em seu habitat. O narrador deixa mais evidente sua orientação discursiva quando, vencida a luta pelo tapuio, faz a seguinte observação:

Chegando ao cabo, saltou em terra, puxou a canoa por sobre a areia escura da margem e, tomando de dentro a cabeça da sucuriju, jogou-a por sobre a mata, o mais longe que pôde. Era uma precaução, para que o tronco da cobra se não viesse juntar à cabeça e se refizesse, como ele acreditava ingenuamente. (VERÍSSIMO, 2011, p. 93)

Desprezando a credence do tapuio como todas as credences populares que habitam o imaginário amazônico, o narrador em “O crime do tapuio” segue a mesma linha discursiva percebida no ensaio sobre as populações amazônicas: “O selvagem, quer a grande família tupi-guarani, quer a tapuia, estava, em religião, no período fetichista, quando teve lugar a descoberta” (VERÍSSIMO, nº 6, 1883, p. 205). Em *Tradições, crenças e superstições da Amazônia*, desmistificam-se algumas lendas como o boto ou *uyãra* do índio, a ave *acauan*, o pássaro *uirapuru*, o *matin-tapere*, entre outras credences. O descarte do maravilhoso em relação aos mitos populares da região amazônica está em plena comunhão com a retórica do narrador “científico”, que também as descreveu, mas ressentido da associação entre ficção e fantasia, buscando uma narrativa comprometida com a “verdade”.

Após a cena do embate entre homem e animal, José chega ao sítio da velha Bertrana, e se depara com a menina em prantos do lado de fora da casa, aproximando-se de Benedita, “esforçando-se por ameigar a voz: – Não chora...” (VERÍSSIMO, 2011, p.

16 A descrição do embate entre a cobra e o homem sem implicação direta sobre a unidade da ação geral contraria o modelo de conto do século XIX que “exige que todos os seus componentes estejam galvanizados numa única direção e ao redor dum só drama” (MOISÉS, 1985, p. 21).

95), consegue levar em fuga a pequena: “Ela agarrava-se a ele, espavorida, os olhos fechados com medo de abri-los à lúgubre escuridão do bosque. Ao cabo de uma hora chegaram à beira do igapó, onde ele deixara a canoa pela manhã” (VERÍSSIMO, 2011, p. 95).

Resoluta a ação do rapto, chega-se a última parte da narrativa, com um salto no tempo e no espaço, a mudança drástica da área rural para a cidade de Óbidos, o leitor é levado à cena do julgamento: “O juiz de direito – um homem baixo, gordo, calvo, solenemente encasacado – entrou na sala, foi sentar-se entre o promotor público e o escrivão (...)” (VERÍSSIMO, 2011, p. 96). A introdução por mais um cenário e da entrada de outros personagens, talvez, faça com que se descarte a presença da personagem Bertrana: “A velha Bertrana não pudera ser ouvida, porque as suas muitas doenças não lhe permitiam vir a Óbidos (...)” (VERÍSSIMO, 2011, p. 105), e outra motivação, soma-se ao tema da escravidão indígena à debilidade institucional dos poderes públicos.

Após o juramento de todos participantes sobre “uma pequena Bíblia falsa” o juiz chama o réu para junto de sua mesa lhe obrigando a responder uma série de perguntas, sobre as quais José contestava de forma monossilábica “Eê”, ao contrário da destreza que apresentava na vida da floresta, falta-lhe habilidade em se desvencilhar da trama judicial do meio cidadão. Não se tratava apenas de mostrar a não adaptabilidade de José ao meio civilizado, mas a descrição queixosa do sistema jurídico daquela província. Um promotor carregado de “eloquência retórica e fofa dos adjetivos pavorosos, horríficos e sofrivelmente afrontosos que o zelo irresponsável dos “órgãos da justiça pública” atira com uma mal usada coragem à cara de um infeliz (...)” (VERÍSSIMO, 2011, p. 109). Ou ainda, do lado da defesa, o exemplo letrado do discurso religioso, não mais o “fetichista” popular da personagem Bertrana, mas o institucionalizado pela Igreja Católica:

Não negou o fato, nem teve entusiasmo de defensor; cumpria apenas um dever imposto pelo magistrado que o nomeara curador do réu – por cuja defesa a municipalidade lhe daria trinta mil-réis. Falou friamente, num pobre filho das selvas que mal recebera as águas lustrais do batismo sem as grandes lições de moral cristã, da divina moral do sublime mártir do Gólgota, a única – afirmou – verdadeira, a única capaz de livrar o homem do domínio do crime. (VERÍSSIMO, 2011, p. 111)

Arrumando ao final, devido à falta de provas contra o acusado, a condenação perpétua de José Tapuio. Alguns dias depois da sentença, a menina Benedita chegava à cidade acompanhada de seu pai, esclarecendo ao juiz o ato de coragem e não de crime do “pobre tapuio”.

A primeira parte da narrativa é um quadro de costumes, apanhando-se o tipo feminino nos hábitos cotidianos, contudo não deixando de expor o tema da escravidão. Na segunda parte, temos a descrição do homem no trato com o meio selvagem que o cerca, a imagem obscura da paisagem e a luta do tapuio ou caboclo, o ser ribeirinho com a Cobra-Grande sem referência favorável ao imaginário popular. E na última parte, a cena do júri, o julgamento dum possível assassinato, a crítica institucional ao encaminhamento da pena sem provas concretas. Resumindo, podemos interpretar esta narrativa ficcional sendo, ao lado de outras, gênese de uma literatura da região amazônica, que esteve necessariamente por baixo da imposição hegemônica do relato de viagem cientificista, daquele lado mais estigmatizado.

4. “O gado do Valha-me-Deus” naquele sertão central

A narrativa ficcional “O gado do Valha-me-Deus” pertence aquele deslocamento itinerante ao profundo, de terras não alcançadas por ninguém, de paisagens inigualáveis e animais assustadores:

Sim, para além da grande serra do Valha-me-Deus, há muito gado perdido nos campos que, tenho para mim, se estendem desde o Rio Branco até as bocas do Amazonas! Já houve quem o visse nos campos que nos deu a primeira notícia o padre Nicolino, coisa de que alguns ainda duvidam, mas todos entendem que, a existir tal gado, nessas paragens, são reses fugidas das fazendas nacionais do Rio Branco. (SOUSA, 2005, p. 88)

Ele mesmo, o “tio Domingos espalha”, tinha o que contar sobre aquele gado selvagem, pois havia sido contratado para buscar uma rês na fazenda Paraíso a mando de Amaro Pais. Juntamente com Chico Pitanga, deveriam capturar uma vaca para a festa de S. João. A fazenda, localizada em Faro pede o primeiro deslocamento da dupla, que de início toma como montaria uma canoa.

Pensando na posição das cidades do baixo Amazonas às “fazendas nacionais do Rio Branco”, estas estariam no limite geográfico das províncias do Amazonas e Pará, seguindo rio acima, alcançando as fronteiras nacionais, e abarcando uma grande dimensão territorial. Assim, partindo daquela cidade, paralelo ao rio Nhamundá e o Trombetas na direção do rio Branco, sabe-se que existe a Serra Aracaí, numa distância acima de duzentos e cinquenta quilômetros, coexistindo com a floresta uma vasta área de campos.

Quando chegam à fazenda do antigo Padre Geraldo, o qual deixara como herdeiro Amaro Pais, percebe-se que o gado não está à vista, mas se escuta o mugido “encoberto por um capão de mato” (SOUSA, 2005, p. 90), indicando trabalho fácil para o próximo dia. Já que os boiadeiros estavam cansados da remada de Óbidos à Faro, fizeram uma noite de descanso, partindo logo cedo em busca do gado:

Qual gado, nem pêra gado! Batemos tudo em roda, caminhamos todo o santo dia, e eu já dizia para o Chico Pitanga que a fama do Espalha tinha espalhado a boiama, quando lá pelo cair da tarde fomos parar à ilha da Pocova-sororoca, que fica bem no meio do campo, a umas duas léguas da casa grande. Bonita ilha, sim, senhores, é mesmo de alegrar a gente aquele imenso pacoval no meio do campo baixo, que parece um enfeite que Deus Nosso Senhor botou ali para se não dizer que quis fazer campo, campo e mais nada. (SOUSA, 2005, pp. 90-1)

A duas léguas percorridas chegavam à primeira paisagem, “a ilha da Pocova-sororoca”, mais de doze quilômetros a cavalo para desvelar o primeiro recanto e uma “bonita vaca”, bem disposta naquele imenso pacoval¹⁷. Anota-se, à distância da diligência e a imensidade da paisagem, seria como alcançar uma primeira etapa daquela viagem que parecia chegar ao fim, porque no meio da ilha, lá estava “a tal vaquinha”, presa fácil para o abate, ao ponto do narrador criar cerimônia: “(...) disse pro Chico que aquilo era uma vergonha pra mim ser mandado como vaqueiro mais sacudido a amansar aquele gado bravo, e por fim de contas segurar a primeira vaca” (SOUSA, 2005, p. 91). Colocaram os laços e num movimento repentino a rês foi ao chão já aparentando morta. E de fato estava defunta, ao ponto de Chico Pitanga desejar sua carne. Começaram rapidamente a sangrar o animal, mas do que se viram, escutaram e sentiram, foram sinais de putrefação. Largou-se a vaquinha na ilha, retornaram para a sede da fazenda à noite.

Na madrugada do dia seguinte saem ao campo: “(...) vimos uma grande batida de gado, em roda do lugar onde havíamos deixado na véspera o corpo da vaca preta, mostrando que eram talvez para cima de cinco mil cabeças” (SOUSA, 2005, p. 92). Era tomar fôlego e buscar as reses, partiriam no rastro do gado, sentiam-se afrontados pela manobra que recebiam dos animais, por volta do meio-dia, encontraram outras pegadas, e a largueza das marcas era como o Amazonas.

Durante a primeira noite no descampado “à beira do Igarapé dos Macacos” (SOUSA, 2005, p. 93), escutavam o mugido do gado, dormiram para o dia seguinte liquidar com a tarefa. Mas à noite, debaixo de chuva, eles tiveram que ouvir o “uivar” do

17 Significa em tupi: “grande plantação de bananeira pacova” (ASSIS, 2005, p. 190).

gado, que segundo Domingos Espalha, reclamavam a morte da “maninha”. Por isso, tiveram que correr atrás dos cavalos, também apavorados com o choro das reses, para seguir caminho:

Quando vinha vindo a madrugada, passamos o Igarapé dos Macacos e entramos no capinzal, que era a primeira vez que avistávamos aquelas paragens, que já nem sabíamos a quantas léguas estávamos da fazenda Paraíso, navegando naquele sertão central. (SOUSA, 2005, p. 94)

Nesse ponto da narrativa, por mais que se esboce um narrador popular na linha do “caboclo” Cirino, personagem narrador em “A dança dos ossos” (1871), de Bernardo Guimarães (1825-1884), a narrativa do “tio” Domingos Espalha persegue aquela fixação do relato de viagem pelo inexplorável, “aquelas paragens” do sem fim, que veríamos numa reprodução posterior consolidada na nossa literatura brasileira, relacionados ao universo da viagem: travessias, aventuras, descobertas, aprendizagem, autoconhecimento, o que, segundo Flora Süssekind, seria o *topoi* da literatura de viagem já configurado pelos primeiros romancistas brasileiros do Romantismo, como “esses viajantes-professores, produzir novos mapas políticos-literários em que se retorne às ‘origens’, ‘essências nacionais’ e se figure um Brasil-nação pitoresco e unificado” (SÜSSEKIND, 1990, p. 61).

Daquela paisagem ainda não alcançada por ninguém e das feras que a compõem, seguem impressionando os efeitos da manada, seu rastro “colossal” à medida das coisas que os viajantes deram ao vale amazônico: os cardumes de piranhas, a revoada dos pássaros numa encosta de rio, a infinidade e monotonia dos igarapés, as imensas cataratas. Nestas grandes dimensões, compõem-se o olhar de Domingos Espalha:

Vimos perfeitamente o lugar onde o gado passara a noite, um grande largo, com o capim todo machucado, mas nem uma cabecinha pra remédio! Já tinham os diachos seguido seu caminho, sempre deixando atrás de si uma rua larga, aberta no capinzal, em direção à Serra do Valha-me-Deus, que depois de duas horas de viagem começamos a ver muito ao longe, espetando no céu as suas pontas azuis. Galopamos, galopamos atrás deles, mas qual gado, nem *pera* gado, só víamos diante da cara do cavalo aquele imenso mar de capim com as pontas torradas por um sol de brasa, parecendo sujas de sangue, e no fundo a Serra do Valha-me-Deus, que parecia fugir de nós a toda pressa. (SOUSA, 2005, p. 94)

São três os objetos do sublime nesta passagem. O gado, o qual durante toda a narrativa se esconde, mas produz seus efeitos na paisagem, como se pode verificar neste excerto com “um grande largo” e “uma rua larga, aberta no capinzal”, mantém-se inalcançável, invisível. A Serra do Valha-me-Deus “espetando o céu as suas pontas

azuis”, o que nos faz lembrar a discussão em Edmund Burke sobre as paixões causadas pelo grandioso e sublime que a Natureza gera, principalmente, o assombro de grandes desfiladeiros ou porções de terra que se elevam na direção do céu. O capinzal, na sua comparação com o “imenso mar” e nas suas impressões da imagem quando o sol reflete sobre ele “parecendo sujas de sangue”, representa a transição dos efeitos intermediários do entardecer, por onde a luz se esvai e a treva progride.

Seguiram na trilha do gado, perseguidos todas as noites pela “prantina desenfreada” queixosa da “boiama” reclamando pela morte da mãe de todos eles. Conforme assinala o narrador, exauridos de fome e cansaço daquela corrida sem ver “gado nem *pera* gado”, nota-se outra forma de descrição:

(...) galopando, galopando por cima do rasto da boiada, e nada de vermos coisa que parecesse com boi nem vaca, e só campo e céu, céu e campo, e de vez em quando bandos e bandos de marrecas, colhereiras, nambus, maguaris, garças, tuiuíus, guarás, carões, gaivotas, maçaricos e arapapás que levantavam o vôo debaixo das patas dos cavalos, soltando gritos agudos, verdadeiras gargalhadas por se estarem rindo do nosso vexame lá na sua língua deles. (SOUSA, 2005, p. 95)

Prestes a chegar à Serra do Valha-me-Deus, os cavaleiros são surpreendidos pela revoada de uma variedade de espécies de aves, cabendo mencionar a relação descritiva daquele modelo característico do inventário científico.

A respeito da conflagração do imaginário do gado selvagem, pode-se buscar em *Um naturalista no rio Amazonas* de Henry Walter Bates, relato sobre a lida do gado nos vilarejos de Faro e Alenquer:

O capim que nasce nos campos dessa região é de muito boa qualidade, mas em certas épocas, quando o Rio Amazonas sobe muito acima do seu nível normal, suas águas invadem os campos, causando grande mortandade entre os rebanhos de bois semi-selvagens, que se afogam, morrem por falta do que comer ou são atacados pelos jacarés. (BATES, 1979, p. 102)

Das anotações de viagem sobre as práticas pecuárias, apresenta-se um tema, “os rebanhos de bois semi-selvagens”, em que se verificam os métodos primitivos e empíricos dos fazendeiros na administração de suas propriedades, distinto de “O gado do Valha-me-Deus”, na versão reses fugidas, no qual um interlocutor do tipo popular não produz uma visão analítica do tema, mas uma experiência pessoal despontando o imaginário dos mitos e lendas amazônicas. Como em “O Baile do judeu”, “A feiticeira”

e “Acauã”, histórias em que se vincularam exemplos místicos: ave agoureira acauã, a cobra grande, a mulher indígena conhecedora das puçangas e o homem boto.

No entanto, em “O gado do Valha-me-Deus” não é o aspecto da antropomorfia, a chave conveniente para o arranjo da lenda, o que determina o elemento místico daquela manada selvagem, das paisagens e seus personagens, é o maligno, tradição duma visão negativa frente a uma realidade incompreendida, constando nas raízes do imaginário amazônico tratado por Ana Pizarro em *Amazônia: as vozes do rio* (2012), figuras introduzidas pela a imaginação europeia da América no século XVI.

Anteriormente, José Veríssimo em “Tradições, crenças e superstições amazônicas”, já mencionava sobre as populações da região o processo de justaposição do catolicismo português e “fetichismo” indígena: “Dos pretendidos deuses tupis, nenhum sobrevive na imaginação desta gente, a não serem o Jurupari, o Curupira e o Matitaperê, já confundidos com as crenças católicas e todos como gênios malfazejos.” (REVISTA AMAZÔNICA, nº 6, 1883-84, p. 206). Assim, a capacidade de deslocamento e a manutenção de invisibilidade à busca dos boiadeiros, produzindo-se pelas marcas deixadas na natureza ou pelo som capitado durante as madrugadas, os alicerces de encantamento daquela “boiama”, enveredando ao final por uma passagem obscura:

Mas o diacho das pegadas do gado subiam pela serra acima, trepavam em riba uma das outras até se perderem de vista, por um caminho estreito que volteava no monte e parecia sem fim. Ali paramos, quando vimos aquele mundo da Serra do Valha-me-Deus, que ninguém subiu até hoje, nos tapando o caminho, que era mesmo uma maldição; pois se não fosse o diacho da serra, eu cumpriria a minha promessa, ainda que tivesse de largar a alma no campo. (SOUSA, 2005, p. 95)

A utilização do maligno, do demônio, na progressão do “diacho” da boiada ou na barreira “maldita” da Serra do Valha-me-Deus, não fica tão explícita quanto na passagem em que Domingos Espalha menciona o desejo sanguinário de Chico Pitanga em abater a vaquinha achada na ilha da Pacova-sororoca: “mas o tihoso falou na alma de meu companheiro que, sem mais aquela, atirou o laço e segurou os cornos da vaca” (SOUSA, 2005, p. 91). A investida contra a vaca mansa no pacoval, seguidos de sinais como a putrefação da carne, o choro das reses, são efeitos do maligno no entendimento do mundo do narrado.

A respeito do processo de construção do personagem-narrador, vale mencionar a projeção obtida com os primeiros romances de Inglês de Sousa, e o aproveitamento de todo um estudo etnológico feito pelos viajantes estrangeiros e

nacionais em busca de terra distantes e de seus habitantes “selvagens”. Os relatos de viagem não estavam apenas atrás das grandes paisagens e seus recursos; tinham nas populações aquele mesmo interesse da “essência Americana”, a exemplo de Martius que exaltava a experiência de conhecer os homens dos rios: “(...) às experiências que se oferecem nessa remota região, e que me proporcionavam o aspecto natural, o único exato, do estado primitivo do continente americano e dos seus habitantes!” (SPIX, 1981, p. 206). Por isso, presume-se o narrador em “O gado do Valha-me-Deus” como desdobramento das personagens elaboradas a partir das características dos aspectos etnográficos do século XIX, daquelas populações amazônicas supersticiosas, permita uma pequena digressão, analisando o lugar de fala do “tio Domingos”:

Cá o tio Domingos tem outra ideia, e não é nenhuma maluquice dos seus setenta anos puxados até o dia de S. Bartolomeu, que é isso a causa de todos os meus pecados, ainda que mal discorra; tanto que se querem saber a razão desta minha teima, lá vai a história tão certa como se ela passou, que nem contada em letras de forma, ou pregada do púlpito salvo seja, em dia de sexta-feira maior. (SOUSA, 2005, p. 88)

“O gado do Valha-me-Deus” é uma ficção de confronto à narrativa do tipo “objetiva”, ao produzir um segundo narrador, questionador desta nova ordem científica, paradoxalmente, a mesma que lhe trouxe os estudos linguísticos, etnológicos, etc., além da referida projeção estética, para a representação nativa de “fala”, deve-se mencionar o emprego de vários vocábulos de matriz indígena, inicialmente, estudados por viajantes como Hartt, Couto de Magalhães e João Barbosa, e também, José Veríssimo com “A linguagem popular amazônica” (1883). Desta última, faz-se relação direta com algumas palavras utilizadas em “O gado do Valha-me-Deus”, a exemplo da palavra “chibé”, bebida preparada com farinha e água, presente na narrativa: “Já estávamos cansados da vida, mais mortos do que outra coisa, nos apeamos e sentamos à beira do Igarapé dos Macacos para nos refrescarmos com um pouco de chibé” (SOUSA, 2005, p. 93). Veríssimo assim explicava o termo: “É o que no Sul chamam *jacuba* (termo africano) De *tibé*, caldo. Julgo antes que *xibé* seja a corrupção de *xe-tibé*, o meu caldo, a minha bebida.” (REVISTA AMAZÔNICA, nº 4, 1883-84, p. 142).

Em outras expressões do conto, notam-se a influência da sintaxe da língua geral amazônica¹⁸ sobre o português, como sua característica de aglutinação de

18 “No caso da língua geral amazônica, a documentação histórica, desde o século XVII, vem empregando diferentes nomenclaturas para designá-la: tupi, tupi vivo, tupi moderno, tupi do Norte, língua túpica, tupinambá, língua geral, língua geral brasílica, língua geral brasileira, língua geral dos Brasis,

morfemas: “logo começou a boiada a uivar, paresque chorando a morte da maninha, (...)” (SOUSA, 2005, p. 93), onde “paresque” significa: “Namasque e paresque são apenas corrupções populares das expressões indicadas, e são também, em geral, usadas no fim de frases, o que faz lembrar a construção sintática da língua geral” (REVISTA AMAZÔNICA, nº 2, 1883, p. 57).

Quanto à forma do gênero conto, todos os itens mencionados por Araripe Júnior na recepção do ano de 1893, em artigo “Contistas e Fantasistas – Teoria do Conto – Chiquinha Mascote, de Viveiros de Castro. – Rose Castle, de Virgílio Várzea. – Contos amazônicos, de Inglês de Sousa” estão presentes. Sintético, sem descrições das personagens ou explicações de outros assuntos, narra-se uma diligência que busca o gado selvagem; monocrônico, não há digressões ou paradas com narrativas paralelas; ser fato pretérito, “Pois foi, já lá vão bons quarenta anos ou talvez quarenta e cinco” (SOUSA, 2005, p. 88); linear, progressão concatenada dos acontecimentos; experiência do narrar, os dois primeiros parágrafos como em outros momentos o narrador refere-se ao próprio ato de narrar – procurando sempre captar a benevolência do espectador. Está de acordo também, a extensão referida por Edgar Allan Poe quanto à conservação da unidade possibilitada pelo tempo breve de leitura, mas difere do desfecho impactante previsto pelo autor de *A filosofia da composição* ([1846] 2008), não se apresenta, por causa da invisibilidade do gado, porque alcançá-lo seria desvelar o imaginário popular, quebrar seu caráter cíclico, reminiscência das lendas e mitos.

Concluindo, o narrador em “O gado de Valha-me-Deus” é o esboço da figura mais representativa do baixo amazonas: o caboclo, podendo ser entendido de forma mais ampla – não apenas como José Veríssimo explicava em “As populações indígenas e mestiças do Amazonas” (1884), naquela ciência etnológica do século XIX – mas todo um grupo já assimilado pela língua, pertencente de uma variante do português de um Brasil mais profundo, distante das bordas litorâneas.

Referências

AGASSIZ, Jean Louis Rodolph; AGASSIZ, Elizabth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Brasília: Senado Federal, 2000.

brasiliano, língua indígena geral, nheengatu (língua boa), abanheenga (língua de gente, língua de índio), língua tapuia e até mesmo guarani, ou ainda, tupi-guarani” (FREIRE, 2011, p. 97).

ARARIPE JÚNIOR. **Obra crítica de Araripe Júnior: volume III (1895-1900)**. Afrânio Coutinho (org.). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Casa de Rui Barbosa, 1963.

ASSIS, Rosa. Um Glossário de Contos Amazônicos, de Inglês de Sousa. In: SOUSA, Inglês. **Contos amazônicos**. Belém: EDUFPA, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Paulo Bezerra (Trad.) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BATES, Henry Walter. **Um naturalista no rio Amazonas**. Regina Régis Junqueira (trad.) Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. Campinas: Papyrus/ Editora da Universidade de Campinas, 1993.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1989.

CUNHA, Euclides da. **Contraste e confrontos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

ECHEVARRÍA, Roberto González. **Mito y archivo: una teoría de la narrativa latinoamericana**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GUIMARÃES, Bernardo. A dança dos ossos. In: **O conto romântico**. (Panorama do conto brasileiro, v. 2), Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1961.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Manaus: Editora Valer, 2015.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **O selvagem**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

MEIRELLES FILHO, João. **Grandes Expedições à Amazônia Brasileira: 1500-1930**. São Paulo: Metalivros, 2009.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 1985.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Rômulo Monte Alto (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. Rio de Janeiro: 7Letras, [1846] 2008.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ROMERO, Sílvio. **Literatura, história e crítica**. Luiz Antonio Barreto (org.) Rio de Janeiro: Imago Editora / Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2002.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Contos Amazônicos**. Belém: UFPA, 2005.

SPIX, Johann Baptist von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

VERÍSSIMO, José. **Cenas da vida amazônica**. Antonio Dimas (org.) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Página | 67

_____. Tradições, crenças e superstições amazônicas. **Revista Amazônica**, Belém, n. 6, ag. 1883.

_____. A linguagem popular amazônica. **Revista Amazônica**, Belém, n. 2, mar. 1883.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. Eugênio Amado (trad.) Belo Horizonte: Editora Itatiaia / São Paulo: EDUSP, 1979.

THE AMAZON IN THE FICTION OF JOSÉ VERÍSSIMO AND INGLÊS DE SOUSA

Abstract

Página | 68

This paper proposes a reading of the fictional prose “O crime do tapuio” by José Veríssimo and “O gado do Valha-me-Deus” by Inglês de Sousa, present in the books *Scenes of Amazonian Life* (1886) and *Amazonian Tales* (1893), which have in common the fictional take on the lower Amazon. We understand that the travel account made up of foreign expeditionaries brought an aesthetic and discursive loan to the Amazonian narrative, as the reports produced by scientists, which were linked to the "rediscovery" of the Amazonian landscape and its legends. For a closer analysis we briefly contextualized the critical reception of this prose linked to the travel account and, consequently, its presence in the letters of the Amazon. The confluences between the science account and the prose of fiction resulted in two types of literary narrative. One of scientist genesis, in which the narrator presents himself as an intervener of local reality, and another, of a nativist character, in which we see the Amazonian cabocla river perspective. However, José Veríssimo's narrative would already pronounce the search for local identity, the most appropriate language for popular representation, as well as in the fiction of Inglês de Sousa the reproduction of the landscape and interiorization of Brazil within the traditions of the travel account.

Key words

Travel report. Amazonian narrative. Prose fiction. Legends and myths.

Recebido em: 01/11/2019
Aprovado em: 29/01/2019

El testimonio de las cosas: la migración andina en Hombres de mar, de Óscar Colchado Lucio

Rosane Cardoso¹⁹
Universidade de Santa Cruz do Sul

Resumen

En este artículo se subraya el proyecto político presente en la construcción de la narrativa andina peruana actual que, además de entablar un diálogo constante con la tradición, señala el encuentro siempre tensional y traumático entre los Andes y el Occidente. Alrededor de los años de 1980, un grupo de escritores andinos ha asumido este rol sociocultural a partir de su condición migrante, con producciones que recrean escenarios, personajes, temáticas, lenguajes, visiones y posturas propias de tal horizonte dinámico. Así es el caso de Óscar Colchado Lucio (1947), poeta, cuentista y novelista nacido en los Andes peruanos. Como base para las reflexiones a continuación, se destaca su obra *Hombres de mar* (2011), narrativa que tematiza la migración andina y la explotación pesquera en Chimbote, en la década de 1970. En su extensa novela, Colchado maneja universos complejos, como la actividad sindical, la prostitución, las movidas políticas, la experiencia estudiantil y el narcotráfico, entre otros. Sin embargo, el anclaje narrativo no se ubica solamente en lo histórico-social, sino en las relaciones entabladas en un ambiente caótico donde muchos migrantes quechuahablantes de la sierra demuestran su lenta apropiación del castellano y del centro urbano.

Palabras-claves

Narrativa andina peruana. Migración andina. Sujeto-autor migrante. Óscar Colchado Lucio.

[Soy] una especie de zorro arguediano, pues pertenezco al mundo de arriba y al mundo de abajo.

¹⁹ Professora do Curso de Letras e do PPGL/UNISC. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil).

Introducción

En su obra, Óscar Colchado Lucio se dedica a hablar sobre los Andes. Su literatura, compuesta de poesía, cuentos y novelas, revisita el universo andino peruano, repleto de mitologías y divinidades autóctonas. Está reconocido como escritor perteneciente a la corriente literaria andina o pos-indigenista.

En la larga serie “Cholito en los Andes²⁰”, el autor construye aventuras inusitadas para un jovencito que en sus innumerables periplos por poblaciones y aldeas andinas va enseñando a los lectores cómo se manifiestan y se mantienen antiguos mitos y ritos preincas e incas. *Cordillera negra* (1985) y *Rosa Cuchillo* (1997) están pautadas por la larga historia de violencia política y social en Perú. La Rebelión de Atusparia del siglo XIX es el telón de fondo del libro de cuentos y la guerrilla del Partido Comunista del Perú – Sendero Luminoso – de la novela. Sin embargo, también estas dos novelas están cargados de la vida y de la cultura de los Andes.

Partiendo del premiado cuento “Cordillera negra” (1983), Colchado escribe un conjunto de cuentos reunidos en libro de título homónimo, constituyéndose un retablo de situaciones y personajes pertenecientes a un cosmos donde la magia y el mito forman parte de la vida cotidiana. En lo que atañe a *Rosa Cuchillo*, el universo narrado está dividido entre el mundo de los vivos y el de los muertos. Entre los muertos, Rosa Cuchillo busca a su hijo Liborio que la abandonó para unirse a los senderistas en la guerra contra el Estado. La estructura fragmentaria de la narrativa muestra la concepción mítica del tiempo. Para Cayó Oré, la intención de simbolizar el universo indígena mágico de Colchado significa

[...] expresar una identidad colectiva cuya base se halla en un sistema de creencias míticas puesto en evidencia de manera óptima en los relatos orales. Este hecho supone un mecanismo de apropiación que no se limita a lo temático ya que sus efectos inciden en otras instancias textuales. La incorporación plena de expresiones del habla popular andina es un índice claro de ello. A veces el modelo se hace explícito a nivel estructural con la incorporación de testimonios insertados en la narración principal, o con relatos que por su tema

²⁰ La serie sobre el joven Cholito presenta narrativas basadas en la tradición oral andina. Colchado Lucio la inició en 1980 y está compuesta por diversos libros: *Cholito en los Andes mágicos*(1986), *Cholito en la ciudad del río hablador*(1995), *Cholito y la maravillosa Amazonía*(1999), *Cholito tras las huellas de Lucero*(2005), *Cholito y los dioses de Chavín*(2007), *Cholito en busca del carbunco*(2008), *Cholito y el niño Manuelito* (2011), entre otros. El Ministerio de Educación lanzó la película *Cholito en los Andes mágicos* y la distribuyó en los países del Pacto Andino, a lo largo de los años de 1980.

- historias de aparecidos, condenados, etc., reproducen aquellos que sirven de eje narrativo en los relatos orales. (CAYO ORÉ, 2006, p. 18)

Chimbote, donde Colchado pasó su infancia, es una de las ciudades más pobladas del Perú y uno de los espacios narrativos que más interesa al autor. Conocida por la actividad portuaria, es sede de la industria pesquera y siderúrgica del país. La ciudad tuvo su apogeo en mediados del siglo XX. Gracias a sus promesas de trabajo, Chimbote recibió trabajadores y tipos humanos de todo el país y de todos los tipos, lo que llamó la atención de Cornejo Polar:

[...] una masiva migración cuyos protagonistas tenían las más variadas procedencias geográficas y condiciones sociales de infinita diversidad: extranjeros de múltiples orígenes, criollos costeños y afroperuanos, pero – sobre todo – indios y mestizos andinos, todos mezclados en un torrente multiétnico y plurisocial [...] que prefirieron enfrentarse a la temible amenaza del mar, recién descubierto, y a maquinarias nunca vistas, ciertamente también aterradoras, que repetir su inacabable y secular servidumbre. (CORNEJO POLAR, 1997, p. 269-270)

En *Hombres de mar*, Colchado desarrolla narrativas de variados sesgos sobre la condición migrante de Chimbote, haciendo mover universos complejos, como la actividad sindical, la prostitución, las movidas políticas, la experiencia estudiantil y el narcotráfico. La trama se desarrolla a lo largo de un tiempo que se extiende desde la década de los años de 1970 (bajo el gobierno de Francisco Morales Bermúdez) hasta aproximadamente el año 2000, cuando se lleva a cabo en Lima, la conocida Marcha por los Cuatro Suyos²¹. Pero, también en este caso, el autor no abandona a los elementos mitológicos de la zona.

El sujeto-autor migrante

La imagen del indio, como se sabe, estuvo por largo tiempo vinculada a una idea de nación, lo que constituye una paradoja innegable: de un lado, la imagen de un tipo ideal y, por otro, el prejuicio explícito en la vida real. La literatura del Romanticismo, del Realismo o del Modernismo, independiente de sus intereses estético-nacionalistas, subrayaron una representación alejada del hombre indio corriente y de sus necesidades, además de imposibilitado de ejercer su voz por estar sometido al discurso de otros que no ellos propios (CARDOSO, 2017). Esta es la principal diferencia entre el indianismo y el indigenismo, pues este último consiste en la reivindicación de los derechos indígenas

²¹ Movilización nacional ocurrida en Lima que tenía el propósito de sacar a Fujimori del poder y denunciar la fraude electoral y con ello elevar a Alejandro Toledo al poder. Pero este evento no movilizó a penas los limeños, sino peruanos de todo el país y de todas las regiones.

(CORNEJO POLAR, 1979), aunque recurra, como el indianismo, a la idealización. Sin embargo, lo hace basándose en un pasado de armonía antes de la llegada de los conquistadores.

José Carlos Mariátegui ([1928]2009) percibía en el indigenismo la traducción del estado de conciencia de un nuevo Perú. Este intelectual peruano expone su preocupación con los límites tenues entre el indianismo y el indigenismo en lo que se refiere a la escrita literaria: el exotismo del primero sustituido por un habla no indígena sobre lo que sería el compromiso reivindicatorio que presupone el segundo (MARIÁTEGUI, 2009). *Aves sin nido* (1889), de Clorinda Matto de Turner, por ejemplo, es la obra precursora de la literatura indigenista, aunque otros críticos ni siempre apoyen esta teoría, teniendo en cuenta que, a pesar de tratar de problemas indígenas, está escrita desde una perspectiva no indígena, discusión que, actualmente, permea los conceptos de indigenismo, de neoindigenismo e incluso de andino.

En el campo literario, José María Arguedas (1911-1969) es la figura impar en la historia literaria peruana, pues cimienta su obra en los símbolos del universo quechua-andino, proporcionando una cosmovisión del hombre que habita los Andes peruanos. Arguedas pone en jaque la complejidad de la sociedad peruana que, según él, posee, en el dentro suyo, “todas las sangres”. Esa interioridad interactúa en el contexto en que indios, criollos, mestizos, blancos, grupos sociales, latifundistas, campesinos, el medio rural y el urbano, pobres, ricos, todos están construyendo un mismo espacio, aunque eso no recibe reconocimiento.

En *Todas las sangres* (1964), Arguedas reta a sí mismo a retratar todos los ámbitos de la vida peruana aludiendo a la variedad cultural, geográfica y étnica del país. Al contrario de lo que se ve seguidamente en lecturas sobre las culturas autóctonas, Arguedas recusa la contemplación del mundo indígena como un cosmos aislado (y convenientemente silenciado), una burbuja cultural de costumbres y tipos que se niegan a reconocer otros espacios, debatiendo los límites de la transculturación.

Óscar Colchado Lucio, Enrique Paravicino, Félix Huamán Cabrera, Gregorio Martínez, Julián Pérez, Eduardo González Viaña, Zein Zorrilla, Macedonio Villafán, entre otros, son escritores que han asumido un rol sociocultural desde su condición migrante, con producciones que visitan a escenarios, personajes, temáticas, lenguajes, visiones y posturas propias de tal horizonte dinámico. Gestores de discursos heterogéneos, se apropian de múltiples códigos culturales para resignificarlos tensionalmente hasta forjar una propuesta estética que les proporciona una identidad vital

y discursiva.” (MORILLO SOTOMAYOR, 2015, p. 27). Coherentemente, Lima se torna el centro de las discusiones, ya que es un foco de atracción de migrantes de diversos estratos sociales provincianos.

Sobre la narrativa andina, Espezúa (OROZCO, 2011) propone algunas características para la narrativa andina. Primeramente, el estudioso pondera que es producida por escritores provincianos, de la sierra, y por otros que viven en Lima, todos considerados mestizos, sincréticos o transculturados. Son intelectuales que proponen la ampliación del referente andino, sobre todo del sujeto y de la cultura. Por ello, el mundo representado es el urbano serrano o el costeño andino, no rural. Espezúa nota, aún, la ampliación de horizontes del escritor con inserción en cualquier espacio del mundo, en lo que atañe tanto a la construcción de la obra cuanto en su recepción. Otra característica evidente en los textos es el abordaje de la violencia política no Perú, “depósito de nuestra memoria, nuestra historia, y nuestro pasado.” (ESPEZÚA *apud* OROZCO, 2011, p. 45).

En la misma época en que los escritores andinos logran algún reconocimiento, los criollos, hasta entonces atentos a los problemas urbanos, también empiezan a escribir sobre la sierra, sobre todo respecto al conflicto armado entre el Sendero Luminoso y el Estado. Pronto se percibe otro cambio en las narrativas, pues es visible la superación del indigenismo para una causa claramente político-social pautado por las consecuencias de La Guerra Sucia (COX, 2002). El escritor criollo ya no se vale de apenas esquematizar el hombre originario de los Andes. Por otro lado, al escritor andino le cabe a la perfección el discurso advenido de la hibridez cultural.

Ponderándose sobre eso, es inevitable que se coloque en debate el concepto de transculturación. El debate se inicia con Fernando Ortiz que sopesa que transculturarse significa la absorción del sujeto por la cultura del presente en desmedro de la cultura de origen. Con eso no concuerda Ángel Rama ([1982] 2008) para quien la transculturación comprende sí absorber y asimilar otra cultura, pero es una ocurrencia en proceso de dialéctica espacial que actúa en los procesos culturales. Por ello, la novela, para Rama ([1982] 2008), es esencial en la formación de la literatura latinoamericana, ya que nace de una sociedad igualmente nueva, representativa de la transformación y subversión de los modelos vigentes.

Sin embargo, el concepto de Rama aun no abarca cabalmente la problemática de la transculturación, según piensa Cornejo Polar. El crítico literario presupone que el término pautado por Rama elide el mestizaje, a medida en que prevé una síntesis que no se adecua a muchas situaciones. Además de ello, esa síntesis se puntualizaría en el espacio

de la cultura hegemónica. Como resultado, los discursos marginados se mantendrían al margen. A causa de eso, Cornejo Polar (2002²²) prefiere el concepto de heterogeneidad literaria.

Cornejo Polar (1997) apunta, a través de la crítica a la última obra de Arguedas, *El zorro de arriba y el zorro de abajo*²³, un concepto que se torna esencial para este artículo. Él habla de la intuición arguediana de construir “una azarosa hermenéutica social”, anticipando lo que ocurriría, algunos años más tarde, en Chimbote, una de las ciudades más pobladas del Perú que acoge a tipos de todas las localidades del Perú, en masiva migración. A esos personajes de la vida urbana, se añaden profesionales de toda la orden, generalmente oportunistas. El establecimiento de una condición de migrante, aunque centrada en el presente, está repleta de las costumbres del pasado y de otra cultura, lo que contraría el deseo de sincretismo. De hecho, la fragmentación es su forma: el migrante estratifica sus experiencias de vida y no desea unificarlas debido al hecho de su naturaleza discontinua enfatizar justamente la diversidad de los tiempos y espacios en que vive (CORNEJO POLAR, 1997, p. 272).

Cornejo Polar (1996) apunta al sujeto migrante como el intérprete del fenómeno migratorio. La condición heterogénea del discurso literario migrante no se resuelve en la conciliación de opuestos, sino explora la riqueza de las interacciones: “[...] el discurso migrante es radicalmente descentrado, en cuanto se construye alrededor de ejes varios y asimétricos, de alguna manera incompatibles y contradictorios de un modo no dialéctico” (CORNEJO POLAR, 1996, p, 841).

Para Morillo Sotomayor (2015), la heterogeneidad se erige “como un referente constitutivo donde se produce la convergencia y la interrelación de diversos códigos socioculturales” (MORILLO SOTOMAYOR, 2015, p. 25), engendrando la sociedad como un espacio de convivencia entre sujetos e imaginarios dispares. Los desplazamientos de los Andes para el espacio urbano empezaron a intensificarse a partir de mediados del siglo XX, con evidentes repercusiones de orden económico, social, político y cultural. Sobre todo, el fenómeno migratorio ha relativizado definitivamente las categorías cerradas, existentes desde la época colonial, de “centro” y de “periferia”.

²² Ano da publicação de palestra proferida na Universidade de Berkley em 1997.

²³ *El zorro de arriba y el zorro de abajo* (1971) es la última novela de Arguedas. Publicada póstumamente, la novela presenta las consecuencias del boom pesquero del puerto de Chimbote. En este sitio, a cada día llegan más y más inmigrantes andinos, buscando por ganarse la vida. Sin embargo, todo el sueño pronto se transforma en decadencia. En poco, el hombre andino se pierde de su propia identidad cultural y sucumbe en la más completa degeneración.

Casi inmediatamente, la literatura se ha dado cuenta de estas movilidades y, con eso, se transformó en una forma dinámica de debate sobre el discurso migrante y sobre sus productores.

El testimonio de las cosas

Hombres de mar es una larga historia sobre la comunidad pesquera del Chimbote. Colchado no deja nada a la margen y describe detalladamente el cotidiano de aquellos que representan la sociedad compuesta por la tesitura de una inmensa red de mano de obra y de oportunistas recién llegados de todos los rincones peruanos. Hasta los comienzos de los años de 1970, Chimbote alcanzó ser el pesquero de mayor producción del mundo. En mediados de aquella década, sin embargo, se acaba la prosperidad y los obreros se quedan sin trabajo.

El texto, multifacético y fragmentado, se basa en apuntes del cuaderno del guerrillero Manuel Rojas Padilla²⁴, militante senderista, lleno de historias personales y de memorias colectivas resultan en un manuscrito que se torna la propia narrativa de Colchado, cuestionando el acto de creación literaria, mientras narra el apocalipsis de los fines del siglo XX peruano. El diario de Padilla revela, además de historias amorosas, la lucha social, el embate entre jóvenes revolucionarios e ingenuos y lo poderosos políticos. Se sobresale en la narrativa la movida de los estudiantes del colegio Politécnico de Chimbote que engendran una gran huelga de los pescadores del puerto.

Pero no se trata solamente de ficción. En toda narrativa está el testimonio de acontecimientos cruciales al Chimbote de aquella época. Para Chandía Araya (2016), *Hombres de mar* es

[...] la historia de los últimos treinta años del siglo XX del puerto de Chimbote. Un período decisivo de tres décadas que afecta los planos social, económico, político y cultural del puerto y en su conjunto del Perú en el umbral del nuevo milenio. Sirven como referentes inaugurales en la trama de la novela: el golpe militar perpetrado por Velasco y que destituye a Belaúnde, en 1968; el fin de la bonanza de la pesca; el terremoto que sacude fuertemente las costas del departamento de Ancash, en 1970, y, apenas unos meses antes del sismo, el suicidio de José María Arguedas, en la Universidad Agraria La Molina, en Lima, en diciembre del mismo año. (CHANDÍA ARAYA, 2016, p. 138)

Tan diverso cuanto son los personajes de la novela colchadeana, son sus espacios. La calle, la bolichera, el colegio técnico son definidores de la trama y en todos está el joven Pedro Chinchayán. Gracias a él, el sindicalismo y sus desdoblamientos se

²⁴ La historia de Rojas Padilla aparece en su totalidad en otra obra de Óscar Colchado, *El cerco de Lima* (2013).

tornan elementales a la trama. De alumno ejemplar, se torna pescador – la profesión natural a los desposeídos – y después líder sindicalista. Sofriendo tortura y persecución, Chinchayán es el hombre con un propósito firme, aunque no perciba completamente el enredo en que se ha involucrado:

Los pescadores de la Junta y los demás detenidos, uno por uno, son interrogados. A ver, ¿de qué tienda política eres?, le preguntan a Chinchayán. Él se encoge de ombros. ¿Tienda? No sabía qué era eso. Políticamente, se consideraba independiente. El hombre lo mira con furia unos instantes, baja la mirada y clava en el papel: “Activo militante del Partido Comunista”. (COLCHADO LUCIO, 2011, p. 145)

Contrastando con el idealismo de Chinchayán, está el campesino Marcial Quinllay. De migrante miserable llega a la riqueza. Posee flota de embarcaciones, muchos trabajadores y varias empresas. Pero su enriquecimiento no proviene solamente del mercado pesquero, sino del narcotráfico. Quinllay es el vector narrativo que enseña una poderosa mafia actuante en el Chimbote y una red ejecutada a la perfección, desde su producción en la selva, pasando por las rutas de transporte en la costa y llegando al transporte a través de los barcos del puerto.

Son muchos los personajes, los tipos, las representaciones. El texto de Colchado es una colcha, la imagen de algo siempre moviéndose: los líderes izquierdistas, los pandilleros, las prostitutas, los migrantes andinos que aprenden a ser pescadores y que se deparan con el desconocido mar. Para estos, el embate con Chimbote es más grande. Hay que dominar la lengua corriente, el castellano. Entonces, la oralidad pasa a ser otro efecto importante en la obra colchadeana.

Sin la apropiación del castellano, el habla de los migrantes andinos es una mezcla repleta de interferencias quechuas. Marcial Quinllay es un ejemplo magistral en la construcción de la obra. Hablando mal el castellano, una exigencia en su rango de jefe, empresario y millonario poderoso, establece una batalla constante con el idioma, aunque su origen quechuahablante jamás desaparece.

La obra, por lo tanto, es el escenario es un mundo caótico de lenguas y voces – son muchos los narradores –, de espacios (mar, tierra, selva, Andes, campo, ciudad) y de personajes. También es evidente el homenaje que Colchado rinde a otras obras, sobre todo a Arguedas. De hecho, la crítica percibe *Hombres de mar* como la continuación temática de *El zorro de arriba y el zorro de abajo* (OSORIO, 2011). Pero hay aún una cuestión fundamental en la obra: la confluencia de la ciudad con el mundo místico. De acuerdo con Quiroz, *Hombres de mar* se sobrepone a intertextualidad y avanza hacia a lo simbólico, pues

[...] la obra recrea la mitología andina prehispánica a partir de un diálogo con fuentes no literarias. Podemos mencionar que alude a las representaciones pictográficas de los muros Chan Chan, a la orfebrería Chimú, a la textilería Paracas, a algunos ceramios de la cultura Mochica y, acaso, se vincule con los petroglifos de Huancor en Chíncha. De este modo, al leer ciertos pasajes de la novela, uno podría pensar que está caminando frente a un gran mural, acaso en la ciudadela de Chan Chan, mirando paredes en las que están dibujados cantares, ciclos míticos, leyendas, que van siendo contadas oralmente por un sumo sacerdote, un brujo o un *laykha*. Por ejemplo, nos encontramos con Ai-Apaec (dios degollador dios moche), con el Mellizo Marino (quien adopta la apariencia del enigmático Viejo Tijera), el Mellizo Terrestre (que reencarna en Pedro Chinchayán, quien se integra a Izquierda Unida). Además, nos es narrada la gran batalla de los dioses en la que se enfrentan la diosa de la lluvia, los Mellizos y sus guerreros (puma, águila, iguana, búho, zorro, jaguar), etc.; lucha en la que principios cognoscitivos como la dualidad y la tripartición o categorías como el *pachacuti* se actualizan vigorosamente. (QUIROZ, 2011)

Por lo tanto, considerando las palabras de Quiroz, *Hombres de mar* “revela la praxis de la imaginación literaria del creador verbal andino contemporáneo, quien construye una lectura mítica que intenta comprender los hechos que han marcado nuestra historia.”(QUIROZ, 2011). Como en *Rosa Cuchillo*, Colchado enaltece la insociabilidad entre los discursos históricos y míticos. Con eso, ratifica la importancia de la diversidad cultural y confirma el carácter heterogéneo y contradictorio de la tradición cultural peruana.

Consideraciones finales

En entrevista para presentación de *Hombres de mar*, Óscar Colchado Lucio dijo que la obra es resultante “de mi infancia en Chimbote, desde el inconsciente testimonio de las cosas, buscando reinterpretar los acontecimientos históricos del pueblo.” (VALVERDE, 2011). Con eso, el autor se involucra definitivamente como un personaje de la novela y como portador de memorias personales y colectivas. O, más bien, como sujeto enunciador del discurso migrante no es el sujeto-personaje *per se* que se anuncia en la narración, sino el sujeto-autor, este hombre que es urbano y serrano a la vez, que construye su narrativa de pose de memorias que están en la tradición y las que son colectadas en las calles de un gran centro urbano.

Él está en cualquier espacio donde quiera. La narrativa andina es migrante porque deja resonar los Andes en sus hijos que, en tránsito, armonizan, estéticamente, la heterogeneidad: “Las experiencias que uno hereda no se pierden, se modernizan. El hombre andino vivirá ahora en las ciudades, pero su espíritu está ligado siempre a esas costumbres heredadas de sus padres y, sobre todo, a su literatura popular.” (VALVERDE, 2011)

En la vasta narrativa que denuncia los conflictos vividos a fines del siglo XX, aunque se mantenga, como se ha visto, un lugar de donde provienen esas voces, lo andino se presenta vinculado a todos los cambios, sin restricción espacial, temporal o cultural. También no se cae en la trampa de “dar voz” – lo que establecería otra vez la hegemonía de determinado grupo. A las múltiples faces del texto también se agrega la multiplicidad de voces.

Referencias

ARGUEDAS, José María. **El zorro de arriba y el zorro de abajo**. Lima: Editorial Horizonte, 2011.

ARGUEDAS, José María. **Todas las sangres**. Lima: Editorial Horizonte, 2011.

CARDOSO, Rosane. “Regionalismos e construções enunciativas na narrativa andina peruana”, **Cadernos do IL** (Porto Alegre, n.º53, jan. 2017):58-74. Disponible en: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/67800>. Acceso en: 10 jun. 2019.

CAYO ORÉ, Erika. **Análisis de la obra Rosa Cuchillo de Óscar Colchado**. Febrero de 2006. Disponible en: <http://pt.calameo.com/read/00467083799bc13b4b5a2>. Acceso en: 20 mar. 2019.

CHANDÍA ARAYA, Marco. Espacios, discursos y modos de habitar Chimbote en Hombres de mar, (de Óscar Colchado Lucio). Hacia una tradición de la poética de la frontera chimbotana. **Revista Catedral Tomada**. Vol 4, Nº 6 (2016). ISSN 2169-0847 (online). Disponible en: <http://catedraltomada.pitt.edu>. Acceso en: 30 may. 2019.

COLCHADO LUCIO, Óscar. **Cordillera negra**. Lima: Santillana, 2012.

_____. **El cerco de Lima**. Lima: Editorial Mesa Redonda, 2013.

_____. **Hombres de mar**. Lima: Alfaguara, 2011.

_____. **Rosa Cuchillo**. Lima: Alfaguara, 2013.

CORNEJO POLAR, Antonio. Apéndice: Condición migrante e intertextualidad multicultural: el caso de Arguedas – Conferencia pronunciada en el “III Encuentro Latinoamericano en Berkeley”, 22 de abril de 1994. In: CORNEJO POLAR, Antonio. **Los universos narrativos de José María Arguedas**. Lima: Editorial Horizonte, 1997.

_____. **La novela indigenista**: un género contradictorio. Centro de Investigaciones Lingüístico-Literarias. Universidad Veracruzana, n.14, p. 58-70. julio-septiembre, 1979, Disponible en: <http://cdigital.uv.mx/bitstream/123456789/6875/2/197914P58.pdf>. Acceso en: 25 de may. 2019.

_____. Mestizaje e hibridez: los riegos de las metáforas. Apuntes. (**Revista Iberoamericana**. Vol. LXVIII, n° 200, jul-sep, 2002, p. 867-870. Disponible en: <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/5980/6121>. Acceso en 20 ene. 2019.

_____. Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno. In: **Revista Iberoamericana**. vol. LXII, n. 176-177, 1996. p. 837-844.

Página | 79

COX, Mark R. Perspectivas hacia una definición de la narrativa andina peruana contemporánea. **Ciberayllu**, 29 set. 2002. Disponible en: HTTP://www.andes.missouri.edu/andes/Comentario/MRC_Perspectiva.html Acceso en: 09 mar. 2019.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Lima: Empresa Editorial Amauta, 2009.

MORILLO SOTOMAYOR, Alex. El signo mítico del desplazamiento: peregrinación y destierro en Muchas lunas en Machu Picchu y El Gran Señor, de Enrique Rosas Paravicino. In: CARDOSO, Rosane M. (Org.). **Voz, memória e literatura** – Narrativas sobre a violência na América Latina. Curitiba: Appris, 2015. p. 25-52.

ORTIZ, Fernando. Del fenómeno social de la “transculturación” y de su importancia en Cuba. In: **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana: 1983, p.86-90. Disponible en: http://www.fundacionfernandoortiz.org/downloads/ortiz/Del_fenomeno_social_de_la_transculturacion.pdf. Acceso en: 03 jun. 2019.

OSORIO, Juan, Alberto. **Hombres de mar de Óscar Colchado Lucio**. Blog Libros Peruanos. Disponible en: <http://www.librosperuanos.com/autores/articulo/00000001952/Hombres-de-mar-de-Oscar-Colchado-Lucio>. Acceso en: 6 jun. 2019.

PÉREZ OROZCO, Edith. **Racionalidades en conflicto** – cosmovisión andina (y violencia política) en *Rosa Cuchillo* de Óscar Colchado. Lima: Pakarina, 2011.

QUIROZ, Victor. El narrador océano. **El Hablador**. 2011. Disponible en: http://www.elhablador.com/resena20_quiroz.html. Acceso en: 12 ene. 2019.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

VALVERDE, Arturo. **El Peruano**. Entre el mar y la montaña – entrevista Óscar Colchado Lucio/Hombres de mar. Lima, 2011. Disponible en: <https://elperuano.pe/suplementosflipping/variedades/543/web/pagina03.html>. Acceso en: 12 abr. 2019.

THE TESTIMONY OF THINGS: THE ANDEAN MIGRATION IN HOMBRES DE MAR, BY ÓSCAR COLCHADO LUCIO

Abstract

This article highlights the political project present in the construction of the current Andean narrative of Peru, which, in addition to establishing a constant dialogue with tradition, points to the always tensional and traumatic encounter between the Andes and the West. Around the 1980s, a group of Andean writers has assumed this sociocultural role based on their migrant status, with productions that recreate scenarios, characters, themes, languages, visions and positions of such dynamic horizon. This is the case of Óscar Colchado Lucio, poet, short story writer and novelist born in the Peruvian Andes. His work *Hombres de mar*, a narrative that thematizes Andean migration and fishing exploitation in Chimbote, in the 1970s, is the basis for the reflections below. In his extensive novel, Colchado Lucio manages complex universes, such as union activity, prostitution, political moves, student experience and drug trafficking, among others. However, the narrative basis is not only supported by the historical-social context, but also by the relationships established in a chaotic environment. In this scenario, many Quechua-speaking migrants from the sierra demonstrate their slow appropriation of the Spanish language and of the urban center.

Keywords

Peruvian Andean narrative. Andean migration. Migrant subject-author. Óscar Colchado Lucio.

Recebido em: 12/07/2019
Aprovado em: 09/12/2019

Narrativas de deslocamento: o sugar para sujeitos migrantes em escritas de Antônio Torres

Clélia Gomes dos Santos (UESB)²⁵

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ricardo Martins Valle (UESB)²⁶

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo

A representação de sujeitos em condição de desterro tem sido largamente recorrente nas produções literárias contemporâneas. Numerosas são as narrativas de ficção em que a mobilidade forçada, posta por instabilidades econômicas, culturais, políticas ou a estabilidade inquieta pelos desajustamentos sociais se fazem presentes, apontando para questões como pertencimento e desenraizamento, a diáspora sertaneja do nordeste brasileiro no século XX e a redefinição da identidade agenciada por novos contatos com culturas. Por meio de recortes teóricos dos conceitos migração, deslocamento e lugares, assim como dos estudos culturais fundamentados por Stuart Hall (2003/2006), Zygmunt Bauman (2005), Homi Bhabha (1998), García Canclini (2006), dentre outros, este estudo pretende discutir a experiência do deslocamento na narrativa contemporânea o sentido que os “lugares” resultantes dos processos de mobilidades forçadas representam na vida dos sujeitos migrantes, assim como verificar de que maneira a perda dos referentes espaciais modificam o sujeito desenraizado. Para tanto, analisamos trechos das obras contemporâneas *Essa Terra* (1976), *O Cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006) do escritor Antônio Torres.

Palavras-chave

Migração. Antônio Torres. Deslocamento. Lugares.

²⁵ Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Graduada em Letras Português/Inglês e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (2005).

²⁶ Graduado em Letras Alemão/Português pela USP (1998), mestrado e doutorado em Literatura Brasileira também pela USP. É professor na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, atuando nos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

Além de um deslocar de corpos

A temática da migração tem sido amplamente discutida nesse tempo. Assim, debates Pós-Coloniais, Culturais e Literários abordam essa escrita de “arribada”, deslocamentos do sujeito na contemporaneidade, bem como dando visibilidade ao sujeito diaspórico, muitas vezes deslocado de seu lugar, de sua cultura e de sua identidade. Nesse sentido, a contemporaneidade marca a literatura, assim como outras áreas, a exemplo sociologia com temáticas vinculadas à migração – a representação dos problemas humanitários ligados aos grandes deslocamentos demográficos, ao desenraizamento de sistemas simbólicos tradicionais e os interstícios existenciais do não-lugar, os quais sujeitos migrantes são obrigados a sucessivamente ocupar e desocupar, a intimamente criar e a recriar sistemas de adaptação e conformação simbólica, por força de necessidades que fogem do controle individual dos envolvidos – evidenciam algumas das condições desse ambiente.

Nesse cenário, constata-se que o drama do retirante tematiza produções literárias brasileiras desde o regionalismo romântico, perpassando pelo naturalista do final do século XIX e reiterado ao final do século XX. De modo semelhante é o drama dos que ficam, o descentramento daqueles que tendo resistido à retirada sofrem as consequências de sua permanência, sem que isso signifique garantia de pertencimento, porque o mundo se transforma e tende a se transformar de forma cada vez mais rápida e vertiginosa, e com isso desenraiza de sua pertença mesmo aqueles que não se evadiram. Assim, a literatura brasileira oferece um número significativo de obras que, dentre diferentes possibilidades de leitura, permitem também identificar a condição do migrante e as consequências advindas dos movimentos que o direciona a novos pontos: o de partida e o de chegada. Dessa forma, a ficção se encarrega de os migrantes que formam a margem da nação, mas também, os nativos que vivem à margem, inclusive no que se refere a questões locais. Em *Vidas Secas* (data) Graciliano Ramos retrata a migração do Nordeste contando a história da família de Fabiano que, sem rumo, vive a saga em busca de sobrevivência nesse ambiente e profetiza o que seria a sina do homem nordestino: migrar para o Sul, fugir da morte certa rumo a uma terra incerta, desconhecida “... correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa ...” (RAMOS, 2008, p. 55). Escritores como Rachel de Queiroz, Raduan Nassar, Jorge Amado, dentre outros, trazem personagens em situação

de exílio interno e externo, de falta de oportunidade, de interdição, de mobilidade forçosa, de deslocamento, dentre outros.

Nesse sentido, diversas são as narrativas em que os movimentos populacionais forçados se fazem presentes revelando características e aspectos culturais, econômicos, sociais e ideológicos. A partir dessa seara temática é que buscamos discutir por meio de narrativas contemporâneas a experiência do deslocamento, o sentido que os ‘lugares’ resultantes dos processos de mobilidades forçadas representam na vida dos sujeitos migrantes, assim como verificar de que maneira a perda dos referentes espaciais modificam o sujeito desenraizado. Para tal, analisamos recortes de três romances do autor Antônio Torres (1940), em especial de trechos que refletem sujeitos personagens que vivem em condições de desterro, de não pertencimento e não-lugares, uma vez que, no nosso entendimento, as obras *O cachorro e o lobo* que, juntamente com *Essa Terra e Pelo Fundo da Agulha*, resultam das dinâmicas da migração nordestina e seus desdobramentos.

É habitual encontrar na produção literária do então romancista baiano Antônio Torres temas relacionados à migração, o deslocamento, os tipos pessoais, a valorização nos detalhes a lugares simples, o caráter memorialístico, autobiográfico, trazendo à tona a complexidade crítico/literária que permeia as narrativas do autor. Com textos marcados pela instabilidade estrutural como forma de representação de um universo caótico, com identidades indefinidas, instáveis, fragmentadas, dominado pela incerteza que Torres apresenta-nos a trilogia. *Essa terra* (1976) e *O cachorro e o lobo* (1997) se passam no Junco, cidadezinha do interior baiano. No primeiro, Totonhim assiste e conta volta do irmão Nelo da cidade de São Paulo, um derrotado pela capital que, frustrado com o próprio fracasso vem se suicidar na terra de origem; no final Totonhim decide fazer o mesmo percurso na esperança de desenhar outra história. O segundo narra a visita de um dia que Totonhim faz ao Junco, depois de vinte anos em São Paulo, por ocasião do aniversário de oitenta anos de seu pai e lá se depara com os fantasmas do passado e verifica que já não seria possível voltar a viver naquele lugar. Para fechar a trilogia, Torres apresenta *Pelo fundo da agulha* (2006), romance que se passa em São Paulo e é um relato de crises vividas pelo mesmo personagem por meio de lembranças, depois de dez anos da efêmera visita a sua terra de origem. Aposentado, amarga a dissolução dos laços de trabalho, amizade e familiar.

Nessas obras, a migração pressupõe não apenas deslocamentos geográficos. A esta mobilidade dos corpos humanos corresponde, sobretudo, o ultrapassar de valores, a superação irreversível de estágios de descentramento, desestabilizações sucessivas e

compulsórias adaptações. Dessa forma, além de ser tema na literatura, a mobilidade humana funciona como fio condutor para o ato de criação literária, uma vez que está também na experiência de muitos escritores.

Estar em outro lugar é estar deslocado?

Muitas são as construções literárias que apontam que a relação entre o exercício de narrar a mobilidade dos sujeitos, ainda que compulsória, constitui uma artifício profícuo no pensar e refletir a literatura. Braga e Gonçalves (2014, p. 38), afirmam que o vínculo entre literatura e locomoção de sujeitos não se trata de uma empatia recente, recorrendo a Walter Benjamin (1936) acreditam que “no cerne das tradições literárias estão as narrativas centradas em peregrinos, comerciantes, marinheiros mercantes e todos os tipos de aventureiros” (*apud* BRAGA; GONÇALVES, 2014, p. 38). Aspecto esse que pode sinalizar para uma maior atuação e influência do migrante no universo da ficção que propriamente no real. Depurar com produções literárias nas quais percebemos expressivos registros de diversos tipos de migrações tornou-se constante.

Nos romances *Essa Terra*, *O cachorro e o lobo* e *Pelo fundo da agulha* isso se assemelha. O elemento desencadeador de muitos outros processos, inclusive o mais trágico – o suicídio do personagem Nelo – é a migração. Mais que um fato individual, trata-se um sujeito que, simbolicamente representa um coletivo: o desejo, a ilusão de sair do sertão em busca da “terra prometida”²⁷, nesse caso a cidade de São Paulo. Migrar, emerge nesses romances como uma legítima *saga do deslocamento*, na qual protagonistas e personagens secundários cumprem um destino substancialmente marcado pelas mudanças, pelos desvios, pelos retornos, pelas transferências constantes.

(...) um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e diferente de casimira, seus *raybans*, seu rádio de pilha/faladorzinho como um corno, e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. O exemplo vivo de que a nossa terra também podia gerar grandes homens. (TORRES, 2008, p.14)

²⁷ *Essa Terra* é um romance em que os lapsos da memória, as referências bíblicas assim como outros aspectos simbólicos na construção da narrativa são bastante presentes. A Terra Prometida refere-se à passagem bíblica situada no livro do *Êxodo* (13:26-33) à qual faz uma alegoria à partida e o regresso de Nelo, assim como deslocamento que a viagem simboliza, parodia a narrativa da Parábola do Filho Pródigo em Lucas (15:11-32).

O drama da viagem para um possível definitivo fim, movida por força ou em nome de forças erradas, de mal firmados fins, a narrativa do desenraizamento compulsório marcam a silenciosa diáspora de uma coletividade. A natureza desse evento suscita pensar o migrante a partir de nossas experiências e reflexões e nos instiga considerar a bagagem de experiências que esse ser traz consigo, como (in)certezas, sonhos, desejos, (des)ilusões, expectativas. O migrante é o indivíduo que, por necessidade de sobrevivência ou por ilusórias escolhas, passa a conviver com uma realidade sociocultural totalmente diferente da sua de origem, ou seja, desloca-se do seu espaço no intuito de fixar-se em outro e acaba, por diversas vezes, não se sentindo locado nem no de origem nem no novo espaço. Nelo, personagem de Torres vai para São Paulo no intuito de melhorar as condições de vida, dele e do Junco que, juntamente com a família, depositaram nele o sonho “ganhar dinheiro na cidade grande”. “Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.” (TORRES, 2012, p.63).

Basta uma breve visita à história do Brasil para identificarmos a influência exercida pelas migrações internas no processo de formação da sociedade brasileira, acarretando deslocamentos traumáticos e (re)criando formas de encontrar-se nos lugares. Para (GUERRA, 2002, p.1), “a mobilidade espacial forçada dos camponeses no Brasil, antecede e atravessa a história do país”. Nesse cenário, Torres representa, por meio da ficção, o Nordeste que surgiu como celeiro de milhares de mulheres e homens que, em retirada buscavam melhores condições de vida nas capitais, fugindo sobretudo da seca. No entanto, na trama narratológica torresiana, o que rechaça o povo do Junco não é especificamente a seca, mas um conjunto de fatores que produzem naquele lugar indivíduos limitados, arquétipos²⁸ que compartilham gestos e conversas simples, vivências que transmitem a sensação de impotência e de esquecimento do lugar pelo resto do mundo. Nelo, personagem centro do *Essa Terra* não fala, (TORRES, 2008, p. 42-43) se expressa discretamente em apenas dois momentos da narrativa, ambos ocorridos na capital paulista: embriagado, levou uma surra da polícia e a traição da mulher com um primo também migrante. Perdera a mulher e mãe dos seus dois filhos para alguém que fez o mesmo trajeto que ele ao ir para São Paulo, mas que ao contrário se encontrou e se adaptou naquele lugar. Essa construção aviva a sensação de não pertencimento daquele

²⁸ Inconsciência coletiva, que já nasce com a pessoa e que possui como conteúdo modos de comportamentos e assimilações do mundo que são as mesmas para todos os seres humanos; espécie de herança psicológica que se soma à herança biológica; formada por estruturas psíquicas que nasceram das vivências experimentadas ao longo de centenas de gerações, segundo Jung ([]2014). Inserir data de primeira publicação.

que deixa de fazer parte da cultura de origem e não consegue se inserir na cultura do lugar para onde migra.

Em *O cachorro e o lobo*, a problemática envolvendo o reconhecimento/pertencimento do lugar é reverberada na fala do narrador personagem Totonhim na breve visita que faz ao pai no Junco: “Olho para este mundo feito de casas simples, lembranças singelas e gente sossegada, tudo e todos sob um céu descampado, e me pergunto se ainda tenho lugar aqui, se conseguiria sobreviver aqui, morar aqui. E me assusto com a pergunta.” (TORRES, 1997, p. 46). Essa conflituosa relação do personagem com o espaço circunscreve a interferência dos lugares no trato identitário e ao mesmo tempo aponta para um outro elemento cultura, o sujeito no entre-lugar. Para Bhabha, o sujeito do “entre-lugar” realinha as fronteiras de espaço e tempo, habita “um espaço intermediário” (BHABHA, 1998, p. 27). A interpretação dessa concepção de sujeito, que não visa à solução em um futuro utópico e apresenta-se como híbrida, ao dialogar com o passado, transforma-o em recurso explorado na narrativa literária, como é o caso de Antônio Torres nos livros que formam a trilogia.

De acordo com Bhabha não é possível entender o sujeito contemporâneo por completo dentro de uma estrutura que se apresenta fragmentado, nem tão pouco compreendê-lo como ser estático em um momento histórico de pleno dinamismo, movimentado. O sujeito do “entre-lugar” é um novo elemento cultural que surge do embate da tradição com a contemporaneidade e as transformações que dele emanam.

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do *contium* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, reconfigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27)

Silviano Santiago discute o entre-lugar como uma estratégia de resistência que incorpora o global e o local, que busca adesão além dos limites geográficos de uma nação, relativizando fatos, caracteres, manifestações sempre no sentido de melhor refletir o nosso hibridismo (SANTIAGO, 1982, p.19), fruto de quebras de fronteiras culturais. A reflexão de Santiago tende também no sentido de um multiculturalismo crítico e não apenas de inclusão numa sociedade de consumo. O sujeito que está no entre-lugar, margem de um espaço está também num lugar de mudanças, de trocas e instabilidades,

contestador e movediço. Nesse sentido, é que o entre-lugar não representa apenas o privilégio social de ricos e intelectuais, mas as migrações e diásporas de massas.

Nos estudos de Barzotto (2010), vemos o entre-lugar como espaço de trocas culturais, conflitos e indeterminações que vão surgindo a partir das relações de poder, mas que por outro lado, essa problemática permite a construção de uma identidade nacional e efetivação de uma comunidade. Nas palavras da professora (BARZOTTO, 2010, p. 34), “Onde a metrópole espera silêncio, há voz; onde a metrópole espera conformismo, há inquietação.” Desta forma, como Bhabha, Santiago também acredita que o intelectual à margem, ao dominar a língua do opressor, tem um contradiscurso mais prático e eficaz uma vez que “É preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida” (SANTIAGO, 1978, p. 22) No caso das narrativas de Torres, a metáfora do entre-lugar se dar em Nelo, porém sob efeito inverso, uma vez este representa um sujeito na margem que não conseguiu vencer o opressor, nesse caso a metrópole, e fracassado retorna ao lugar de origem, com o vazio da mala e de si. A bagagem, ao invés de dinheiro e presentes, traz o desgosto, a decepção, a angústia, o desencontro com a sua cidade, a crise existencial, enfim, a pobreza de antes, somada ao sentimento de derrota. “Era verdade [...], uma velha carteira vazia. Digo: sem dinheiro” (TORRES, 2008, p. 34). Nelo, aquele que “um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico” (TORRES, 2008 p. 14), regressa sem conseguir cumprir a sua expectativa, nem para si mesmo, nem para a família, nem para o Junco.

A complexidade do embate acerca dos lugares é vista também no não reconhecimento do lugar em Totonhim, em outro momento da narrativa, no qual o personagem se encontra diante das mudanças ocorridas no lugar de origem, e isso causa estranhamento, como vemos em: “Aqui: longe das filas, dos engarrafamentos, da fumaça, dos elevadores, fax, computadores, telefone. não é um paraíso? É tudo tão tranquilo, tão exageradamente calmo, que me dá medo” (TORRES, 2015, p. 80). Totonhim representa, nesse viés, um sujeito na condição de deslocado. Nota-se que, desse lugar de onde o sujeito da diáspora fala é um posicionamento frente à sua cultura, frente a essa nova cultura híbrida e uma forma de afirmação dos seus valores sociais e culturais. Para Hall, o sujeito na circunstância de deslocado propõe-nos uma reflexão acerca do sentimento de diáspora. Na fala de Hall,

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente

para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada. (HALL, 2003, p. 415)

A esse respeito, o comportamento de Totonhim descortina o estado de deslocamento e instabilidade identitária a que o personagem se encontra no Junco. “Amanhã cedo eu queria era tomar uma caneca de leite com sal, ordenhado diretamente do peito da vaca, sem a intermediação da Parmalat. Esqueça isso, Totonhim. Você não mora mais aqui. E não sabe de nada.” (TORRES, 2015, p. 135) É perceptível a dificuldade de localização que o personagem se encontra, em especial psicologicamente. Com a sensação de sentir-se estrangeiro mesmo em lugares íntimos é que caracterizamos personagens de Torres como diaspóricos, uma vez que a diáspora se relaciona, de um modo geral, àqueles que eram literalmente arrancados da sua terra natal e deportados para uma outra, sendo por isso associada à dispersão. Hoje, o conceito está associado à emigração, independentemente das causas que lhe estão implícitas, e o seu significado tem sentido pautado pelos processos de globalização.

Hall propõe ainda que, ao associar a diáspora à emigração, faz-se necessário resolver, no entanto, entre a que reboca uma série de repressões e ameaças evidenciadas por fatores como a pobreza, o subdesenvolvimento ou a falta de oportunidades, que reputa como “legados do Império em toda parte” (HALL, 2003, p. 28), que podem coagir as pessoas a migrar, ainda que sob efeito de uma realidade ilusória, transmitida muitas vezes por informações midiáticas em que é mostrado apenas o lado harmonioso da vivência do sujeitos naquele país, cidade ou região que não lhes pertencia, mas onde estão por vontade própria e com uma posição social relevante, noticiados positivamente, porém que não corresponde à realidade da maioria. Como é o caso da visão, retratada no fragmento abaixo, que os moradores do Junco tinham da cidade de São Paulo:

Depois passou-se a sonhar com o Sul, as terras ricas de São Paulo-Paraná. Os que voltavam traziam novas histórias. Contavam as aventuras de uma cidade com mais de trinta léguas de ruas. Onde, durante o dia, um ajudante de pedreiro se besuntava na massa e na cal preparando o reboco para os edifícios em construção e, à noite, se lavava todo, se perfumava e se vestia igual a um doutor – para tanto, o dinheiro dava. (TORRES, 2015, p. 50)

Habitando a fronteira que divide dois lugares, a cidade da infância e sossego e a metrópole da competição e tempo que “voa”, a obra de Torres se caracteriza pela experimentação do novo e, conseqüentemente do incerto. Homem instruído, empregado de um banco, urbanizado, o protagonista também é um derrotado. Seu perfil pacato e invisível traz dúvidas em relação ao futuro e as instabilidades da vida. A única certeza é o passado arquitetado nas memórias sobre o pai, a mãe e o irmão morto no armador de

rede da velha sala. Estar no Junco, em São Paulo, apenas nas memórias, ou não saber discernir onde realmente se encontra, Totonhim, remete-nos novamente à questão dos lugares, conforme Bauman dispõe:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outros estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Os romances de Torres figuram o processo em que o sertanejo/migrante se vê diariamente na luta pela permanência, construindo estratégias de negociação e assumindo o lugar do “outro”, do singular, como um modo específico de estar no mundo e de enfrentar as relações de poder já preestabelecidas e/ou legitimadas. Pensar a diáspora nordestina por meio da ficção é ver as construções literárias acerca dessa temática como lugar de produção de subjetividades e identidades sujeitadas. A personificação do lugar narrado por Torres em *Essa Terra*, ilustra o sentimento de inferioridade:

Sina de roceiro é a roça.

Vagaroso e solitário, o Junco sobrevive às suas próprias mágoas, com a certeza de quem já conheceu dias piores, e ainda assim continua de pé, para contar como foi. Em 1932 o lugar esteve para ser trocado do Estado da Bahia para o mapa do inferno, na pior seca que já se teve notícia por essas bandas, hoje reverenciada em cada caveira de boi pendurada numa estaca, para dar sorte.

_ O povo caía e morria de sede e de fome, como o gado. Era de cortar o coração. (TORRES, 2008, p. 16)

O trecho aponta para a problemática de questões de ordem natural sem deixar de evidenciar as complexas articulações entre o social e o psíquico. No esmiuçar de histórias, pessoais e coletivas, vislumbramos as faces, as mãos calejadas, os olhos marcados por uma dignidade humana que ultrapassa a ética da exploração, signos produzidos pelas adversidades da vida em constante itinerância. “Três pastos, uma casa, uma roça de mandioca, arado, carro de bois, cavalo, gado e cachorro. Uma mulher, doze filhos. O baque da cancela era um adeus a tudo isso. Já tinha sido um homem, agora não era mais nada. Não tinha mais nada”. (TORRES, 2008, p. 48)

Entre percursos e paragens, as experiências do sujeito interiorano na metrópole e o contato com culturas diferentes direcionam-nos ao debate sobre as identidades que, segundo Hall (2003) não podem mais ser consideradas como centralizadas e uniformes. O pensamento desse teórico sobre a concepção de identidade sugere uma nova maneira de pensar a temática, entendendo-a como móvel, flexível e que

pode e dever ser redirecionada, indicando a possibilidade de utilizarmos o termo identificação ou a expressão processo identitário para compreender de maneira mais significativa as encenações que (re)constroem as culturas, os sujeitos e os espaços, os tempos.

A nossa compreensão a partir do fragmento acima é a de que para Hall (2003), o contato causado pelas culturas, motivado principalmente pelo processo de globalização, interferiu na ordem estrutural das coisas resultando numa fragmentação que torna possíveis a convivência entre múltiplas identidades e a migração, crescente e constante dessa realidade contemporânea faz com que indivíduos se aproximem cada vez mais das realidades culturais uns dos outros, tornando-se seres mais híbridos dia após dia. De acordo com (BAUMAN, 2005, p. 19) “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.”

Embora nosso foco aqui não seja tratar das discussões, concepções e conceitos acerca das identidades, salientamos que ao dialogar sobre o sujeito migrante e as condições de deslocamento desses sujeitos, surge, quase que involuntariamente a necessidade de algumas ponderações essa temática. As reflexões sobre identidades alinhavam diferentes contextos, desde questões de ordem sociológica seguindo um viés não essencialista e contextualizado quanto a elementos da contemporaneidade Hall (2003), Bauman (2005) à função da linguagem na construção identitária do indivíduo, como discuti Moita Lopes (2003) por meio do socioconstrucionismo²⁹, dentre outras. Esse estudo toma como base as reflexões de Hall e Bauman, ainda que sem profundidade.

Nos romances da trilogia, conhecemos Antão, pai de doze filhos incluindo Nelo e Totonhim, velho lobo perdera o que tinha de mais valioso, as terras e a casa. Perdera para o banco na quitação de uma dívida. “Banco do Brasil ou não, é um banco. E não me fale em banco perto de mim. Compadre, banco é treta” já lhe disse o meu avô” (TORRES, 2015, 47). Da antiga casa de morada sobrou apenas um caco de telha. Lhe restara a tapera, dois palmos para uma horta, as galinhas. E a sabedoria que o banco algum tira. Sim, isso lhe é suficiente. A figura do pai, um lobo solitário e mateiro descortina não somente a migração malsucedida, mas também os desdobros daqueles que ficaram ou que retornaram e buscam, na terra de origem, reestabelecer as relações de pertencimentos e de identificação com as raízes. A esse respeito, nas palavras de Barbero (2003), a

²⁹ “Concepção que coloca como central o fato de que todo uso de linguagem envolve uma ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico.” (LOPES, 2003, p. 19)

identidade do Velho Antão seria uma representação nítida de que uma identidade que está em contínua relação com outras identidades, sempre em construção e relaciona-se diretamente à ideia de “pertencimento” e nas relações com os demais, assim:

A identidade não é, pois, o que é atribuído a alguém pelo fato de estar aglutinado num grupo [...], mas sim a expressão daquilo que dá sentido e valor à vida do indivíduo. É, ao tornar-se expressiva, que a identidade depende de um sujeito individual ou coletivo, e, portanto, vive do reconhecimento dos outros: a identidade se constrói no diálogo e no intercâmbio, já que é aí que indivíduos e grupos se sentem desprezados ou reconhecidos pelos demais. (BARBERO, 2003. p. 65)

Página | 91

Nesse mesmo viés, Bauman (2005) reforça que a identidade conceituada apenas com o vocábulo “pertencer” passa por uma grande crise. As discussões de Bauman, reiteram a busca pelo pertencimento a uma comunidade ou grupo é, muitas vezes impulsionada pela busca de segurança, mas a fragilidade e transitoriedade dessas estruturas não permitem com que o sujeito não poderá encontrar segurança nelas, pois estas possuem um ritmo acelerado e são movidas pela atemporalidade.

Ver a identidade sob a ótica histórica e não biológica, como afirma Hall (2006), é percebê-la também como uma criação a partir da visão que os outros têm do sujeito. Assim, ao descrever o Velho Antão, Totonhim atribui a ele características a partir do seu ponto de vista, o que pode diferir da visão que os demais moradores do Junco, bem como do próprio Antão sobre si:

Eis aí um homem que ao tornar-se oitenta, apresenta um vigor na voz capaz de surpreender a todos os mortais, de todas as idades. Podem espalhar que suas cordas vocais estão muito bem conservadas em alcatrão, nicotina e álcool, muito álcool, cana brava. (TORRES, 1997, p. 19)

O trecho acima traz à tona a discussão sobre identidades sob um outro viés, ou seja, a partir da identidade criada para o sujeito por seus arredores. No caso do Velho Antão com sua identidade de lobo era, para os moradores do Junco nada mais que um lobo velho, mateiro e que ficava escondido nas montanhas, a conversar com as galinhas e contar os dias (TORRES, 2015, p. 217). No entanto, aos oitenta anos, surpreende a todos com muita vivacidade. Nesse sentido, (HALL, 2006, p.12) propõe, refletir o campo das identidades a partir da visão de identidade como contrato mutável: "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente". Nesse pensamento de Hall, o sujeito assume identidades de acordo com

cada situação, as identidades não são uniformes e não giram entorno de um 'eu'. Os sujeitos são passíveis, nesse sentido, de apresentarem identidades contraditórias, com diferentes direcionamentos, de modo que estar deslocado torna um estado recorrente.

Como já mencionamos aqui, a migração é elemento desencadeador de muitos outros processos nas construções de Antônio Torres exploradas nesse estudo, de modo que verificar personagens em diversas formas e condições de deslocamento, torna-se exercício frequente ao longo das narrativas. Nessa perspectiva, os deslocamentos contemporâneos, coercitivo ou proposital de povos encenam uma situação que pode ser considerada uma espécie de exílio, embora nem todo deslocado se autodeclare exilado. Retirante de si, deslocado do sertão, da metrópole, da família, do ambiente de trabalho está Totonhim ao se aposentar. Não se reconhece em espaços antes familiares “Pois a vida agora só seria isso: memória. E exílio. Num apartamento. Num quarto. Na cama”. (TORRES, 2014, p. 46). Essa passagem, retirada do romance *Pelo fundo da agulha* possibilita pensar o exílio a partir do aspecto territorial ou íntimo, marcado pela violência ou resultado de decisões pessoais, de expulsão ou desentendimento.

Fazendo uso dos estudos da socióloga Rosane Pires Batista (2011), sobre as memórias de exílio de Ferreira Gullar, os quais apontam que o poeta se refugia na escrita quando se sente sozinho e impotente e transportando para a escrita torresiana, percebemos que a personagem Totonhim se refugia da solidão e do sentimento de abandono por meio das lembranças. As citações que seguem, retiradas no início e final do livro *Pelo fundo da agulha* evidencia o panorama pelo qual o narrador personagem Totonhim se refugia e exila física e psicologicamente, prostrado numa cama entre quatro paredes e na memória, respectivamente:

Cá está ele: na cama.

Não imagine um guerreiro que depois de todas as batalhas finalmente encontrou repouso, abraçado a uma deusa consoladora dos cansados de guerra. seria exatamente inscrevê-lo na lenda heroica. esta é a história de um mortal comum, sobrevivente de seus próprios embates citadinos, aqui e ali bafejado por lufadas da sorte, mais a merecer uma menção honrosa pelo seu esforço na corrida contra o tempo do que um troféu de vencedor.

Assim o vemos: deitado. Imóvel. A olhar para as paredes de um quarto. (TORRES, 2014, p. 7-8)

No nosso modo de interpretar, o fato de Totonhim ocupar-se de significativa parte do seu tempo em lembranças de acontecimentos passados é uma espécie de exílio de si mesmo e de um passado que poderia, na sua opinião ter sido diferente. Para Rosane

Pires Batista (2011), o exílio é também uma maneira de escapar do medo do futuro que se anuncia e parece o aterrorizante.

O homem na cama vê uma sombra mover-se através da cortina, em direção à janela. E ouve uma voz por trás da sombra:

_ Não se mate pelo que você deixou de fazer por sua mãe, seu pai, seus irmãos, mulher, filhos, o país, tudo. Ou pelo que deixaram de lhe fazer. Nem por isso o mundo acabou. Abrace-se sem rancor. Depois, durma. E quando desperta, cante. Por ainda estar vivo.” (TORRES, 2014, p. 2017)

Entendemos que o exílio na narrativa de Torres está relacionado à apropriação de pátria que não significa necessariamente um outro país ou nação, mas ao lugar em que os sujeitos de se encontram no presente, como consequência de um deslocamento geográfico forçado ou mesmo voluntário. Assim, o sujeito pode viver um exílio dentro de seu país, comunidade, casa, em lugares/espacos não geográficos, em seu próprio interior, como é o caso das lembranças do nosso protagonista Totonhim. Ao se encontrar separado por não aderir ou pertencer aos valores compartilhados pela maioria, o sujeito torna-se um exilado ao perceber essa diferença moral e responder emocionalmente a ela (ILIE, 1980, *apud* PAIVA, 2017, p. 35-55) “O amigo aí está saindo de cena sem aplausos, é verdade. Isso lhe dói” (TORRES, 2014, p. 39). Além das questões do território e da violência, segundo (PAUL ILIE, 1980, *apud* PAIVA, 2017, p. 35-55), o exílio se caracteriza mais como uma condição mental do que a falta de contato físico entre pessoas ou com terras e casas. Tal rompimento supõe reciprocidade: cortar um segmento de uma população é deixar cada um dos dois segmentos sem o outro (ILIE, 1980), como se vê na narração que Totonhim faz do seu próprio estado de espírito:

É na hora que te mandam para casa, para trocares de vez o terno e a gravata por um pijama, que tu descobres que não tiveste a menor importância” – foi o que o senhor pensou, ao deixar a sua sala e andar, sozinho, a passos de aposentado, por um corredor ermo, vazio, inóspito, passando por portas e mais portas sem avistar viva alma. (TORRES, 2014, p. 39)

Dessa maneira, as dinâmicas migratórias estão associadas à formação das sociedades. O migrante convive com o confronto e a constante tentativa de construção/reconstrução ou constituição de suas representações e identidades, perante os habitantes locais. O contexto formado pelas estruturas sociais, ideológicas, históricas e culturais está fragmentado, o sujeito também se mostra alterado conforme suas necessidades de adaptação. E os ambientes, sejam eles campestres ou urbanos não estão mais tão definidos; assim, o sujeito busca se identificar com determinadas referências simbólicas que assegurem estabilidade identitária, ainda que esta seja ilusória. Os lugares

habitados resultantes dos deslocamentos contemporâneos não podem mais ser categorizados apenas sob a ótica do físico e geográfico, eles passaram a ser simbólicos, psicológicos não ficando à mercê apenas de movimentos e ações coletivas. Em entrevista cedida a João Bosco da Silva (2012, p. 9) Torres fala que ao construir suas personagens ele “tenta buscar um entendimento do que se passa com os homens que trocam a sua terra por outra e que, é minha percepção – lá no fundo de si mesmo perdem a que tinham e não conquistam a outra”.

Sujeitos-personagens em trânsito: algumas considerações

Os textos do escritor Antônio Torres sinalizam como a migração nordestina intrica debates e estudos acerca da temática, assim como forte é a presença da diáspora do retirante nestas e em outras produções literárias. Seus personagens são sujeitos deslocados e vivenciam experiências de instabilidades e incertezas. Vivem a fragmentação identitária e temporal fruto de deslocamentos forçados por situações de ordem social, econômica, cultural.

Dessa forma, ao tratar a realidade dos excluídos, reconhecendo-os enquanto sujeitos e pacientes de um drama histórico, Torres traz a mobilidade como um fenômeno universal e propõe uma reconfiguração das justificativas da migração. Migrar não é mais uma sina, é uma escolha, ainda que tomada sob efeito de uma realidade ilusória. Dessa forma, a trilogia formada por *Essa terra, O cachorro e o lobo e Pelo fundo agulha* refletem sobre os dramas dos sujeitos no complexo mundo contemporâneo, imbricado de incertezas e instabilidades, divididos entre necessidades e ilusões, entre anseios e frustrações, frutos dos processos de mobilidades forçadas.

Referências

AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. 45ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Editora UFRJ, 2003. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

BARZOTTO, L. A. O Entre-Lugar na Literatura Regionalista: Articulado Nuanças Culturais. **Raído**. Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 23-36, jan./jun. 2010.

BATISTA, R. P. **Ferreira Gullar**: memórias do exílio (1964-1985). Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s. n.], 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. RJ: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Página | 95

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myrian Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRAGA, C.R.V. GONÇALVES, G. R. Diáspora, Espaço e Literatura: alguns caminhos teóricos. **Revista Trama**. v. 10. n. 47, p. 37-47, jan/jun. 2014.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GUERRA, G. A. D. **O êxodo rural no cancioneiro popular: Triste partida, de Patativa do Assaré**. Trilhas, Belém, v. 3, n. 1, p. 23-34, 2002. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/O%20êxodo%20rural%20n%20o%20cancioneiro%20popular.%20Triste%20Partida,%20de%20Patativa%20do%20Assaré%20-%20Gutemberg%20Armando%20Diniz%20Guerra.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Editora Record, 1975.

PAIVA, M.G. Os caminhos e os sentidos do exílio na poesia brasileira: algumas considerações. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 21, n. 42, p. 35-55, jul./dez. 2017.

QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos:** ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva/ Secretaria da Cultura, Ciência e tecnologia do estado de São Paulo, 1978.

_____. **Vale Quanto Pesa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

SILVA, João. B. **Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres.** (Org. Cláudio Cledson Novaes e Roberto Henrique Seidel). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

Página | 96

TORRES, Antônio. **Essa terra.** 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____, Antônio. **O cachorro e o lobo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____, Antônio. **Pelo fundo da agulha.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

NARRATIVES OF DISPLACEMENT: THE PLACE FOR MIGRANTS IN THE WRITINGS OF ANTÔNIO TORRES

Abstract

Página | 97

The representation of subjects in the condition of exile has been largely recurrent in contemporary literary productions. Numerous are the fictional narratives in which forced mobility, posed by economic, cultural, political instabilities, or stability disturbed by social maladjustment are present, pointing to issues such as belonging and uprooting, the sertaneja diaspora of the Brazilian northeast in the 20th century and the redefining identity driven by new crop contacts. By means of theoretical cutouts of the concepts migration, displacement and places, as well as of the cultural studies grounded by Stuart Hall (2003), Zygmunt Bauman (2001), Homi Bhabha (1998), Garcia Canclini (2006), among others, this study intends to discuss the experience of displacement in the contemporary narrative the sense that the 'places' resulting from the processes of forced mobility represent in the life of the migrant subjects, as well as to verify how the loss of the spatial referents modify the uprooted subject. To do so, we analyze excerpts from the contemporary *This land* (1976), *The Dog and the Wolf* (1997) and *The Bottom of the Needle* (2006) by the writer Antônio Torres.

Keywords

Migration. Antônio Torres. Displacement. Places.

Recebido em: 10/06/2019
Aprovado em: 03/12/2019

Zélia Gattai e Norah Lange:

espaços e culturas em deslocamento

Regina Simon da Silva ³⁰

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Ramón Diego Câmara Rocha ³¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de demonstrar, por meio de uma aproximação entre as escrituras de Norah Lange e Zélia Gattai, como a produção dessas duas autoras, em relação às narrativas de memória, participa de um constante processo de deslocamento cultural, ampliando nossa visão acerca das ideias sobre uma identidade única, evidenciando um constante movimento entre culturas, situando-se, a partir de um projeto estético em suas escritas, em um lugar do meio, na cultura latino-americana. Para concretização dessa análise, utilizaremos uma abordagem da literatura comparada em que, aliando aspectos de suas escritas aos respectivos contextos de sua produção, veremos como a representação de realidades, a princípio tão distintas, toca-se, pluraliza-se, a partir de pontos em comum, na escrita memorialista dessas duas grandes mulheres. Nesse sentido, a partir dessas “escritas em movimento”, analisaremos alguns trechos de diários, cartas e conferências, de cada uma dessas duas grandes vozes e partícipes de processos importantes da história e cultura, do Brasil e da Argentina, respectivamente. Nesse percurso teórico, alguns textos nos servirão de arcabouço para nossa investigação comparativa, como Ruiz Sánchez (2005), Halbwachs (1990), Leonor Arfuch (2010), Ottmar Ette (2018), Mizraje (1999), entre outras pensadoras e pensadores que nos auxiliarão nesse percurso.

Palavras-chave

Deslocamentos culturais. Narrativas de memória. Norah Lange. Zélia Gattai.

³⁰ Pós-doutora em Letras Neolatinas, opção Literaturas Hispânicas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorado em Letras Neolatinas, opção Literaturas Hispânicas (UFRJ). Professora Associada do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas - DLLEM (UFRN), área Letras/Espanhol e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGEL (UFRN), linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural.

³¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutorando em Estudos da Linguagem, opção Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Considerações iniciais

São muitos os caminhos que unem as escritoras latino-americanas da década de 1920. A luta pela igualdade de direitos, a construção de uma perspectiva nacional dentro e fora de seus respectivos países, o fortalecimento de uma cultura letrada atenta às transformações sociais de seus respectivos contextos são, por exemplo, alguns desses elementos. Nesse âmbito, Zélia Gattai (1916-2008) e Norah Lange (1905-1972) foram, no tocante as suas respectivas produções, duas mulheres de grande importância na valorização e revisitação crítica da(s) memória(s) e cultura(s) latino-americana(s) e, por esses e outros motivos, suas escritas se aproximam em um movimento de compreensão, respectivamente, da memória histórica brasileira e argentina, em constante deslocamento cultural.

Seguindo essa linha de raciocínio, em busca de uma mobilidade cultural e de um situar-se entre culturas no cerne da rememoração histórica, não é difícil identificar, em um primeiro momento, os lugares dos quais ambas nos falam. A primeira das escritoras, por exemplo, é herdeira de uma longa tradição italiana, cujos antepassados vieram, de forma bastante controversa, a terras brasileiras. Trazidos, sobretudo, com promessas de um rico futuro, seus parentes emigraram em busca da construção de uma nova vida, fixando raízes no Brasil.

A segunda, filha de um norueguês com uma inglesa de origem irlandesa, também sofre um deslocamento espaço-cultural quando seus pais, movendo-se de seu lugar de origem para morar, durante grande parte de sua vida, em Mendoza e Buenos Aires, decidem por fixar-se, também de modo bastante peculiar, nos embriões do território latino-americano.

Gattai, como viajante e mulher de percepção apurada, acaba testemunhando todo o processo de redemocratização brasileira, mapeando os trânsitos culturais, os deslocamentos e os intercâmbios entre Itália e Brasil, lançando vários livros de memória, obtendo reconhecimento dentro de um formato narrativo intitulado de memorialista, por meio de obras como *Anarquistas graças a Deus* (1979) e *Chão de meninos* (1992).

Lange, por sua vez, não só decidiu reviver suas histórias de infância na terra argentina, como apostou, também na década de 20, na produção de um livro que relatasse aspectos íntimos de sua vivência, em um território repleto de idiosincrasias. Apoiada nisso, escreveu *Cuadernos de infancia*³² (1937), na qual realiza um inventário de suas

³² Para esse artigo utilizamos a tradução de Joana Angélica D'ávila Melo, *Cadernos de infância* (2009).

maquinações infantis, a partir da revisitação de uma argentina própria, calcada na força poética de sua escrita.

Nesse sentido, suas obras se tocam e estabelecem – pelo aspecto desterritorialista que parecem explicitar em suas escritas – por meio de uma concepção de mundo globalizado, que nos coloca em constante deslocamento, não só espaço-temporal, como também, histórico-cultural. É por esse motivo que, tanto Lange quanto Gattai partilham de uma condição que as aproxima, nesse estudo comparado, ou seja, relatos de um amadurecimento feminino em terras estrangeiras, nas quais, ambas, enfrentando suas dúvidas e medos, caminham nas veredas de uma escrita do íntimo, que vai da infância à adolescência, relatando-nos o processo de tomada de consciência crítica de seus papéis enquanto mulheres e escritoras no início do século XX, a partir de uma localização memorialista que se dá “Entremundos” (ETTE, data).

Além disso, essas autoras parecem situar-nos em uma nova forma de se pensar a escrita de memórias, ou seja, arquitetada sob a sombra de um movimento entre culturas que nos dá, enquanto projeto de escrita, o balanço histórico-cultural de uma narrativa que não tem uma única morada.

A redescoberta do signo

Em seu livro, *Anarquistas Graças a Deus* (1979), por exemplo, Zélia Gattai nos apresenta a perspectiva de uma criança que, assustada e longe de seu habitat cultural de origem, situa-se em um espaço do meio, ou seja, em uma referência histórico-cultural povoada tanto pelo imaginário italiano, quanto pela influência da cultura brasileira na qual crescera e com a qual acabara se identificando.

Na sua elaboração memorialista, quando se fala da exposição de um imaginário infantil, ou seja, da preparação de um terreno fértil no qual suas memórias começam a florescer, a narradora, personagem e, também, autora, logo nos insere em uma tradição oral que adquirira, na figura de sua mãe, o símbolo máximo de representatividade:

De origem modesta, mamãe sempre gostara de boa leitura, embora quase não houvesse estudado. Preferia ler à noite, já deitada, em silêncio. Saboreava lentamente cada palavra. Tivera poucos meses de escola, mas os aproveitara bem, escrevia-me cartas deliciosas, nas quais misturava o dialeto vêneta e a língua portuguesa, cartas cheias de espírito e erros ortográficos. Seu diário, no qual escrevia à noite, antes de dormir, era a minha grande curiosidade, mas

nunca consegui pôr os olhos em cima, pois ela o trazia trancado a sete chaves, o recato a perseguia. (GATTAI, 1992, p. 39)

Entrando no mundo das letras a partir das leituras que sua mãe apresentava e, por vezes, lia em voz alta, a autora descreve-nos um processo de tradução – por parte de sua mãe – de uma nova realidade, a brasileira, a partir de uma realidade primeira, a italiana, apostando na transcrição de uma experiência que “misturava o dialeto vêneto e a língua portuguesa” (GATTAI, 1992, p. 39).

Nesse caminho de reconstituição dos fatos que marcaram sua vivência, rememorando os primeiros anos de sua vida em terras brasileiras, a autora faz questão de enfatizar esse encantamento com uma nova realidade. Contudo, longe de ser um mero processo de descrição do que fora vivido, a escrita de Gattai atesta em favor de uma vivência de mão dupla, por meio de um deslocamento entre culturas que nos é perceptível pela instrução e escrita de sua matriarca. O que não ocorre por acaso, afinal, como nos diz a pesquisadora LÍlian de Lacerda (2003), a constituição das mulheres leitoras sempre foi mediada por alguma figura feminina em duas situações: 1) dentro do seio familiar; 2) quando a família dispunha de grande orçamento financeiro, através da contratação de uma mulher para ser preceptora de suas filhas:

[...] nos escritos de Maria José Dupré e Zélia Gattai a memória está marcada pela saga familiar e as formas de sobrevivência do grupo. Na narrativa delas identifiquei a atuação das mães como parte constitutiva de suas histórias como leitoras, na medida em que estas contribuíram com um repertório favorável por meio do que liam, dos usos diferenciados que faziam dos impressos e da partilha de seus gostos e preferências literárias transmitidas, oralmente, como parte de seu legado cultural. (LACERDA, 2003, p. 174)

Norah Lange, por sua vez, enquadra-se nessa segunda situação. Filha de pais abastados, ela obtém aulas de uma preceptora inglesa, que a ensina a compreender melhor a dicção castelhana e todas as implicações culturais envolvidas no processo de aquisição de uma nova língua e, conseqüentemente, de novos costumes:

Diariamente, Miss Whiteside nos reunia no quarto onde nos dava aula, para prosseguir os cursos de inglês, geografia, história e religião. Minhas irmãs estudavam conscienciosamente. Susana e eu começamos mais tarde, e ainda recordo o livro de Manet no qual li as primeiras coisas. Da Argentina sabíamos muito pouco. (LANGE, 2009, p. 39)

Por vezes, essa educação conferida às mulheres, confundia-se com uma necessidade, por parte dos pais, de uma escolarização de suas filhas. Isto porque, “Nesse modelo de formação feminina, educar cumpre às vezes de escolarizar” (LACERDA, 2003, p. 170). O fato é que, tanto no caso de Gattai, quanto no de Lange, mesmo que por

vias singulares, a redescoberta do signo, em busca de uma melhor educação, dá-se de modo intercultural, ou seja, ambas aprendem a lidar com uma nova realidade por meio de trânsito entre língua e cultura maternas e língua e cultura do país de acolhida.

Além disso, o espaço privado da educação familiar, ou seja, de um universo do íntimo ao qual ambas eram restritas, permitiu o aprofundamento de um tipo de escrita chamada de memorialista, que se deu, basicamente, a partir de registros em diários e notas tomadas longe dos olhos de seus pais. Isto, pois, desde que as mulheres puderam ler e ter acesso a escrita, a proibição de determinadas leituras e, posteriormente, da divulgação de seus escritos, tornou-se uma chaga aberta do machismo, um controle da produção sob o pretexto de resguarda da honra feminina, mantendo as mulheres em casa, sob olhos vigilantes, como nos diz a pesquisadora Graciela Batticuore:

Dito de outro modo, a consciência sobre a necessidade de *exibir o pudor* como uma característica que torna visível a honra feminina (entendida como um atributo que diz respeito à moral sexual) busca projetar-se também no âmbito específico da leitura e da escrita das mulheres.³³ (BATTICUORE, 2005, p. 114, grifos do autor). Tradução nossa.

Esse processo de escrita acabou evidenciando o que acontecia nos bastidores da vida pública e privada da qual fizeram parte, revelando um diálogo profundo acerca de costumes e vivências que se tocam e vem à tona, da esfera da subjetividade ao âmbito da construção estética.

Resgatando e imbricando vozes que se pluralizam mediante contextos diversos de significação, essa escrita dá margem, também, a um “eu” que é, ao mesmo tempo, narrador, personagem e autor dos enredos que escreve. Nesse movimento em que, pelo teor escorregadio da memória, fato e ficção se fundem, como nos diz a teórica argentina Leonor Arfuch, “não é tanto o ‘conteúdo’ do relato por si mesmo – a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes –, mas precisamente *as estratégias* – ficcionais – *de autorrepresentação* o que importa” (ARFUCH, 2010, p. 73, grifos do autor).

O fato é que, tanto com Gattai quanto com Lange, essa maneira de representar o mundo parece anunciar, já no próprio movimento de descobrimento e apropriação de uma nova linguagem, um movimento de busca por si. Uma espécie de tomada de consciência do eu-no-mundo a partir dos mecanismos de articulação e expressão próprias, da linguagem como morada itinerante do ser, afinal:

³³ No original: “Dicho de otro modo, la conciencia sobre la necesidad de exhibir el pudor como un rasgo que hace visible el honor femenino (entendido como un atributo que atañe a la moral sexual) busca proyectarse también en el ámbito específico de la lectura y la escritura de las mujeres”.

[...] nos debates centrais que preocupam a nossa sociedade: todo texto literário é parte de um projeto estético que elege a representação artística para dar resposta a uma pergunta – formulada expressamente em uma minoria de casos – mas sempre existente. Escrever para entendermos a nós mesmos, para entender nossa sociedade, ou as mudanças as quais ela nos leva, para tratar de encontrar razão para o inexplicável ou descrever o inconcebível, ou voltar a nomear o que se converteu em inominável [...].³⁴ (RUIZ-SÁNCHEZ, 2005, p. 102). Tradução nossa.

Como nos diz Ruiz-Sánchez, isso acontece porque esse processo de nominar, de redescobrir expressões verbais que, digeridas e transpostas para uma nova forma de pensar, acabam por revelar o que há de si na construção de uma identidade em constante deslocamento. Se for preciso dizer que cada projeto estético é singular, e isso não poderia ser diferente em relação a essas duas escritoras, não se pode negar, contudo, que enquanto instrumento de mediação, ambas tomam as novas línguas – portuguesa e espanhola – como ferramentas de autodescoberta e, também, em um movimento de compreensão do mundo, como código interpretativo de suas próprias realidades históricas e espaço-temporais, refletindo sobre as ideias de pertencimento, normatizações, enquadramentos sociais, ou até mesmo sobre a própria linguagem.

Nesse sentido, o discurso daquele que migra, daquele que tem uma referência cultural primeira e que, por força de movimentos de expatriação ou de mudança de perspectiva cultural, obtém, na própria escrita, uma perspectiva dialética, ou como nos diz Cornejo Polar (1996) “considero que o deslocamento migratório duplica (ou mais) o território do sujeito e lhe oferece ou o condena a falar a partir de mais de um lugar. É um discurso duplo ou multiplamente situado”³⁵ (CORNEJO POLAR, 1996, p. 104). Tradução nossa.

Desterritorialização e memória cultural

Avançando na hipótese de uma representação e autorrepresentação dos deslocamentos espaço-temporais a partir de uma nova concepção de territorialidade e referenciação, a memória e sua posterior transcrição para a linguagem são os meios

³⁴ No original: “[...] en los debates centrales que preocupan a nuestra sociedad: todo texto literario es parte de un proyecto estético que elige la representación artística para dar respuesta a una pregunta — formulada expresamente en una minoría de casos— pero siempre existente. Escribir para entendernos a nosotros mismos, para entender nuestra sociedad, o los cambios a los que ella nos aboca, para tratar de encontrar razón a lo inexplicable o describir lo inconcebible, o volver a nombrar lo que se convirtió en innombrable [...]”.

³⁵ No original: “considero que el desplazamiento migratorio duplica (o más) el territorio del sujeto y le ofrece o lo condena a hablar desde más de un lugar. Es un discurso doble o múltiplemente situado”.

através dos quais esses deslocamentos podem ser analisados, na reconstituição de uma percepção individual e, ao mesmo tempo, coletiva. Nesse caso, surge um projeto de escrita em que, “de um lado, os depoimentos dos outros serão impotentes para reconstituir nossa lembrança apagada; de outro, nós nos lembraremos, em aparência, sem o apoio dos demais, de impressões que não comunicamos a ninguém” (HALBWACHS, 1990, p. 22).

Dessa maneira, se a apropriação de uma língua nos aproxima espaço-temporalmente de uma cultura, três esferas de comportamento acerca da realidade na qual o imigrante fixa morada são dispostas, agora, nesse novo contexto que se revela. Segundo Ruiz-Sánchez (2005), estudiosa do tema, isto acontece porque o processo de migração que envolve culturas e línguas diferentes, deslocando-as histórica e culturalmente, envolve uma nova maneira de lidar com espaço e linguagem, em uma constante movimentação da percepção coletiva e individual.

Ao estudar, especificamente o processo migratório e de deslocamento cultural a partir da memória de vários escritores, em exílio forçado ou autoexílio, a pesquisadora concluiu que, nesse movimento de escrita, na terra de acolhida, cria-se uma nova referencialidade, no cerne da própria construção estética. Nesse sentido, a pesquisadora nos exemplifica cada uma dessas três esferas de referencialidade e interação intercultural.

A primeira reflete um projeto de escrita monolíngüística que, apoiando-se na produção em língua materna dos escritores e escritoras que saíram de suas referidas pátrias e foram obrigados(as) a se estabelecer em outro espaço geográfico. A segunda esfera seria a de um multiculturalismo no qual duas ou mais línguas surgem em um movimento de bilingüismo criativo, construindo um projeto estético que envolveria a(s) língua(s) nativa(s) e a(s) língua(s) materna(s). Não raro, essas construções se manifestaram de forma tão nítida em escritores que passaram por esse processo de desterritorialidade, a partir do qual, “W. Nabokov, J. Conrad, S. Beckett são os ícones mais conhecidos e, por sua vez, exemplares neste tipo de tratamento³⁶” (RUIZ-SÁNCHEZ, 2005, p. 106). Tradução nossa.

Já a terceira esfera, ainda segundo a mesma autora, reflete uma produção monolíngüística na nação que deu acolhida ao escritor. Ao invés de uma interculturalidade expressa por meio do bilingüismo, há a manifestação de um trânsito constante no acesso às memórias vividas – tanto na língua materna, quanto na língua

³⁶ No original: “W. Nabokov, J. Conrad, S. Beckett... son los iconos más conocidos y a la vez ejemplares en este tipo de tratamiento”.

estrangeira, contudo, através de uma escrita, especificamente, na língua do país que acolhera esses(as) escritores(as). Ou como nos diz Ruiz-Sánchez:

[...] o que se aprecia pela presença no momento criativo das memórias histórico-culturais tanto da língua materna quanto a de acolhida. A experiência de desterritorialização já vem herdada, e se transforma por isso, no momento de criação, ou em tema ou em percepção narrativa.³⁷ (RUIZ-SÁNCHEZ, 2005, p. 106). Tradução nossa.

O estudo de Ruiz-Sánchez nos é de grande importância, pois essas esferas de interculturalidade que envolvem os processos de deslocamento cultural a partir do caráter móvel da memória e, expressa nos escritos dos emigrados, se faz refletir na própria construção de um projeto de escrita. Nesse âmbito, tanto Gattai quanto Lange apresentam, por meio de uma memória histórica em constante deslocamento, aspectos memorialistas cujas referências se dão entre culturas, muitas vezes fundindo-as, outras vezes estabelecendo uma relação de paralelismo.

No caso de Lange, vemos, por vezes, um estágio de apropriação da linguagem com objetivo de refletir, a partir dos intercâmbios com a língua espanhola e suas referências culturais norueguesa e anglo-saxã, sobre as próprias transferências entre culturas, entre formas de nominar e silenciar:

[...] eu me distraía, sentada no chão, com meu passatempo favorito. Com uma tesoura, recortava palavras dos jornais locais e estrangeiras e ia empilhando-as em montinhos. Na maioria das vezes, desconhecia-lhes o significado, mas isso não me preocupava nem um pouco. Só me atraía seu aspecto tipográfico, a parte densa ou rara das letras. As palavras em maiúsculas como TWILIGHT, DISCOVERY, DAGUERREÓTIPO, LABIRINTO, THERAPEUTIC, produziam-me por si mesmas um entusiasmo e uma satisfação que, agora, eu teria de qualificar como estética. (LANGE, 2009, p. 173, grifos do autor)

Aqui, a paixão pela palavra nasce do conhecimento de uma mistura linguística, da inter-relação entre línguas de modo que, indistinguívelmente, o que direciona a escritora e a ajuda a formar seu amor pela linguagem é o aspecto singular de cada palavra, a forma como a palavra se revela dentro de uma nova cultura e, até mesmo, o aspecto gráfico do signo.

Nesse labirinto linguístico, o dito aparece em constante deslocamento e, conseqüentemente, a partir dessas formas de expressão verbal é que constituiu-se, nas

³⁷ No original: “[...] lo que se aprecia por la presencia en el momento creativo de las memorias histórico-culturales tanto de la lengua materna como de acogida. La experiencia de desterritorialización viene ya heredada, y se convierte por ello en el momento de creación bien en tema, bien en percepción narrativa”.

palavras da própria Lange, “um entusiasmo e uma satisfação que, agora, eu teria de qualificar como estética” (LANGE, 2009, p. 173).

Desse modo, o trânsito entre significante e significado, em uma mobilidade da compreensão que funda o interesse e a noção estética, acaba levando Lange para sua lida com a escrita e o processo de nomeação das coisas. Sua formação enquanto leitora acontece em um lugar em que a referenciação da linguagem se dá entre a cultura de origem e a cultura do país de acolhida, condicionando sua percepção estética e, posteriormente, sua forma de fazer e pensar a poesia. Esta última mais evidente, também, a partir do fragmento em que ela nos fala sobre o caráter sonoro das palavras que aprendera na Argentina: “No princípio, eu repetia as primeiras palavras, embora a voz de quem me falava já tivesse alcançado outro rumo, outra intensidade. Mas, uma vez obtida a frase de dez sílabas, eu prescindia desse hábito e podia escutar com calma” (LANGE, 2009, p. 153).

Seduzida por uma espécie de fetiche sonoro, a mesma autora nos diz, ainda, que durante conversas inteiras se dispunha a contar as sílabas das palavras, tentando enquadrar, em uma métrica própria, a sonoridade de uma dicção castelhana que procurava absorver e repetir de forma bastante aplicada. Como ela mesma nos diz, posteriormente, essa paixão pelo som das palavras não surgira com a leitura de poesia no idioma que aprendera, mas sim, pela apropriação de aspectos da oralidade, no interior da Argentina: “A poesia, no entanto, não me incitava a percorrê-la, a medi-la. Meus dedos se moviam, unicamente, quando alguém me falava e em pouco tempo adquiriram tal destreza que fui capaz de seguir conversas inteiras marcando sílabas com os dedos” (LANGE, 2009, p. 155).

Já no caso de Gattai, esse processo de deslocamento, ainda no nível da linguagem, acontece em uma reflexão sobre a forma de apropriação da palavra. A reflexão acerca do dito se dá, justamente, na rememoração de uma tradição da oralidade, oriunda da cultura italiana, mas rememorada, sobretudo, quando há um deslocamento espaço-temporal entre aspectos da cultura italiana e brasileira:

Meu pai emocionava-se ao nos narrar suas próprias histórias. Digo suas próprias histórias porque acredito que ele as inventava à medida que nos ia contando. Ele próprio se empolgava e isso eu percebia, nos momentos mais emocionantes, ao notar arrepios em seu pescoço. Embora falasse correntemente o português, papai só contava histórias em italiano, matava dois coelhos com um tiro só: divertia os filhos e ensinava-lhes a sua língua natal. (GATTAI, 2002, p. 2)

Convidada a proferir um discurso para sua posse como membro da Academia Brasileira de Letras, em 2002, Gattai relembra aspectos de sua cultura de origem, na forma de se pensar e compor seus escritos em língua portuguesa. Nesse feito, atesta em favor de aspectos como a ênfase na oralidade e em uma tradição de transmissão de costumes que valorizava, não a frieza da palavra escrita, mas o calor sonoro de uma linguagem que se constituiu e se constitui por meio de uma fluidez comunicacional.

Para além da apropriação de uma língua nova, resgatando, esteticamente, espaços comunicativos, dentro da própria linguagem, é importante se dizer que Lange e Gattai não se restringem à reflexão sobre a linguagem em si, afinal, operam-se também, tanto em uma quanto em outra escritora, certos movimentos de descentralização de pensamento cultural acerca de suas respectivas realidades.

Deslocamentos, espacialidades e transpersonalizações

Nesse processo de situar-se entre culturas, os limites do público e privado, do nacional e do estrangeiro, expandem-se e se refletem em uma dobra crítica sobre a própria conceituação histórico da cultura. Nesse sentido, tanto as obras de Lange quanto as de Gattai detém-se especificamente em duas problematizações: 1) a que envolve os lugares fixos de fala a partir dos quais se problematiza a ideia de unidade nacional, bem como uma essência de nacionalidade; 2) a imbricação dos espaços públicos e privados em um movimento de deslocamento cultural, por meio da escrita, que pode dar-se de modo “transpessoal”.

No tocante ao primeiro aspecto, é importante demonstrar que, em *Chão de meninos* (1992), o chão do qual nos fala Gattai, é absolutamente metafórico, ou seja, é um espaço em que a autora firma sua escrita e sua vivência, de forma memorial e imaterial. Esse terreno, no entanto, é movediço, se movimenta ao sabor de suas lembranças, é revisitado a partir de uma eterna presentificação do passado que, de forma atualizada, se perpetua e reativa suas lembranças.

Essas lembranças, no entanto, são visitadas a partir de uma modificação latente do passado tal qual ela recorda o ter vivido, afinal, “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 1999, p. 30).

É justamente nesse caráter móvel em que Gattai, como contadora de histórias, situa suas reflexões acerca de uma modificação na forma de se pensar os espaços públicos que, em uma perspectiva mais globalizada e ampla, pensa a história e a política brasileiras, conforme esse deslocamento cultural. Não por acaso, isso fica tão evidente em algumas passagens de dois de seus livros mais conhecidos.

Em *Chão de meninos*, por exemplo, destacamos esse fragmento, no qual percebemos uma aguda observação da narradora/autora/personagem, Gattai, diante da transformação e deslocamento cultural de atuação dentro de um mesmo espaço:

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de vinte quilômetros a hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos [...]. (GATTAI, 1979, p. 22)

Nesse trecho, vemos alguns pontos bastante interessantes no tocante à percepção do espaço público no Brasil, das ideias de pertencimento e da constituição de uma nova forma de subjetividade a partir da remodelação dos espaços. Um primeiro aspecto a se ressaltar é que Gattai, como boa observadora e, também, herdeira de uma tradição da contação de histórias por seus antepassados, explora o aspecto da oralidade e o transpõe para o texto escrito.

É nítido perceber, pelo próprio uso das vírgulas, pela exacerbação dos sons sibilantes e pela intensidade do impacto de novas máquinas no Brasil, a intensidade conferida a uma nova etapa na forma do brasileiro se relacionar com a modernidade. A utilização de imagens como “violentas explosões, gases e fumaça escura” ((GATTAI, 1979, . 22), também demonstram bem o clima que se instalara no espaço público brasileiro, entre “estridentes fonfons de buzinas” (p. 22) e uma cidade que “crescia mansamente” (p. 22). Aqui, os elementos que compunham o imaginário nacional, do Brasil como uma unidade essencialmente tupiniquim, no tocante à construção de sua identidade enquanto país, é colocada em xeque pela chegada de uma tecnologia que, inevitavelmente, destoava de um sentimento de calma e tranquilidade.

A crítica de Gattai se dá com a calma e ironia de quem percebe a novidade que os carros, já em moda na Europa, chegam com atraso e espanto ao território brasileiro. Sua anúncio parece conter um ar de observação e, ao mesmo tempo, sarcasmo, na

forma de descrever as pessoas “deslumbradas” com os espectros da modernidade, a partir dos quais dá, à narrativa, certo tom cômico. Característica essa, ressaltada por Simone de Beauvoir: “Era sua origem italiana que doava-lhe uma natureza, uma leveza juvenil. Tinha muito caráter e era comunicativa. Um olhar fundo, a palavra pronta. A presença dela era muito dinâmica, aliás, confesso que foi uma das poucas mulheres com as quais eu ri!” (BEAUVOIR, 1995, p. 464).

Esse deslocamento cultural, travestido de ironia na percepção acerca das máquinas estrangeiras, no território brasileiro, salta-nos aos olhos na narrativa, a partir de uma constante contraposição entre uma ideia de Brasil como país calmo e subdesenvolvido, com a inserção ou, como a mesma autora nos fala, a “invasão” de um maquinário estrangeiro, que acelera o ritmo de vida dos paulistanos, mas que, em um momento posterior, harmoniza-se a ele. A apropriação das máquinas e, sua inserção tardia ao fluxo da cidade, já nos revela uma heterogenia na forma de se pensar as relações no espaço público.

Já em Norah Lange, as relações de pertencimento com os espaços e territórios geram, quase sempre, uma sensação de nostalgia que se reflete pelo próprio processo de deslocamento, alterando, inclusive, aspectos físicos e comportamentais de sua autorrepresentação na narrativa que se desloca entre passado e presente, espaço público e privado:

Vestidas de marinheira branca chegamos, às cinco, a Mendoza. Vestidas de escuro partimos para Buenos Aires. [...] Debruçadas nas janelas seguíamos a graminha acachapada junto aos trilhos da via contrária, recuperávamos em alguma curva o perfil brumoso da cordilheira.

– Lá está ela outra vez! – exclamava alguma coisa. Nesse momento, ela existia para nós, com aquela ternura peculiar das despedidas, em que a pessoa percorre por longo tempo, a coberta do barco para recolher, um instante mais, só um, a imagem familiar que a distância vai apagando. (LANGE, 2009, p. 125)

Por esse motivo, em *Cadernos de infância*, a mediação entre espaços parece implicar, rotineiramente, uma “transpersonalização”, ou seja, a escritora parece situar-se em uma perspectiva linguística e identitária “EntreMundos”, ou como nos diz o escritor alemão Ottmar Ette (data), em uma forma de perceber a interação entre diversos aspectos de duas ou mais culturas que envolvem um processo de transitoriedade, a partir do qual, em constante movimento e/ou deslocamento histórico-cultural entre diferentes formas de nos comportarmos, acarretando uma “autorrepresentação transpersonal” – fundindo diferentes aspectos de nossa personalidade entre culturas –.

O detalhamento dessa “transpersonalização”, mediada pelo deslocamento, é constituído de uma maneira tão intensa que, por vezes, a transposição da consciência da narradora para um território afetivo sugere a confusão entre letra e territorialidade, como esclarece Maria Gabriela Mizraje quando nos diz que:

[...] de Mendonza escolhe a terra, é o que resta para a lembrança e algo da ordem do funcional: terra e palavras se associam e compõem todo o capítulo [...] “Quando penso na casa de Mendonza, mais do que as árvores, mais do que a paisagem, esses pedaços de terra chegam até a mim [...] e a lembrança os empilha [...] para que sua dureza não prejudique a caligrafia mais desgarrada e doce”³⁸. (MIZRAJE, 1999, p. 199). Tradução nossa.

Esta fusão entre espaço e representação/autorrepresentação acontece, pois, segundo Ottmar Ette (data), espaço e tempo condicionam a percepção acerca do fluxo de deslocamento que constitui nossa identidade, por isso, pode haver uma relação indissociável entre o espaço ocupado e a adequação identitária àquele espaço que se ocupa e que, em uma transposição linguística, especificamente na configuração de uma autorrepresentação, por meio da literatura, de relatos de viagem, ou escritos memorialistas:

A transposição para uma outra região, para um outro país (*pays*) da Terra, não só implica – como vimos – o deslocamento espacial e a possibilidade de um “*se dépayser dans le temps*”, como também oferece a chance tanto de uma mudança completa de pessoa, quanto das circunstâncias concretas de sua vida. O *transregional* inclui uma modificação *transpessoal*. (ETTE, 2018, p. 64, grifos do autor)

Isto acontece em um contexto cultural no qual, a partir de uma perspectiva globalizante, o mundo se estabelece em um constante trânsito entre países e identidades que geram, portanto, uma nova maneira de se pensar a constituição do(a) autor(a) e de sua respectiva produção, através das “formas mais diversas de apropriação de bens simbólicos, como arte e literatura, também meios de comunicação de massa e cultura do dia-a-dia e, assim, pelos processos de leitura e decifração dos mais variados” (ETTE, 2018, p. 71).

A representação estética desses múltiplos referentes faz, portanto, com que, a reflexão sobre os movimentos de pertencimento, de reconhecimento e identificação com

³⁸ No original: “[...] de Mendoza elige la tierra, es lo que queda para el recuerdo y algo del orden de lo fundacional: tierra y palabras se asocian y conforman todo el capítulo [...] “Cuando pienso en la casa de Mendoza, más que los árboles, más que el paisaje, vienen a mi encuentro esos pedazos de tierra [...] y el recuerdo los apila [...] para que su dureza no perjudique la caligrafía más desgarrada y dulce”.

determinado território esteja muito além daquilo que se estabelece em um acordo prévio, através de uma identidade una e bem delineada.

Nesse sentido, enquanto Lange parece apontar para um trânsito memorial dos espaços que apresenta, tomando sua cultura como entrelaçamento paralelístico e alternando, entre diversos recortes espaço-tempo-culturais, construindo uma escrita em constante deslocamento, Gattai o faz, situando sua percepção da realidade brasileira não de forma a alternar entre uma cultura e outra, em uma transitoriedade que se dá de maneira paralela no encadeamento de memorialístico, mas com uma dicção que se estabelece, entre culturas, em que uma se torna o parâmetro crítico de releitura da outra.

Considerações finais

Dito isto, tanto Gattai quanto Lange, além de situarem-se em uma forma de apropriação de uma nova linguagem estabelecendo uma releitura dos países em que foram acolhidas a partir da língua nativa desses países, há uma relação entre culturas ou, como nos diz Ottmar Ette, “EntreMundos”.

Nessa relação, entre cultura de origem e cultura de acolhida, é inevitável que, cada escritor, a seu modo, pense o espaço e o tempo da cultura em um constante deslocamento entre culturas que pode ou não acarretar em um processo de trânsito histórico, espacial e linguístico que estão diretamente envolvidos em uma nova maneira de representação e autorrepresentação nos textos literários e memorialistas.

Nessa escrita memorialista, especificamente, observa-se, pelo seu caráter de testemunho, em um primeiro momento, uma denúncia crítica acerca desse próprio deslocamento no cerne da escrita. Quem escreve entre culturas atesta, no próprio movimento de desterritorialidade empírica, uma movimentação entre diferentes formas de percepção que são, de certa forma, marcadas pelo signo da heterogeneidade da identidade.

No entanto, a forma dessa representação da desterritorialidade, apesar de poder apresentar, em escritoras tão singulares como Zélia Gattai e Norah Lange, elementos em comum, é muito mais idiossincrática do que se pode conceber em um breve estudo como este. Diz-se isto, pois, embora pudéssemos estabelecer diversas aproximações entre as escritoras, também pudemos apontar algumas dissimetrias na forma de percepção desses deslocamentos dentro de uma produção textual.

Enquanto Gattai se mantém em uma linearidade narrativa na qual utiliza sua experiência do exílio e da migração para manter um olhar crítico sobre os fatos que nos descortina, Lange embaralha os próprios fatos, deixando nítido esse transitar entre culturas no próprio curso de seu discurso. Ambas, no entanto, valem-se de uma forma pluralizada, a partir do próprio processo de desenraizamento da percepção, de leitura e releitura da cultura de acolhida, em um processo de revisitação da experiência que, parece dizer mais sobre o movimento que se estabelece ao caminhar, do que do chão novo no qual se pisa.

A importância desses estudos se afirma, justamente, a partir de um movimento de compreensão sobre as relações entre culturas e povos de diferentes nacionalidades e, com diversas percepções do espaço e tempo, que servem tanto para estabelecermos novos olhares sobre os processos migratórios em âmbito global, quanto sobre a condição do escritor mediante esses processos, a partir dos quais sua escrita, em constante intercâmbio histórico, espacial e cultural, desenvolve-se e tenta captar, de forma fractal, imagens de um mundo em constante mobilidade e transformação.

Referências

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BATTICORE, G. Modalidades y fantasmas de la autoría femenina. Publicistas y literatas. In: BATTICORE, G. **La mujer romántica**: lectoras, autoras y escritores en la Argentina: 1830-1870. Buenos Aires: Edhasa, 2005.

BEAUVOIR, S. **A força das coisas**. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORNEJO POLAR, A. Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno. In: CORNEJO POLAR, A. **Crítica de la razón heterogénea**: textos esenciales (I). Lima: Fondo Editorial de la Asamblea Nacional de Rectores, 2013, p. 97-109.

ETTE, O. **Escrever EntreMundos**: literaturas sem morada fixa. Trad. Rosani Umbach; Dionei Mathias; Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

GATTAI, Z. **Anarquistas graças a Deus**. São Paulo: Record, 1979.

GATTAI, Z. **Chão de meninos**. São Paulo: Record, 1992.

GATTAI, Z. **Discurso de posse**. [S.l. s.n.], 2002. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/zeliagattai/discursodeposse>>. Acesso em: 07 mai. 2019.

Página | 113

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora revista dos Tribunais LTDA, 1990.

LACERDA, L. A rede era furta cor. In: LACERDA, L. **Álbum de leitura**: memória de vida/histórias de leitores. São Paulo: UNESP, 2003.

LANGE, N. **Cadernos de infância**. Trad. Joana Angélica D'ávila Melo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MIZRAJE, G. Norah Lange: fuegos de sirenas. In: MIZRAJE, G. **Argentinas de Rosas a Perón**. Buenos Aires: Biblos, 1999.

RUIZ-SÁNCHEZ, A. Desterritorialización y literatura. Literaturas de exilio y migración en la era de la globalización. **Migraciones y Exilios**, n. 6, 2005, p. 101-112.

ZÉLIA GATTAI Y NORAH LANGE: ESPACIOS Y CULTURAS EN DESPLAZAMIENTO

Resumen

El presente artículo objetiva demostrar, por medio de una aproximación entre las escrituras de Norah Lange y Zélia Gattai, cómo la producción de esas dos autoras, en relación a las narrativas de memoria, participa de un constante proceso de desplazamiento cultural, ampliando nuestra visión acerca de las ideas sobre una identidad única, evidenciando un continuo movimiento entre culturas, situándose, a partir de un proyecto estético en sus escrituras, en un lugar del medio, en la cultura latinoamericana. Para concreción de este análisis, utilizaremos un abordaje de la literatura comparada en que, aliando aspectos de sus escrituras a los respectivos contextos de su producción, veremos cómo la representación de realidades, al principio tan distintas, se toca, se pluraliza, a partir de puntos en común, en la escritura memorialista de esas dos grandes mujeres. En ese sentido, a partir de esas "escrituras en movimiento", analizaremos algunos fragmentos de diarios, cartas y conferencias, de cada una de esas dos grandes voces y partícipes de procesos importantes de la historia y cultura, de Brasil y de Argentina, respectivamente. En este recorrido teórico, algunos textos nos servirán de apoyo para nuestra investigación comparativa, como Ruiz Sánchez (2005), Halbwachs (1990), Leonor Arfuch (2010), Ottmar Ette (2018), Mizraje (1999), entre otras pensadoras y pensadores que nos ayudarán en ese recorrido.

Palabras clave: Desplazamientos culturales. Narrativas de memoria. Norah Lange. Zélia Gattai

Recebido em: 01/06/2019

Aprovado em: 04/12/2019

Gender, Memory, and Emotion
in Exile Discourse: Stefan and Página |
Lotte Zweig's everyday life in the 115
tropics

Maria das Graças Salgado³⁹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Abstract

Stefan and Lotte Zweig's last letters describe their everyday life as exiles in Brazil where, depressed by a pessimistic future after World War II, they take their lives in a suicide pact. This paper aims to discuss aspects of gender, memory and emotion that might have affected the couple's exile discourse. To this end the paper employs notions from discourse analysis, gender studies and the anthropology of emotion. The analysis is based on the letters from Stefan Zweig and Lotte Zweig written between 1940 and 1942, most of them addressed to members of Lotte's family who remained in London.

Keywords

Stefan Zweig. Lotte Zweig. Gender. Emotion. Exile..

³⁹ Professora Associada de Inglês na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Introduction

Leaving Europe under the condition of exile in 1940, Austrian writer Stefan Zweig and his young wife Lotte Zweig were forced to give up constitutive elements of their social as well as subjective identities, namely, their country, families, friends, cultural background, and to a great extent even their language.

Initially the Zweigs went to the United States, where after a short stay, they decided to settle down in Brazil, more specifically in the mountain village of Petrópolis in Rio de Janeiro. Although Brazil seemed to them a welcoming society, the radical separation from everything they were familiar with provoked great emotional strain in the new process of social integration. They found it extremely difficult to contrast the memory of their cultural background with the hardships of everyday life in the tropics.

The last letters from Stefan and Lotte Zweig, written during exile, shed light on issues of gender, memory and emotion in exile discourse. These letters portray the extremely emotional context of an expanding war, persecution of Jews and other minorities, and widespread insecurity. But, above all, they describe the couple's everyday life and their increasing sense of isolation as exiles in Petrópolis where, depressed by the possibility of facing a gloomy future after World War II, they decide to take their lives in a suicide pact. Against such emotional background, some questions related to the Zweigs everyday life arise: how did Stefan and Lotte Zweig perceive the country, its people, culture and language?; How did the new society perceive the Zweigs?; And, finally, how does emotion, gender and memory affect this mutual perception?

This paper aims to discuss aspects of gender, memory and emotion that might have affected the couple's exile discourse. The paper employs some notions derived from French discourse analysis and Anglo-Saxon critical discourse analysis, gender studies and the anthropology of emotion. This interdisciplinary perspective helps perceive gender, memory, emotion and exile as historically situated discourses.

The interpretative analysis is based on the last letters from Stefan Zweig and his young wife Lotte Zweig written between 1940 and 1942, most of them addressed to members of Lotte's family who remained in London during the war. The collection contains 105 letters, 52 from Stefan Zweig and 53 from Lotte Zweig, originating from Rio de Janeiro, Petrópolis, Buenos Aires and New York. In order to prevent possible censorship against German speakers during the war, the Zweigs wrote them in English. As mentioned by Davis and Marshall (2010),

despite the fact that both of them were highly cultured multilingual speakers, the letters present some Standard English grammar mistakes.

Theoretical framework

Following a Foucauldian perspective (FOUCAULT, 1972) many linguists have adopted the concept of discourse as social practice, especially discourse analysts, whose main interest is to study the role of language for problems caused by social factors, gender included (Pêcheux 1969; Charaudeau 1969; Charaudeau and Maingueneau 2008; Fairclough 1995; Van Dijk 2006).

Acknowledging the importance of relating language use to its social communication context, the term discourse, in this paper, is used to refer to genuine, complete pieces of language (written in this case) produced within historically situated contexts, such as that of World War II.

As for gender, it is a theme that began to be more systematically discussed in the 1970's, when scholars explored different approaches in the attempt to better understand the interplay between language and gender in various communication contexts. Nevertheless, these approaches were mainly based on the sex/gender dichotomy (LAKOFF, 1975; SPENDER 1980; CAMERON 1985; HOLMES 1999). Later on, however, other perspectives emerged, adding to the existing studies the notion of gender performativity, for instance (BUTLER, 1999). And recently, current approaches have contributed with the concept of gender as socially constructed meanings assigned to bodies that carry stories, among them gender stories (DOMENICO; FOSS, 2013).

The Foucaultian discursive perspective has also inspired emotion studies' researchers who view emotion as a language to communicate not only feelings but also social and gender issues (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990). In the same vein, some discourse analysts have adhered to the concepts of memory and emotion as constitutive parts of discourse. Particularly relevant is French linguist Michel Pêcheux (1984), for whom memory is one of the conditions of discourse production and at the same time a space for counter-discourses that allow the construction of the historian. We would add here the autobiographers, (who have lived in exiles, for instance), whose stories are told under the influence of the memory of their past lives against the heavy emotional strains involved in adjusting to everyday life of the present society. In such a context, memory helps both define and trigger emotions typically associated with the condition of exile. The feeling of nostalgia, for example, is constantly mentioned in

the Zweigs' letters to contrast their memory of home, family and friends left in Europe with the difficulties to fit in the new society.

It is not within the scope of this paper to discuss in detail the various, complex concepts of exile (SAID, 2000; GURR, 1981; KNAPP, 1990).

The term is more specifically used here to refer to experiences associated with the extremely emotional context of the diaspora of people forced to search refuge away from home.

When the exile experience is shared by a couple, as it occurred with Stefan and Lotte Zweig, elements of gender, memory and emotion play a part worth investigating.

“The fair sex must have something to do with it”

The letters reveal that Lotte Zweig plays a crucial role in the couple's everyday life in exile. Being so, gender issues emerge from the starting point of the invisibility imposed upon her as an important person in Stefan Zweig's prolific literary production as well as in his private life, particularly in the last years of his life. In spite of being an efficient literary secretary, translator, reviewer, household administrator, and certainly a most devoted, adventurous travel companion, Lotte was either misjudged or completely ignored by both the critics and general society alike (DAVIS; MARSHALL, 2010).

The worldwide hegemonic male discourse of the time influenced the way the double suicide was perceived. In Brazil, an illustration of such dominant gender ideology can be seen in the form in which the encyclopedia entry about Stefan Zweig was written by his editor Abraão Koogan. Although Koogan was his editor and a close friend of both Zweigs', he does not register that young Lotte died beside her beloved husband.

ZWEIG, (Stefan) Austrian Jew writer (Vienna 1881, Petrópolis, RJ, 1942), author of novellas (*A casa à beira-mar*, 1911; *Jeremias*, 1917); novels (*Confissões dos sentimentos*, 1926; *Coração inquieto*, 1938), biographies (Maria Antonieta 1932; Maria Stuart 1935; Balzac, ed. post.), essays (*Brasil: país do futuro*, 1942), memoirs (*O mundo que eu vi*, 1943). Shocked with the World War II, committed suicide. (ABRAÃO KOOGAN, 1994, p. 110) [My translation for the text. Titles have been kept in Portuguese].

Also originating from the highly prestigious literary world, another comment worth mentioning is that by German writer Thomas Mann, who implicitly suggests that Lotte had been a negative influence in Stefan Zweig's tragic final act.

[...] as for Stefan Zweig? He can't have killed himself out of grief, let alone desperation. His suicide note is quite inadequate. What on earth does he mean with the

reconstruction of life that he found so difficult? The fair sex must have something to do with it, a scandal in the offing? (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.5)

However, the collection of letters, Stefan Zweig's well-known depression in real life, and the overwhelming space given to the topic of suicide in his fiction work long before he dreamt of meeting Lotte, indicate that these approaches need to be reviewed. In *Amok and other stories* (1922), for example, the protagonists of the four short stories are suicides. In addition to that, besides many of his novellas that contain suicide characters, his novel *Beware of Pity* (1939) has also a suicide protagonist. Therefore, one can speculate that Lotte might have died beside Stefan Zweig for many other reasons – which certainly deserves appropriate investigation –, except for weakness of character, or personal morbidity, as it was suggested at the time. In fact, the letters demonstrate that, on Lotte's part, there seems to have existed the necessary flexibility to fulfill various social roles in which it is possible to see that Lotte had a voice of her own, was open-minded and seemed very eager to survive exile.

Stefan and Lotte's everyday life in the “land of the future”

Both Stefan and Lotte Zweig truly loved Brazil. The letters prove that they admired the people's sense of conciliation and ability to live peacefully despite the country's immense cultural and religious diversity. For Stefan, it was “the inborn civilization and humanity I admire so much here in this country” (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.45)

In addition to admiring the country's “inborn civilization and humanity”, the Zweigs were also overwhelmed by its beautiful landscape. In the letter of 15 September 1940, Stefan feels guilty about having a comfortable kind of life in Rio, while their family and friends had to endure the hardships of war.

[...] we feel ashamed to have here such a perfect life. To look out of our windows is simply a dream, the temperature is superb — a winter which is more June than May — the people spoil us in every possible way, we live quietly, cheaply and the most interesting life — really happy would it not be for you and all the friends and the great misery of mankind.(DAVIS; MARSHALL, 2010, p.40)

A year later, in Petrópolis, Stefan's appreciation for Brazil's people and nature had not changed. He continues to feel touched by the local people's humble character as well as the view of the mountains they could enjoy from their little bungalow's veranda.

I can really confirm that we have here in our little bungalow absolutely the life I wanted after the strenuous times in New York etc. I have as my real workroom a large covered terrace in front of the beautiful mountains, the neighborhood is very primitive and therefore picturesque, the poor people are so nice here as you cannot imagine; our black

housemaid is silent (she begins to sing now), diligent, clean and grateful to us as she learns to see things she never has seen in her life — for them potatoes are already a luxury and fish is an unknown animal. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.142)

Lotte's impressions about both Rio and the people coincides with those of Stefan's.

[...] Rio is just as beautiful as Stefan promised, the people just as nice as he said and the winter not hard, one feels just right in a light summer dress and I need not have brought my winter things for this Brazilian winter. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.53)

She reaffirms these positive feelings towards Rio as soon as she has the opportunity to compare it with other great South American cities. In a letter from Buenos Aires, where Stefan was received with great honours, Lotte openly confesses to her family the couple's preference for the Brazilians and for Rio de Janeiro.

[...] Here we have had a hectic time and did not like it too much in spite of the wonderful reception Stefan has had. [...] But we prefer the Brazilians and the beautiful landscape of Rio, and maybe for that reasons our impressions were somewhat biased and prejudiced. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.79)

However, despite that general feeling of appreciation for the country's people and landscape, the Zweigs' relationship with the Brazilian exile implies gender experiences that raise important questions associated with how the couple really viewed and felt about the new society and how the new society viewed the couple.

Stefan and Lotte Zweig's unequal social roles

The new society perceived Stefan and Lotte Zweig according to their unequal social status. Obviously Stefan Zweig occupies the place of one of the greatest German language writers, translated into numerous languages around the world at the time. He also plays the political role of the humanist engaged in disseminating an antiwar discourse, and in actually helping numerous Jews and friends to flee Europe during the war. He is therefore the centre of attention in the public sphere. Lotte, on the other hand, plays the role of the wife and is kept socially invisible, almost isolated. Thus, she experiences a type of double exile: one related to her past life, another related to the difficulties in being noticed by the present society, which has eyes only for the celebrated writer.

The new society only remembers Lotte only when she seems useful to the composition of the celebrity persona created for Stefan Zweig. In this context she becomes visible and attracts the attention in a sphere where she is seen as object of social approval, mostly represented by the numerous photographers who courted her in exchange for one more picture for newspapers and magazines.

In a letter of 15 September 1940, Stefan Zweig feels guilty for having a good life in the tropics while their family and friends have to endure the attacks on England. But at the same time he gives signs of the burden that Lotte has to carry to keep up with all that comes with it.

[...] we read in the newspapers about the furious attacks on England [...] and we feel ashamed to have here such a perfect life. [...] Next week we are going to the old towns in the interior of Brazil as guests of the Government, poor Lotte will be photographed abundantly and here you could see her in all the cinemas. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.58)

In between their emotional ups and downs, when Stefan is in a good mood he even jokes about Lotte being the centre of attention “I am afraid that Lotte will lose her modesty here since she is always with ambassadors, ministers and photographed in all newspaper”(DAVIS; MARSHALL, 2010, p.52). However both of them resisted the celebrity status given to them in South America.

[...] All is perfect here, we see the best and nicest people and would love only to have a day without our photos in the newspapers and the stories where we have being and what we have done.(DAVIS; MARSHALL, 2010, p. 61)

Although Stefan admired Brazil and the Brazilian people, he confesses to Hannah and Manfred that “all the receptions in all these little countries, the noisy publicity are against my conception of life”. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.63)

The letters show that, in reality, the necessity to fulfill different social roles affects both the Zweigs. Lotte, who played the role as literary secretary, translator, reviewer, wife of the public figure, household administrator, among others. And Stefan, who would have loved to dedicate himself exclusively to his writing, but was constantly subjected to enormous public exposure, and spent a significant part of his time and energy undertaking political actions, delivering lectures, and attending endless social events for charity purposes.

However, Lotte seems more open and flexible to fulfill the roles ascribed to her. She not only is responsible for the management of the couple’s everyday life but she is also committed to accompanying Stefan Zweig in all his travels and social engagements. These gendered social roles have concrete implications for the couple’s everyday life in exile.

A particularly relevant aspect of Lotte’s flexibility to fulfill social roles assigned to women at the time is related to the fact that she has to administer all these processes in midst of a subjective crisis emotionally marked by the feeling of nostalgia and pessimism about the future of Europe after the war. It is in the midst of such emotional turbulence that she still manages to be a competent secretary, translator, reviewer, household administrator, among other activities. During the couple’s trips to various South American countries where Stefan

Zweig was expected to give talks, Lotte's excitement about seeing new things is overshadowed by mixed feelings.

We are now already a day in B-A. — a new town, plenty of new people, plenty of telephone calls, plenty of delegations who insist on some more gratis-lectures, heaps of flowers, plenty of new things to eat, plenty of photos and interviews; a funny sort of life for me, and at the same time twenty times a day the thought: what is it like now in England, what are they doing in this moment? [...] (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.73)

Already on October 23, before their departure to Argentina, Lotte was completely overwhelmed by the great amount of work she had to do. Besides having to organize Stefan Zweig's agenda, she had to carry out numerous household activities, and even solve some financial matters for those who remained in Europe.

[...] I write immediately although we are again feeling like in a madhouse — leaving Saturday for Buenos Aires, to-day Stefan's conference in French "Vienne d'hier", since two hours a phone call from Buenos Aires announced without name and not yet come through, urgently some books to sign for people who are leaving Rio to-day, to-morrow a Jewish charity affair where Stefan has to speak an introduction, a men's luncheon to-morrow and the last rehearsal of the Spanish lecture on Friday. In between Stefan dictates a lecture in English, that is to say I shall translate it and he will revise it, another lecture for the refugees in Buenos Aires and revises his other lectures in French which he might have to give, and sometime I shall have to pack — and pack carefully because we fly and I have to select what to take. I sign the form of the Westm. Bk [...] (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.76)

Part of Lotte's everyday activities in exile included even direct political measures, which were usually taken by Stefan Zweig. She was thus also very busy trying to get visas and affidavits for Jews and friends who needed to escape Second World War Europe.

Only a short letter to day, for although I did not accompany Stefan to his lectures in Cordoba, Santa Fé and Rosario — from where he will return to-morrow — I have been rather busy, getting visas, tickets etc. of all kinds, answering the letters and the telephone [...] (DAVIS; MARSHALL, 2010, p. 65)

Always attentive to their travel experiences, and capable of expressing her own opinions about South American culture and landscape, Lotte keeps herself so busy that she even blesses the Uruguayan sexism for excluding women from some social events which, in reality, serves to spare her from attending so great a number of activities.

[...] About our journey to Argentine I shall write more later on when my impressions have settled down. For the moment I only remember that the meat portions were enormous, the weather continually changing from hot to cold, the telephone continually ringing, Stefan giving one lecture after the other and little speeches in between, myself continually dead-tired and our time taken by all sorts of things from early morning to late at night. From Uruguay my principal impressions were the first flight by hydro-avion and the fact that we did not speak anything but Spanish and that fortunately ladies were excluded from the banquet after the lecture. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.45)

Quietness in Petrópolis or inner isolation?

The letters suggest that Lotte makes great effort to integrate. She seems strong and willing to adapt to the precarious conditions of everyday life in the then primitive Petrópolis, trying to balance the hard present day-to-day reality against the memory of her upper middle-class European background. She thus tries to administer routine difficulties open-mindedly, experiencing domestic problems and the local culture as an opportunity to learn new things. In a letter to her mother, Lotte mentions the limitations of her maid, but emphasizes the importance of adapting to the Brazilian palate and diversifying her professional activities in a way as to also include domestic tasks.

[...] contrary to what I was told about dark maids she is not especially gifted for cooking and I have to show her again and again so that she does things right. In a way this is excellent practise for me, for I get used to doing and showing things, also to experimenting new dishes, but it does not induce me to invite people because every new or a little unusual dish means that I keep my thoughts during the morning more on the kitchen and table than on my work. But I am quite satisfied that I have something to do besides my typing [...] (DAVIS; MARSHALL, 2010, p. 121)

Although Lotte is open to the various social roles that were naturally assigned to her at the time, she could not occupy multiple social spaces. Instead, she is kept socially isolated, experiencing the increasing condition of double exile: as a person, emotionally affected by being separated from family, friends and cultural background; and as a woman, not entirely accepted by other women in the new society. Her descriptions of the couple's everyday life in the small bungalow in Petrópolis is a good illustration of such a frame of mind. In a letter of 15 November 1941, she complains to her brother and sister-in-law, in a gentle and yet ironical tone, about the absence of female interlocutors with whom she could share domestic issues. Apparently local middle class women despised household experiences, leaving Lotte in complete isolation.

[...] It is good that you are interested in my reports about the house-hold. I am afraid that in the beginning when it was really not quite easy for me, poor Stefan had to listen to all my problems as I had to communicate them to someone and so far have not found a woman friend to talk things over. I know a few women in Petrop. but they are either enraged housewives or too little interested [...] DAVIS; MARSHALL, 2010, p.165)

The absence of female interlocutors seems to have lasted the whole period of exile. About four months later, in a letter of February 1942, she keeps complaining to Hanna and Manfred about being ignored by local women, who had eyes only for the great writer.

[...] I have not yet found the right woman for all this as most of our European friends have no household of their own, and mostly the acquaintance is so new that they prefer to talk or to listen to Stefan instead of small talk. So I unload part of these problems on Stefan, who listens with great patience and as the conditions here are so totally different,

even with some interest. Therefore you need not pity me too much. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.183)

Lotte is also critical of other cultural aspects of the new society, such as the Brazilian's lack of appreciation for walks, an aspect that prevented them from visiting her little bungalow.

[...] We have had, after an unusual amount of rain, some very fine days, and those days of sunshine are really delightful, and I always regret that you cannot go with us on all those summer resorts, as Brazilians do not walk and already tell us that the fifty steps which lead up to our house from the street, are almost too much for their hearts! (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.160)

At this point Lotte as well as Stefan Zweig were becoming more and more isolated. While she complains about not having female friends with whom to talk, she seems to envy some Jew country fellows who had easily adapted to Brazilian culture and society.

[...] We had one or two visitors from Rio in spite of the weather, the first were Paul and Maritza, and — as I wrote before — they appear quite different from what I know them to be — nice, normal, modest and friendly, Maritza well-groomed, even with red finger nails and I do not know if it is their immense ability of adapting themselves to their surroundings or a policy of becoming respectable or anything else. [...] And as she speaks already fluent Portuguese and does really beautiful needlework, I envied her with all my house-wifely instincts which develop in an alarming way — if I see a woman, I am anxious to talk about household, prices and recipees, and one my favourite books is the Portuguese cookery book where I am discovering the most fascinating recipees. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.145)

In describing their little bungalow, Lotte displays curiosity and interest for the local culture and the way domestic chores were carried out in the primitive mountain village of Petrópolis. Again she seems open-minded, and accepts with appreciation the new methods and hardships of everyday life in Petrópolis. Showing off the luxury of having home made products in their everyday menu, the only thing she could not consider was killing chicken at home.

[...] We have a plain wooden floor, and lately the gardener came to wax it. For their purpose they took out all the furniture, placed the poor little carpets somewhere outside and beat them with a stick; my laundry is carefully treated with Waschblau, the Mayonnaise is again made by hand instead coming out of a bottle, and the chicken you buy alive on the market and kill them at home — but so far I have not had the courage to go and buy one and carry it home in a piece of paper, tucked under my arm. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.140)

While food seems to be an important emotional reference to cultivate good memories from home, Lotte also appreciates the fact that she can cook some European dishes in her Petrópolis primitive kitchen. She relaxes to the extent of planning to make things completely unknown in the area.

[...] Soon, I suppose, I shall take to making my own cream cheese (it is not known here) and pickling my meat. Also the memory of our old lemon cream is sometimes trying to come back, and I wish I could buy custard powder or know how to produce it from natural ingredients. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.145)

But it was not easy for Lotte to reconcile all these household difficulties and new cultural habits with her role as secretary, translator, and reviewer of her husband's work.

But please believe me — I am not an ardent and possessed housewife and would not have the time for it if I wanted it for I have been working hard as secretary again and suppose that it will continue (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.160).

Despite Lotte's sincere attempts to be open-minded and flexible, the Zweigs' letters demonstrate that they both had specific difficulties integrating into Brazilian society. Lotte, for instance, preferred struggling to teach her maid to prepare European dishes rather than making an adventure of preparing the average Brazilian homemade food. Another, and definitely the most relevant, cultural barrier that the couple could not overcome was learning the country's language. Both Stefan and Lotte Zweig could speak, read and write in various languages. As educated Central Europeans, one can imagine that multilingualism was an essential part of their cultural background. Besides their native German, they mastered French, English, Spanish and, perhaps with a little less liveliness, Italian and Yiddish. In Lotte's case, that list would have to include Esperanto. Nevertheless, neither Stefan nor Lotte mastered Portuguese, exactly the language of the country they had chosen as refuge. As they advance in their attempt to learn the idiom, some emotional blockages and extralinguistic difficulties emerge. All seemed perfect and picturesque in the tropical Paradise, except its language. For them, an ugly language that sounded rough and difficult to reproduce was essential to their everyday survival.

[...] We have Portuguese lessons every day and can speak although with many mistakes almost all that is necessary and even carry on a conversation in Portuguese if there is no other way out. But it is rather an ugly language and a great pity that just this country does not belong to the Spanish group. Spanish is so much easier for us and so much more beautiful as language. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p. 162)

Studies on the interplay between emotion and multilingualism have pointed out that speakers have two different types of motivation to learn a target language: an integrative, in which the learner feels motivated by the desire to identify with the new society's language; and an instrumental, in which the learner feels motivated to learn the language only to meet sheer practical, utilitarian purposes. (Gardner, Wallace, 1972; Pavlenko, 2005).

Although the Zweigs loved the country and seemed willing to live in Brazil, having rejected the possibility of settling down in other countries such as the United States, it is rather

intriguing, to say the least, that they did not have any real interest in learning Portuguese. In midst of so many everyday tasks, Lotte neglects exactly the most fundamental aspect of integration in the new society.

[...] Besides this I am playing chess and reading a few classics, while the study of Portuguese has come somehow to be neglected, although of course the newspapers are only in Portuguese now and our radio does not pick up other than Brazilian stations. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.160)

As Lotte seems open and willing to integrate in exile, it sounds contradictory that she does not give priority to the learning of Portuguese. Instead of dedicating herself to the study of the countries' language she prefers to cultivate solitude, enjoying the beautiful landscape of Petrópolis' surroundings.

[...] But if you leave the main streets and follow a lane or smaller older looking path, you almost always get after a very few minutes into the most picturesque tropical wilderness, jungle, primitive huts, wild flowers, little streams, and in between surprising views on the mountains. For Petrópolis is not situated in a large valley but in many different valleys so that from everywhere you get a different view on different mountains and in entirely different valleys. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.160)

We can say that only after moving to Petrópolis did Lotte free herself from the social framework of being the public man's wife to enjoy certain secret freedoms to 'play house' and, as Stefan suggests, play "half the day with the little dog" (DAVIS; MARSHALL, 2010, p.174). But life in Petrópolis also reflects the couple's increasing sense of isolation. In a letter written just ten days before the double suicide, Stefan Zweig mentions their excessive attachment to the little dog as a hint of their deteriorated mental state.

[...] We prefer to think that one has to enjoy these quiet, peaceful and beautiful days in a country which has no restrictions as something we will later remember with envy and regret, so we are not as eager as we should be and play more with the little sweet dog than reasonable people would do in a normal time. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p. 160)

Lotte's letter of January 1942 also indicates that "we continue our quiet life, having company by our dog and going for walks whenever the rain stops for a few hours" (DAVIS AND MARSHALL, 2010, p. 163)

An important aspect of the Zweig's isolated everyday life in exile, particularly in Petrópolis, involves their difficulty in handling the feeling of nostalgia and homesickness. Unable to integrate in the new society, Lotte and Stefan developed a great level of anxiety associated with their expectations of receiving letters from home, which led them to spent

significant part of their time waiting for the postman.

[...] As again a fortnight has passed without bringing a letter from you, we are again expecting it impatiently and are carefully watching the postman's round every day, just as carefully trying to explain to each other when he has passed without entering, why your letter may have been delayed. (DAVIS; MARSHALL, 2010, p. 120)

Final remarks

To conclude, I would like to reaffirm that gender, memory and emotion play a relevant part in exile discourse. In Stefan and Lotte Zweig's case, the couple's epistolary discourse indicate that, while they truly loved Brazil, its people, culture and landscape, they also had great emotional difficulties integrating in the new society. Both of them suffered intense emotional strain in their integration process, but Lotte seems to have acquired a wider view of the exile. For example, despite their intriguing dislike of the countries' language, she makes greater effort to actually speak Portuguese, not only with the servants but also with the local society as a whole. Reconciling household administration tasks with her secretary, translator and reviewer work, she creates the necessary work conditions for herself and for Stefan Zweig. Stefan is viewed by the new society as the great writer, humanist, and a man that calls the attention in the public sphere, Lotte is viewed as merely the wife, a lady who attracts attention only to compose the public persona created for the writer at the time.

Nevertheless, while this gendered exile perspective is clear, there is also a question that affects Stefan and Lotte Zweig alike. On a deeper level, they both experience exile with similar degree of emotional strain. The couple's epistolary discourse reflects their sincere gratitude and enchantment with the "land of the future" (Zweig, 1942) but it also indicates that Brazil represented a tropical paradise as much as a heavy burden to carry. A burden that included many problems, among them the couple's rejection to learn the language. Overwhelmed by the fragmentation of their social and subjective identities, pessimistic about the future after war, they decide to take their lives in the "land of the future".

Referências

ABU-LUGHOD, L.; LUTZ C. (orgs.) **Language and the politics of emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1999.

CAMERON, D. **Feminism and Linguistic Theory**. London: Macmillan, 1985.

CHARAUDEAU, P. **Langage et Discours - Eléments de sémiolinguistique**. Paris: Hachette, 1969.

Página |
128

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

DAVIS, D.; MARSHALL, O. (Eds.), **Stefan and Lotte Zweig's South-American Letters: New York, Argentina and Brazil, 1940-42**. London: Continuum, 2010. Translation into Portuguese, Graça Salgado and Eduardo Silva, Rio de Janeiro: Versal, 2012.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. **Language and gender**. New York: Cambridge University Press, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. Harlow, UK: Longman, 1995.

_____. **Language and Social Change**. Cambridge: Polity, 1992.

FOUCAULT, M. **The Order of Discourse: an Archeology of the Human Science**. London: Tavistock, 1972.

FOSS, S. K.; DOMENICO, M. E. **Gender Stories: negotiating identities in a binary world**. Long Grove: Waveland Press, 2013.

GARDNER, R.; LAMBERT, W. **Attitudes and motivation in second language learning**. Rowley, MA: Newbury House, 1972.

GURR, A. **Writers in Exile: the identity of Home in Modern Literature**. Brighton, Sussex: Harvester Press; Atlantic Highlands, N.J.: Humanities Press, 1981.

HOLMES, J. **Women, Men and Politeness**. London, New York: Longman, 1999.

KNAPP, B. **Exile and the writer: exoteric and esoteric experiences: a Jungian approach**. University Park: Pennsylvania State University Press, 1990.

KOOGAN, A; HOUAISS, A. **Enciclopédia e Dicionário Koogan/Houaiss**. Rio de Janeiro: Delta, 1994.

LAKOFF, R. **Language and woman's place**. New York, London, Harper & Row, 1975.

PÊCHEUX, M. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969;

PAVLENKO, A. **Emotions and multilingualism**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2005.

PÊCHEUX, M. Role de La memoire. In: MALDIDIÉ. D. (ed). **Histoire et Linguistique**. Paris: Editions de La Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

SAID, E. **Reflections on Exile and Other Essay**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

SPENDER, D. **Man-made Language**. London: Routledge, 1980.

VAN DIJK, T. Discourse and manipulation, *Discourse and Society* 17(2):359-383, 2006.

ZWEIG, S. *Brazil land of the future*. New York, The Viking Press, 1941.

GÊNERO, MEMÓRIA E EMOÇÃO NO EXÍLIO: A VIDA DE STEFAN E LOTTE ZWEIG NOS TRÓPICOS

Resumo

As últimas cartas de Stefan e Lotte Zweig descrevem a vida cotidiana do casal como exilados no Brasil, onde, deprimidos com a perspectiva do futuro após a Segunda Guerra Mundial, fizeram um pacto e cometeram suicídio juntos. Este trabalho tem como objetivo discutir aspectos de gênero, memória e emoção que podem ter afetado o discurso do casal sobre o exílio. Para tanto, são empregados alguns conceitos advindos da análise do discurso, dos estudos de gênero e da antropologia das emoções. A análise toma como base as cartas de Stefan Zweig e de Lotte Zweig escritas entre 1940 e 1942, a maioria delas endereçadas a membros da família de Lotte que haviam permanecido em Londres.

Palavras-chave

Stefan Zweig. Lotte Zweig. Gênero. Memória. Emoção.

Recebido em: 28/06/2019

Aprovado em: 04/12/2019

Como se Deus estivesse cuspiendo na gente": O estigma da exclusão em *Amanhã, numa boa*

Davi Gonçalves⁴⁰

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Kall Lyws Barroso Sales⁴¹

Universidade Federal de Alagoas)

Resumo

Propomos aqui uma análise da protagonista descendente de marroquinos do romance francês *Amanhã, numa boa* (GUÈNE, 2006), para identificar como ela reinscreve a posição do outro marginalizado perante os discursos do centro multiculturalista. Assim, testamos e comprovamos a hipótese de que a narrativa se move na direção contrária à romantização, assimilação e silenciamento dos epistemes periféricos representados e rearticulados pela personagem em questão. Partindo principalmente das reflexões de Žižek (2016), esboçamos um retrato do estigma da exclusão do sujeito (i)migrante. Por trás de discursos de inclusão, de medidas multiculturalistas e dos novos espaços contemporâneos que se transvestem de um ilusório hibridismo sociopolítico, sobrevive a xenofobia, o racismo, o sexismo e a incompreensão. O romance, no qual pululam os diversos preconceitos que sofre a personagem por seu sexo, sua linguagem e sua condição como imigrante, desvela o problema constitutivo do macrocosmopolitanismo pós-moderno – ou seja, da noção de um sujeito sem amarras ou fronteiras identitárias, da chamada identidade fluida.

Palavras-chave

Literatura de margem. Migração. Exclusão.

⁴⁰ Professor de Literaturas de Língua Inglesa no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PR).

⁴¹ Professor adjunto do curso de Letras-Francês da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

Introdução

Escrito por Faïza Guène⁴² em 2004 e publicado pela Hachette Littérature, o livro *Kiffe Kiffe demain* foi o primeiro da autora. O romance conheceu grande fama, vendeu mais de 400.000 (EL-HASSAN, 2014, s.p.) exemplares desde seu lançamento, já foi traduzido para mais de vinte idiomas, dado este diferente do *index translationum* da Unesco, que tem em seu cadastro apenas dez das vinte e seis traduções conhecidas. Contudo, antes do reconhecimento como escritora, Faïza produzia em sua escola material audiovisual através da participação na associação de seu bairro Les engraineurs. A partir das discussões que Guène faz na produção de seus curtas, podemos perceber uma gênese do que viria a se tornar seu grande sucesso literário. Em *RTT [Réduction de Temps de Travail]*, curta de 2002, a autora evidencia, em linguagem cinematográfica, o dia a dia de uma mulher magrebina na França. Neste curta, temos a apresentação dos elementos principais do que compõe seu livro de maior sucesso: escola, línguas em contato, carga de trabalho das mulheres magrebinas, problemas com a educação dos filhos, vida na periferia.

No mesmo ano em que escreveu o roteiro de *Rien que des mots*, ela começava a rabiscar as primeiras páginas de *Kiffe kiffe demain*. Depois de mostrar as páginas que havia escrito para seu professor da oficina de escrita da Associação Les Engraineurs, ela recebe, sete dias depois, um comunicado da editora Isabelle Seguin, que propõe à autora um contrato antes mesmo de ter terminado seu romance. Como teve uma grande divulgação midiática, o livro logo se tornou sucesso das prateleiras francesas e não demorou muito para que fosse traduzido e se tornasse também um sucesso em outros países.

Em julho de 2006, o romance mereceu destaque em uma resenha do *The New Yorker Times* escrita por Lucinda Rosenfeld. Nesta resenha crítica, Rosenfeld apresenta ao público americano a fantástica escritura de Guène que chega à língua inglesa na tradução “extremamente coloquial⁴³”, *Kiffe Kiffe tomorrow*, de Sarah Adams. Extremamente coloquial nada tem de pejorativo, pois este é o tom do texto de Guène, uma escrita da periferia e que usa

⁴² Faïza Guène tinha 19 anos ao publicar seu primeiro romance. Francesa de origem argelina, ela é a caçula de uma família de três filhos e, durante seus anos de escola, fascinada pela leitura, participou de uma reportagem sobre a associação “Les engraineurs” em Pantin, no bairro Courtilières, onde foi criada. Essa associação motivava os jovens de seu bairro a fazerem oficinas de escrita cinematográfica, e, dessa forma, a autora continuou na associação desde então, o que a ajudou a produzir seu repertório de curta-metragem: *La Zonzonnière* de 1999, *RTT* e *Rumeurs* em 2002 e *Rien que des mots* em 2004 (ALILAT, 2004, s.p.).

⁴³ “Sarah Adams’s highly colloquial translation” (Tradução nossa).

a linguagem “da rua”, com referências de universos culturais distintos. A tradutora para o inglês ainda teve ajuda da autora do livro, a qual demonstra em outros momentos que é uma amante da tradução e que admira o trabalho do tradutor, como afirma ao falar do texto em língua inglesa:

A tradução! É só felicidade! Adoro enormemente o universo dos tradutores. Eu me divirto igualmente trabalhando com eles desde que tenha a possibilidade. Por exemplo, para a tradução inglesa dos meus dois primeiros romances, foi um enorme prazer, foi fascinante trabalhar com Sarah Adams. Adorei trabalhar com ela principalmente porque ela possui a arte de permanecer grudada e fiel aos personagens, às ideias emitidas pelo autor, deixando-as em seu próprio contexto cultural. É surpreendente se ler em uma outra língua. (GUÈNE apud EL-HASSAN)⁴⁴

Em solo brasileiro, o romance chega através da tradução de Luciana Persice Nogueira, *Amanhã, numa boa*, publicada pela Editora Nova Fronteira, em 2006. Esta edição do texto é utilizada por nós para apresentarmos alguns tópicos interessantes da literatura produzida nas periferias francesas, geração de jovens franceses que são descendentes de imigrantes, em sua maioria magrebinos. Durante os anos 1980, despontaram manifestações que buscavam a representação desses jovens que ficam marginalizados nas escolas, nos empregos e sempre entendidos como estrangeiros, mesmo se tratando de pessoas que nasceram na França.

Em 1983, a *Marche pour l'égalité et contre le racisme*, também conhecida como a marcha dos *beurs*, trouxe uma movimentação em diversos níveis dentro da sociedade francesa: política, artística, econômica, social, e, dentre esses movimentos fomentados por imigrantes e filhos de imigrantes que buscavam melhorias na sua condição social, a literatura foi um marco importante para as gerações seguintes.

A partir dos anos 90 e começo dos anos 2000 a literatura daqueles que se diziam *beur* inspirou mais uma grande geração de jovens escritores, uma geração denominada pós-*beur*, que ainda mantinha traços de semelhança de seus antecessores. Nesse período, então, surge a narrativa de *Amanhã numa boa*, escrita por Faïza Guène. Nesse sentido, pensar a sua linguagem “extremamente coloquial” como ferramenta de resistência frente aos processos homogeneizantes que assombram muitos imigrantes marginalizados (cuja fala particular é silenciada por tais processos), consiste na premissa básica de nossa leitura. Segundo Žižek

⁴⁴ La traduction ! Ce n'est que du bonheur ! J'aime énormément l'univers des traducteurs. Je me plais également à travailler avec eux, dès que j'en ai l'occasion. A titre d'exemple, pour la traduction anglaise de mes deux premiers romans, je me suis fait un énorme plaisir, cela a été fascinant de collaborer avec Sarah Adams. J'ai aimé travailler avec elle précisément parce qu'elle détient l'art de rester collée et fidèle aux personnages, aux idées véhiculées par leur auteur tout en les gardant dans leur propre contexte socioculturel. C'est surprenant de se lire dans une autre langue. (GUÈNE apud EL-HASSAN, tradução nossa)

(2016, p. 16), “o Ser [...] é sempre o ser cuja morada é a linguagem, o ser sustentado pela linguagem, o ser cujo horizonte é aberto pela linguagem; em outras palavras, os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”. Assim, nossa análise busca perceber como é lido o mundo pela narradora de *Amanhã, numa boa* (GUÈNE, 2006) para identificar se e de que forma o romance se move na direção contrária a este silenciamento ao dar voz a uma população das periferias.

Discussão: A construção da narrativa no romance de Faïza Guène

A narrativa de *Amanhã, numa boa* (GUÈNE, 2006) é construída através dos relatos da adolescente Doria, que compartilha com os leitores as vivências enfrentadas diariamente pelos imigrantes e seus filhos que vivem em Paris. Com apenas 15 anos, a filha de imigrantes marroquinos está ciente de que ela e sua família estão em uma classe social nada privilegiada, e que sua origem também acaba por constituir um obstáculo para que ela possa almejar qualquer possibilidade de ascensão social. Vivendo no conjunto habitacional ironicamente chamado Paraíso, Doria relata o quão pouco tem de paradisíaca a vida das e dos imigrantes pobres na capital francesa.

É importante perceber que o romance se desenvolve através de seus relatos porque “relatos refletem a memória do povo e, nesse sentido, a produção de um texto narrativo também é a produção de um contexto coletivo, a realização exemplar da memória coletiva, mesmo que originada na subjetividade do indivíduo” (CALDAS, 2016, p. 78). A produção do texto narrativo particular de Doria ocorreria, assim, em paralelo com a produção deste texto coletivo, onde a memória de toda uma população esquecida emerge através de sua subjetividade.

Em certo momento do romance, a adolescente nos relata que “[c]omo a mamãe ainda tá de férias, até a semana que vem a gente resolveu ir passear em Paris, só nós duas. Era a primeira vez que ela via de verdade a Torre Eiffel, embora more a meia hora de distância, há vinte anos” (GUÈNE, 2006, p. 115). O que Doria parece querer dizer com “via de verdade a Torre Eiffel” é que, em tal evento, ela e a mãe visitariam a torre fisicamente – até então ela apenas havia visto o maior cartão de visitas de Paris na televisão ou de relance, no primeiro de janeiro.

Pode ser estranho para alguns imaginar que alguém morando em Paris, há vinte anos, nunca tenha se dado ao trabalho de visitar a Torre Eiffel, sendo este o primeiro lugar que turistas escolhem para conhecer, e o fazem mesmo quando passam apenas uma tarde na capital francesa. Essa realidade, no entanto, não é nada forçosa; é bastante comum que os moradores

periféricos de cidades famosas como Paris não conheçam os seus mais lembrados pontos turísticos – assim como, por exemplo, muitos habitantes da ilha de Florianópolis nunca foram a nenhuma de suas mais de cinquenta praias.

Outra possibilidade interpretativa é a de que temos nesse excerto a evidência de duas territorialidades diferentes, duas construções espaço-temporais de um recorte geográfico que, para muitos, pode parecer o mesmo. Isto é, enquanto imigrantes, a lógica é que se vive em uma outra cidade, mesmo a cidade sendo a mesma, já que os mapas afetivos são diferentes pela questão da migração – o sentimento de não-pertencimento, nesse sentido, seria inerente à condição de estar, de fato, em um ambiente novo e muitas vezes hostil. A cidade como conhecemos não é a mesma cidade que conhecem os imigrantes periféricos. Pontos turísticos têm se tornado a cada dia mais elitizados, e, frente às diversas obrigações e responsabilidades que a mãe de Doria, Yasmina, tinha, havia atividades muito mais urgentes e importantes do que um passeio idílico até a torre.

Para além dessa discussão, também, chama atenção nesse trecho a linguagem oral da escrita de Guène quando Doria diz que “mamãe ainda tá de férias” em vez de algo como “a mãe ainda está de férias”. Esta tática narrativa que mistura a linguagem escrita com a linguagem oral coloca no papel também a vivência “das ruas”, aproximando a escrita da fala e esta estratégia, por sua vez, “intermediada por um tradutor, assume na presente discussão o significado da tradução como atividade intercultural, havendo nessa relação tradutória mesclas de interferências de valores relacionados à memória e à oralidade” (CALDAS, 2016, p. 76).

Fala, escrita, narração e tradução – as formas de representação do eu e do outro se engajam em um diálogo que busca a resistência de um grupo ao adentrar o universo da memória, que nunca pertence a um único sujeito, sendo suas experiências compartilhadas também com aqueles que compartilham de sua língua. Ao formalizar a língua, apagamos dela os traços daquilo que é indesejável, e são justamente esses traços que a fala de algumas personagens, que representam os imigrantes, assim como sua tradução para o português, parece privilegiar. Em narrativas com o tom marcadamente oral, “o narrador externaliza o acervo da língua, e seu papel é fundamental para se compreender a relação das narrativas com questões veiculadas por essa língua” (CALDAS, 2016, p. 85).

Deixando de lado as fronteiras da linguagem escrita como a conhecemos, Guène (2006) elimina Doria das amarras da formalidade linguística e permite a ela que usufrua do acervo da língua de maneira mais desinibida. Ainda que não esteja munida de tal formalidade, a narradora nem por isso deixa de estar munida de um discurso que vale a pena ser escrito e veiculado e, talvez inclusive por este motivo, parece ter muito mais a dizer. É nesse sentido que

os tradutores são convidados por seus “narradores orais” a entrar na dança; isto porque “a técnica de escrita, ainda não dominada em grande parte por este narrador, encarrega ao tradutor o estabelecimento das relações entre as línguas, tarefa que exige apropriar-se dos aspectos da oralidade para a escrita” (CALDAS, 2016, p. 86).

Em outro momento da narrativa, entretanto, Doria nos lembra que, por vezes (ou sempre), a língua infelizmente não dá conta de tudo. Diante do que acontecia a ela e a sua mãe, principalmente por causa do abandono de seu pai (que nunca tentou esconder que preferia ter tido um filho homem), certa sororidade se estabelece entre as duas. Mãe e filha são sobreviventes teimosas, as quais insistem em continuar vivendo mesmo depois de terem sido deixadas de lado, largadas em um canto do mundo, como tantas outras, por seus pais, maridos, pelo Estado e, segundo Doria, inclusive até por Deus. “A gente conversou um pouco, mas, às vezes, nem as palavras bastam. A gente só olhava pela janela, e isso queria dizer tudo. Do lado de fora, tava cinzento, igual a cor do concreto dos prédios, e chovia fininho, como se Deus estivesse cuspiendo na gente” (GUÈNE, 2006, p. 62).

A paisagem cinzenta, de concreto, traduz os sentimentos também monocromáticos da narradora; e de todas as imagens que ela podia imaginar ao sentir a chuva fina a primeira que lhe vem à cabeça é a de “Deus cuspiendo na gente” (GUÈNE, 2006, p. 62). Nessa rica metáfora, “a gente” não precisa significar necessariamente apenas Doria e Yasmina, mas todas aquelas que, como as duas, se sentem alvos da indiferença divina. É assim que voltamos à ideia da memória coletiva: “A narrativa contada é enriquecida pela *performance* do narrador, o qual se investe de reconhecimento diante do fato narrado, que conta sobre sua história de vida e, por sua vez, de seu povo, haja vista ser parte dessa memória coletiva” (CALDAS, 2016, p. 92). Quando as palavras não bastam, mãe e filha se olham ou olham juntas pela janela, observando um mundo pouco convidativo, um mundo que tem sua própria narrativa, na qual não são bem-vindas.

Mamãe me contou que, na terra dela, quando ela ainda vivia com os pais, uma tia e uma vizinha levaram ela numa vidente. Todo mundo tava preocupado porque mamãe não queria casar. A vidente disse que o homem que lhe era destinado vinha buscá-la do outro lado do mar, e que era um homem que trabalhava a terra e a pedra. De fato, papai era assim mesmo. É verdade: ele veio buscá-la do outro lado do mar, da França; e de barco, porque era mais barato que de avião. Também é verdade que ele trabalhava a terra e a pedra já que, nessa época, ele tava na construção civil. Só que a vidente meio que esqueceu de contar como a história ia acabar. Esse pessoal só diz o que você tá afim de ouvir. (GUÈNE, 2006, p. 80)

Sarcástica, Doria relata como se dá o relacionamento entre sua mãe e seu pai; desde a vidente que anuncia o casamento até a separação dos dois. Primeiramente, é curioso notar que

a família leva Yasmina a uma vidente sem esconder a preocupação, porque esta dizia não querer casar – o que é tido como um tremendo absurdo. O relato inicia, portanto, evidenciando o assujeitamento da mulher e a obrigatoriedade do matrimônio como única escolha correta (destino inescapável de Yasmina). A visão idealizada desse futuro marido por parte da vidente é ironizada por Doria, a qual não se engana mais com contos de fada. A imagem enfeitada que faz a vidente sobre o homem que se casaria com sua mãe pode ser bonita, mas o fato de que, para Doria, ela “esqueceu de contar como a história ia acabar” endossa a ideia de que “a beleza é o último véu do Monstruoso” (ŽIŽEK, 2016, p. 183).

Por fim, o “príncipe encantado” (que nada tinha de príncipe e que de encantado tinha apenas a falsidade) formaria outra família, após fazer de tudo para dirimir a felicidade de mãe e filha – se antes ele se dizia infeliz, agora poderia finalmente buscar sua realização pessoal, sacrificando para isso a felicidade daquela que era sua família (e, por isso, Doria nunca o perdoaria). É por essa razão que a paisagem através da janela parece tão acinzentada; através dela Doria enxerga o mundo – e no mundo que ela conhece não há motivo para ver outra cor que não o cinza. Abandonada por Deus e por seu pai, Doria segue para sempre incompleta – e a pessoa que aos poucos ela vai se tornando é definida também por essa incompletude. Nas palavras de Žižek (2016, p. 13), “ser e falta-a-ser coincidem, são duas faces da mesma moeda – o espaço do horizonte no qual as coisas ‘são’ plenamente, ou existem, surge apenas com a condição de que algo seja excluído (‘sacrificado’) dele, de que algo nele esteja ‘ausente em seu próprio lugar’”.

Talvez não exista melhor definição para a narrativa de Doria do que essa ideia de que ser e falta-a-ser coincidem; a vida dela, assim como de sua mãe, é a vida daqueles que se tornam ausentes em seu próprio lugar – aqueles que, dentre as polaridades identitárias de inclusão e exclusão epistemológica, nunca saem ganhando. A relação traumática com o pai e a plena consciência da posição periférica que ela ocupa faz com que Doria encare a vida desde pequena com considerável rancor, com um desgosto que só seria amenizado com o passar dos anos e a chegada de uma maior maturidade. “Quando eu era pequena, cortava o cabelo das barbies, porque elas eram louras e cortava, também, os peitos, porque eu não tinha” (GUÈNE, 2006, p. 35). Por trás da beleza daquelas bonecas, mais uma vez, se esconde a monstruosidade do apagamento das meninas que não encontram nelas uma representação de si.

Aqui a narradora deixa claro que esse processo de exclusão sempre a incomodou – arrancar os cabelos e os peitos das barbies era sua forma de extravasar, de não se deixar vencer pela passividade que a impedia de lutar contra males maiores, como o próprio abuso de seu pai. “Até o nome delas era uma merda: Françoise, isso lá é nome que dá vontade de brincar?

Françoise é nome de boneca de menina que não sonha” (GUÈNE, 2006, p. 36). O nome genérico, Françoise, muito provavelmente traduzia o objetivo de alcançar uma maior identificação dentre as meninas que brincavam com a boneca na França; entretanto, essa “generalização” acabava também por excluir meninas como Doria, que não se encaixam naquele padrão (se é que alguém se encaixa). Essa boneca loira, chamada Françoise, é uma representação viva daquilo que faz o universal hegemônico, o qual “é sempre falso em sua existência concreta – hegemônica por um conteúdo particular que implica uma série de exclusões” (ŽIŽEK, 2016, p. 203). O discurso de Doria com relação a sua boneca, assim, nos lembra que o universal não passa disso: um conteúdo particular hegemônico.

Ainda, dentro do texto de Guène (2006), encontramos na fala de Doria uma crítica à lógica patriarcal experienciada pelas mulheres, nesse caso das mulheres migrantes. A questão da mulher no ocidente e no oriente muito tem em comum no que tange aos direitos, aos discursos de submissão, aos salários e às responsabilidades. No início de seus relatos, Doria apresenta o porquê de seu pai ter abandonado a família:

Acho que fiquei assim desde que meu pai foi embora. Foi pra longe. Voltou pro Marrocos pra casar com outra mulher, provavelmente mais nova e mais fértil que minha mãe. Depois de mim, mamãe não conseguiu mais ter filho. Bem que ela tentou [...]. Papai queria um filho macho. Coisa de orgulho, por causa do nome, da honra da família e por mais um monte de razões babacas. Mas ele só teve uma filha. Eu. Digamos que eu não correspondesse exatamente a expectativa do cliente. E o problema é que a coisa não é como no supermercado: não dá pra trocar. Então um belo dia [...] a porta bateu. Da janela vi um táxi cinza indo embora. Só isso. (GUÈNE, 2006, p. 06)

Dentro da sua fala, percebemos a imposição de uma lógica que mostra a figura masculina, ou ao corpo entendido como masculino, como detentora de um lugar de privilégio que é manifesto pelo discurso de Doria, pois só um “filho macho” seria capaz de manter a “honra da família”, de deixar a família com “orgulho”. Ao mesmo tempo em que essa lógica é apresentada, ela é seguida por uma crítica da jovem, quando esta afirma que essas coisas são “razões babacas”. Apesar de não aprofundar uma crítica, seu discurso se mostra questionador no sentido em que defende a “babaquice” ou a “falta de lógica” em se privilegiar um corpo dito “macho”. Em outro momento da narrativa, Doria faz um relato dos privilégios de ser homem na sociedade em que vive:

É, tudo teria sido diferente se eu tivesse nascido homem. Teria tido um monte de fotos minhas quando eu era criança, como Sarinha. Meu pai teria me ensinado a mascar fumo. Ele teria me contado um monte de piadas barra-pesada que ouviu nos canteiros de obras, e até, de vez em quando, teria me dado uns tapinhas nas costas em sinal de camaradagem, tipo “você é um garoto legal!” Eu teria me divertido, me coçando

frequentemente entre as pernas, pra mostrar minha virilidade. Eu teria gostado muito de ter sido menino. Pois é. Só que eu sou uma menina. Uma mina. Garota, guria. Vou ter que aceitar. (GUÈNE, 2006, p. 159)

Ao perceber o mundo e perceber as dificuldades que ela tem por ser garota, Doria evidencia que o fato de ter nascido menina implica em diversas coisas que vão direcionar suas vivências e suas experiências. Ela se culpa pelo abandono do pai, pois acredita que o fato de ela ter nascido garota impediu que seu pai continuasse com sua mãe. Essa culpabilização no discurso de Doria não a faz perceber que ela não é agente de uma situação estrutural, mas vítima dela. Quando em seu relato fala que “gostaria de ser um garoto”, não parece em todo o caso o fato de ser “garoto” *ipsis litteris*, mas sim de gozar de situações que geram privilégio aos meninos e que, segundo ela, são exclusividades deles, por exemplo, uma boa relação com o pai.

Ao apresentar essa lógica controversa de querer ser menino e se divertir “coçando entre as pernas para mostrar virilidade”, ela afirma “ter que aceitar” o fato de ser “mina, garota, guria”. Mais uma vez, podemos perceber que a argumentação de Doria, apesar de mostrar querer ser menino, gira em torno de ter a possibilidade de se relacionar com seu pai e, para esse fim, a única solução que ela pode conceber é sendo menino. Dentro de seu discurso, Doria também apresenta, a todo instante, mulheres que lhe são modelos para questionar ideias de gênero, de trabalho, de discriminação, de xenofobia e de universos culturais fragmentados:

Há pouco tempo, mamãe começou a trabalhar. Ela faz faxina no motel do subúrbio enquanto não encontra coisa melhor. Espero que por pouco tempo. Às vezes, chora quando chega tarde da noite. Diz que é de cansaço. Durante o ramadã, ela dá um duro ainda maior, porque no fim do jejum, lá pelas 17h30, ela tá no trabalho, então, pra poder comer, ela tem que esconder umas tâmaras no uniforme. Ela chegou a costurar o bolso interno, pra ficar mais discreto, porque se o patrão visse, dava esporro. No motel do subúrbio, todo mundo a chama de “Fátima”, gritam com ela o tempo todo, e vigiam para que ela não roube nada dos quartos. O nome da minha mãe não é “Fátima” é “Yasmina”. O seu Schacal deve achar engraçado chamar todas as árabes de Fátima, todos os pretos de Mamadou e todos os chineses de Ping-Pong. Babaca. (GUÈNE, 2006, p. 09)

Já no primeiro momento, percebemos a condição do trabalho da sua mãe que “faz faxina no motel do subúrbio enquanto não encontra coisa melhor”. Essa realidade de trabalhos com carga horária excessiva e salários baixos é uma constante nas narrativas dos imigrantes da periferia. O desgaste emocional e físico é evidenciado em diversas passagens quando sua mãe chega do trabalho e “chora” dizendo ser de “cansaço”. Na lógica do trabalho, as diferenças culturais e a ausência de políticas públicas que percebam as necessidades particulares de imigrantes são perceptíveis na afirmação que “durante o ramadã, ela dá um duro ainda maior”. O Ramadã, segundo a tradição muçulmana, seria o nono mês do calendário islâmico, período

em que se acredita que o profeta Maomé recebeu a revelação da parte de Alá, dos primeiros versos do Alcorão. Nessa passagem, percebemos o confronto que existe entre a lógica do trabalho e a prática religiosa para as mulheres muçulmanas que, muitas vezes, se veem obrigadas a elaborar rotas de fuga do contexto hegemônico do trabalho para que possam exercer sua religiosidade e tradição.

Percebemos também que, na sociedade francesa, a mulher imigrante é vista como risco iminente. Entendida como mão de obra, ela perde sua identidade enquanto sujeito, pois notamos que mesmo seu nome “Yasmina” não é importante, já que todas as imigrantes são iguais e, portanto, todas são “Fatima”. Assim, a partir do momento em que um sujeito não se enquadra nas características eurocêntricas e hegemônicas entendidas como universais, ser branco e cristão por exemplo, logo suas individualidades são esquecidas. Isso faz com que o discurso sobre o estrangeiro seja sempre o de que “todos são iguais” não importando suas identidades individuais, remarcando o racismo e a xenofobia ao alegar que todos os “pretos são Mamadou e todos os chineses Ping-pong”. Outro momento da infância de Doria em que se percebe a segregação sofrida pela comunidade muçulmana na França é quando a personagem relembra os dias em que sua mãe a levava para o parquinho:

Quando eu era pequena, e mamãe me levava pro parquinho, nenhuma criança queria brincar comigo. Eu chamava aquilo de parquinho de francês, porque ficava no meio de uma área de casas com jardim, onde os moradores eram, quase todos, de origem francesa. Um dia as crianças fizeram uma roda e se recusaram a me dar a mão, porque era o dia seguinte ao Aïd, a Festa do Carneiro, e mamãe tinha passado *henna* na palma da minha mão. Aqueles ignorantes pensavam que eu estava com a mão suja. Eles não entendem nada de mistura social, nem de mescla de culturas. (GUÈNE, 2006, p. 82)

Ao interagir no parque com crianças de origem francesa, Doria percebe que elas não queriam dar a mão a ela por estar usando hena logo depois do Aïd e as crianças perceberam que sua mão estava suja, e essa memória faz com que Doria chegue a uma reflexão sobre a “mistura social” e a “mescla de culturas” na sociedade em que vive. Essa reflexão faz um importante diálogo também comum aos *slogans* da marcha pela igualdade dos anos 80 que dizia que a França é como uma mobilete e que para avançar precisava da mistura (SALES, 2014). Tamanha banalização da ideia de “mistura” nos remete à falácia do multiculturalismo, ideia com a qual optamos por concluir nossa análise.

Trata-se, o multiculturalismo, de uma ideia que emerge principalmente na pós-modernidade, advogando a favor do respeito que se deve dirigir ao “Outro”, aquele cujos costumes ao invés de julgados devem ser primeiro estudados e respeitados, para que este “Outro” seja, por fim, aceito e incluído na cultura hegemônica. Nesse sentido, e ainda que

muitas identidades nacionais tenham se construído fundadas em tal pensamento, é bem verdade que muitas vezes ele serviu apenas para mascarar o plano colonial e modular o discurso imperialista; discurso muitas vezes defendido e difundido por medidas políticas que se camuflam por trás do multicultural.

Nas palavras de Žižek (2016, p. 235), “a relação entre colonialismo imperialista tradicional e a autocolonização capitalista global é exatamente igual à relação entre o imperialismo cultural ocidental e o multiculturalismo”. Isto porque o pensar multiculturalista resulta em uma espécie de distanciamento eurocêntrico de caráter paternalista; distanciamento inevitável para que a lógica do “Eu” que respeita o “Outro” seja efetivamente consumada. Assim, o “Outro” se tornaria uma comunidade fechada em si mesma, em vias de ser assimilada pelo “Eu” hegemônico – ou seja, o “Eu” universal e privilegiado que simplifica tudo ao seu redor e celebra a diferença, seja ela qual for. Assim, a posição que ocupa o multiculturalista é aquela “a partir d[a] qual se pode apreciar (e depreciar) adequadamente as outras culturas particulares – o respeito multiculturalista pela especificidade o Outro é a forma por excelência de afirmar sua superioridade” (ŽIŽEK, 2016, p. 236).

Nossa análise, portanto, estando centrada no estigma de exclusão que constitui parte significativa da construção da personagem narradora em *Amanhã, numa boa* (GUÈNE, 2006), é coerente com a crítica que faz Žižek (2016) acerca do sujeito incômodo na contemporaneidade. A atitude liberalista desse episteme de fluidez identitária, o qual “se considera capaz de superar as limitações de sua identidade étnica (‘cidadão do mundo’ sem âncoras numa comunidade étnica em particular) funciona, no interior de sua própria sociedade, como um círculo estreito e elitista” (ŽIŽEK, 2016, p. 239). Dessa maneira, o sujeito periférico permanece periférico, e seus saberes marginalizados permanecem à margem do saber hegemônico – isto é, a atenção que se dirige às fronteiras identitárias se desloca mais no sentido de identificar, apreender e reproduzir tais fronteiras em vez de propor negociações de fato democráticas com o suposto “Outro” (sendo que este continua preso, agora sob o discurso paternalista, em seus limites étnicos e comunitários os quais, para quem é menosprezado pelo centro como nossa narradora, nada tem de fluidos).

No final das contas, as fronteiras identitárias têm muito mais de fronteiras do que de identitárias. “Não surpreende, portanto, que a tolerância multiculturalista se veja presa no círculo vicioso de ao mesmo tempo conceder demais e nunca o suficiente à particularidade da cultura do Outro” (ŽIŽEK, 2016, p. 240). Tolerar o outro não seria, por si só, análogo à sua inclusão – dependendo do caso, inclusive, o resultado dessa tolerância tende a ser a manutenção de sua exclusão.

É fácil exaltar o hibridismo do sujeito migrante pós-moderno, que não está mais ligado a raízes étnicas específicas e flutua livremente entre diferentes círculos culturais. Lamentavelmente, dois níveis sociopolíticos completamente distintos estão condensados aqui: por um lado, o acadêmico cosmopolita de classe alta ou média alta, que tem sempre os vistos apropriados que lhe permitem cruzar fronteiras sem nenhum problema para fazer seus negócios (acadêmicos, financeiros...) e, portanto, é capaz de apreciar a diferença; por outro lado, o trabalhador (i)migrante pobre, expulso de casa pela pobreza ou violência (étnica, religiosa...), para quem o celebrado “hibridismo” designa uma experiência traumática bastante tangível de nunca poder se estabelecer e legalizar sua situação, o sujeito para quem coisas simples como cruzar uma fronteira ou reunir-se a sua família podem se transformar em uma experiência cheia de angústia e exigir um tremendo esforço. Para esse segundo sujeito, desarraigar-se de seu modo de vida tradicional é um choque traumático que desestabiliza toda sua existência – dizer a ele que deve desfrutar o hibridismo e a falta de identidade fixa de sua vida cotidiana, o fato de que sua existência seja migratória, nunca idêntica a si mesma etc., envolve o mesmo cinismo que está em ação na (versão popular da) celebração do esquizosujeito: aquilo que para o sujeito em questão é uma experiência de extremo sofrimento e desespero, o estigma da exclusão, de ser incapaz de participar dos afazeres de sua comunidade, é celebrado – do ponto de vista do teórico pós-moderno externo, “normal” e plenamente adaptado – como a afirmação suprema da máquina desejante subversiva. (ŽIŽEK, 2016, p. 244)

É nesse sentido que essa celebração do esquizosujeito se inscreve na agenda política do maquinário liberal capitalista; o discurso pós-moderno em defesa do hibridismo, desatento para as especificidades que dirimem a possibilidade de ir e vir do sujeito periférico, tem seu potencial revolucionário desarmado pelos interesses hegemônicos. Assim, a fluidez só passa a ser endossada porque passa a ser impossível ignorar as diferenças, as quais, agora, passam a ser domesticadas. “Domesticada”, inclusive, é a palavra perfeita, já que o “Eu” passa a tratar o “Outro” como, por exemplo, nossos antepassados trataram os lobos a partir do momento que deixaram de temê-los para passar então a colocá-los em coleiras, nos quintais de suas casas.

A comparação pode parecer forçosa; porém, animalizado, o “Outro” também é reconhecido e posteriormente incluído de forma excludente, pois passa a fazer parte de um mundo que, todavia, não lhe pertence. É por isso que “a tolerância multiculturalista tolera o Outro desde que este não seja o Outro real, mas o Outro asséptico [...]; no momento em que se deve lidar com o Outro real a tolerância cessa” (ŽIŽEK, 2016, p. 242). Esse “Outro asséptico” seria o bom selvagem, o Outro idealizado, a diferença acrílica, vazia – aquela cujo reconhecimento superficial dos supostos avanços pós-modernos pouco ou nada contribui para a rearticulação dos epistemes normativos. A posição do “Eu”, nesse sentido, se mantém confortável, pois este não abandona as suas ferramentas ideológicas já conferidas de crédito ontológico sem se reinscrever perante o problema do “Outro” como se, de fato, compartilhasse dele; o processo de investigação dos conteúdos periféricos, neste sentido, fala muito mais sobre

o observador do que sobre o observado – o qual, por sua vez, permanece silenciado pelos discursos que, agora, o romantizam e falam em lugar dele.

Conclusão

Encerramos nosso artigo levantando um debate que permanece aberto. Isto porque a impossibilidade do ser, incorporada pela narradora do romance de Faïza Guène, evidencia a manutenção do silenciamento que continua a sofrer o sujeito pós-moderno. Por trás de discursos de inclusão, de medidas multiculturalistas e dos novos espaços contemporâneos que se transvestem de um ilusório hibridismo sociopolítico, sobrevive a xenofobia, o racismo, o sexismo e a incompreensão. Não poderia, talvez, ser diferente; afinal, e longe de ser redutível a um efeito ideológico-cultural do processo econômico, “a passagem do imperialismo cultural convencional ao multiculturalismo mais tolerante, com sua abertura para a riqueza das identidades híbridas (étnicas, sexuais etc.), é o fruto de uma longa e penosa batalha político-cultural” (ŽIŽEK, 2016, p. 235).

O fim dessa longa e penosa batalha político-cultural não é passível de garantias, principalmente em um mundo onde a lógica operante continua a ser a mesma: ou seja, a lógica do capital, que tudo compra e tudo assimila. Por isso, é tão relevante que reflexões como aquelas que são suscitadas em *Amanhã, numa boa* (GUÈNE, 2006) sejam capazes de escapar dos canais normativos – afinal, o microfone que a hegemonia oferece para vozes potencialmente perigosas sempre teve o poder de rearticular as suas falas ameaçadoras. Ao fazermos referência à ideia de Žižek (2016, p. 18), podemos dizer que uma população marginalizada, fruto de tantos discursos de opressão, representa a impossibilidade do ser, “Não sou: não sou uma substância, uma coisa, um ente; estou reduzido a um vazio na ordem do ser, uma lacuna, um *béance*”.

O ser só é dentro desses espaços invisíveis, a existência dos falantes à margem é lacunar, privada de completude. Logo, e ainda que nossa narradora “*béance*” nos fale sobre uma parcela bastante específica da população parisiense, ocupando também essa mesma posição, ao inverter a lógica do centro como observador daquilo que o circunda, Guène (2006) permite que partamos deste contexto específico para pensar, também, no macro – ou seja, em todo um grupo em posições periféricas. Afinal, “o universal é engajado no processo de sua exemplificação particular, ou seja, são os casos particulares que, de certo modo, decidem o destino do próprio conceito universal” (ŽIŽEK, 2016, p. 125).

Ainda segundo Žižek (2016, p. 236), precisamos, por fim, estar cientes de que nossa batalha crítica pela politização e reconhecimento das identidades étnicas e sexuais (dentre outras) às margens da agenda política hegemônica ainda se dá “contra o pano de fundo de uma

barreira invisível, porém das mais proibidoras: o sistema capitalista global sempre foi capaz de incorporar as vantagens da política pós-moderna de identidades, desde que elas não perturbassem a circulação do capital”. O potencial revolucionário que carregam discursos periféricos, como aquele que articula Doria, vai ser sempre derrubado pelos interesses hegemônicos. E precisamos continuar aqui para reerguê-los, sempre que acontecer.

Referências

BARANELLI, L. (Org.). **Italo Calvino. Lettere**. 1940-1985. Milano: Mondadori, 2000.

BONURA, G. **Invito alla lettura di Italo Calvino**. Milano: Mursia, 1987.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993a.

_____. **O cavaleiro inexistente**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993b.

_____. **Marcovaldo ou As estações na cidade**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994a.

_____. **Os amores difíceis**. Tradução de Raquel Ramallete. São Paulo: Companhia das Letras, 1994b.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **O visconde partido ao meio**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Se um viajante numa noite de inverno**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Sul tradurre. In: BARENGUI, M. (Org.). **Italo Calvino. Saggi**. 1945-1985. Milano: Mondadori, 2001a. v. 2. p. 1776-1786.

_____. Tradurre è il vero modo di leggere un testo. In: BARENGUI, M. (Org.). **Italo Calvino. Saggi**. 1945-1985. Milano: Mondadori, 2001b. v. 2. p. 1825-1831.

_____. Eremita em Paris. In: CALVINO, I. **Eremita em Paris**: páginas autobiográficas. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 182-190.

_____. Italiano, uma língua entre as outras línguas. In: CALVINO, I. **Assunto encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 140-147.

_____. Il giovane del Po. In: CALVINO, I. **Romanzi e racconti**. Edição de Bruno Falchetto, Claudio Milanini e Mario Barenghi. Milano: Mondadori, 2010. v. 3. p. 1011-1126.

_____. **Sono nato in America...** Interviste 1951-1985. Milano: Mondadori, 2012.

_____. **Mundo escrito e mundo não escrito**. Tradução de Maurício Santana Dias. Artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FALCETTO, B. Note e notizie sui testi. Se una notte d'inverno un viaggiatore. In: CALVINO, I. **Romanzi e racconti**. Milano: Arnoldo Mondadori, 2004. v. 2. p. 1381-1401.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MORAES, M. A. de. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n.1, p. 30-32, jan./mar. 2007.

MOREIRA, M. E. R. Questões de tradução em Jorge Luis Borges e Italo Calvino. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 249-263, jul./dez.2009.

MOYSÉS, T. M. **Lettere e I libri degli altri**: lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2010.

RIBATTI, D. **Italo Calvino e l'Einaudi**. Bari: Stilo Editrice, 2009.

SANTIAGO, S. Suas cartas, nossas cartas. In: SANTIAGO, S. **Ora (direis) puxar conversa!** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 59-95.

SOUZA, E. M. de. A biografia, um bem de arquivo. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 11, p. 121-129, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v10n1/v10n1a09.pdf>. Acesso em 15 nov. 2009.

VASCONCELLOS, E. Intimidade das confidências. **Teresa Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 8/9, p. 372-389, 2008.

**“AS IF GOD WERE SPITTING ON US”:
THE STIGMA OF EXCLUSION IN *AMANHÃ, NUMA BOA* (GUÈNE,
2006)**

Abstract

We propose herein an analysis of the protagonist of the French novel *Amanhã, numa Boa* (GUÈNE, 2006), who descends from Moroccans, as to identify how she rewrites the position of the marginalised other before the multiculturalist central discourses. Therefore, we test and evince the hypothesis that this narrative moves in the contrary direction of the romanticisation, assimilation, and silencing of peripheral epistemes represented and rearticulated by this character. Deploying Žižek’s (2016) reflections, we sketch a portrait of the exclusion stigma that the (im)migrant suffers. Veiled by inclusive discourses, multicultural approaches and new contemporary spaces disguised as an elusive socio-political hybridity, xenophobia, racism, sexism and incomprehension are still live and kicking. The novel, where manifold prejudices suffered by the character – given her gender, language, and migrant condition – pullulate, manifest the constitutive problem of postmodern macro-cosmopolitanism – that is, of the idea of a subject with no chains or identity frontiers, of the so called fluid identity.

Keywords

Marginalised literature. Migration. Exclusion.

Recebido em: 28/06/2019

Aprovado em: 04/12/2019

As escritas de si – e do outro – na autobiografia americana de Dany Laferrière

Mariane de Souza de Assis⁴⁵

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Sandra Mara Stroparo⁴⁶

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Resumo

Dany Laferrière chegou no Quebec em 1976, fugindo da ditadura de Jean-Claude Duvalier (mais conhecido como Baby Doc) no Haiti. Em terras estrangeiras, Laferrière desenvolveu um conjunto de dez obras, que ele definiu como sua *autobiografia americana*. Embora o autor empregue o termo “autobiografia”, este não seria o termo adequado para classificar a escrita dessas dez obras. Isso porque os relatos de sua vida no Haiti até os 23 anos (ciclo haitiano) e os relatos de sua vida no Canadá e nos Estados Unidos como negro e migrante (ciclo americano) são permeados por situações ficcionais, de modo que o pacto de veracidade que caracteriza uma autobiografia não ocorre (LEJEUNE, 2008). Entretanto, outras classificações são possíveis. Sendo assim, a análise da escrita de si que representa a *autobiographie américaine* de Laferrière terá como referência a tese de Diana Irene Klinger (2006), defendida na UERJ: *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*.

Palavras-chave

Escritas de si. Literatura caribenha. Cultura negra. Exílio. Canadá.

⁴⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

⁴⁶ Professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Introdução

O escritor haitiano Dany Laferrière (nascido Windsor Klébert Laferrière) nasceu em Porto Príncipe em 1953. Além do nome, o autor herdou do pai a profissão e o destino: ambos jornalistas – embora o pai tenha sido também prefeito de Porto Príncipe –, pai e filho se opuseram ao regime ditatorial imposto no Haiti por François Duvalier e Jean-Claude Duvalier (popularmente conhecidos como Papa Doc e Baby Doc, respectivamente) e, por isso, tiveram de exilar-se. Curioso notar que o regime de hereditariedade pesou sobre ambos os lados: foram ditadores, o pai e o filho; a resistência à ditadura foi igualmente exercida por um pai e, anos depois, por seu filho. A oposição de Laferrière-Pai à ditadura de François Duvalier lhe causou o exílio em Nova Iorque. Pouco mais de vinte anos depois, Laferrière-Filho conhece a mesma sina quando da ditadura de Jean-Claude Duvalier, exilando-se em Montréal e, posteriormente, em Miami.

Pode-se dizer que o exílio fez parte da vida de muitos haitianos (COLIN-THÉBAUDEAU, 2003, p. 64). No caso da classe média e da elite haitiana, camadas sociais com acesso ao conhecimento, concluir os estudos em outros países era algo extremamente comum, dada a precariedade do sistema educacional do país. Por outro lado, para um governo ditatorial, aqueles jovens que retornam do exterior com novas ideias podem representar um perigo ao poder constituído, motivo pelo qual muitos desses jovens eram incentivados a não mais retornar à terra-natal.

Tendo feito parte de sua vida e da de seu pai (e conseqüentemente, influenciando toda a família), o exílio tornou-se mote central de boa parte da produção literária de Dany Laferrière, em especial de um conjunto de dez livros escritos entre 1985 e 2000 e que o autor chama de *autobiographie américaine* [autobiografia americana]. Embora a ordem de publicação não acompanhe a linearidade de acontecimentos vividos pelo autor, a autobiografia americana narra sua história desde a infância na casa dos avós em Petit-Goâve até o momento em que, adulto, o autor alcança a celebridade e consegue desestabilizar o *status quo* da sociedade judaico-cristã – seu objetivo desde o exílio. Para tanto, o autor faz uso de um narrador que em muito se assemelha a ele próprio, mas mescla suas memórias com situações puramente ficcionais, de modo que, embora possamos associar o narrador à pessoa do autor, não é possível determinarmos claramente quais fatos foram realmente vividos por Laferrière e quais foram vividos apenas por seu narrador.

Há algumas similaridades entre as obras de Laferrière e as obras que foram objeto de análise por parte de Diana Irene Klinger (2006) em sua tese de doutorado (a saber: *La virgen*

de los sicários, do colombiano Fernando Vallejo; *Noches vacías*, do argentino Washington Cucurto; e *Nove noites*, do jornalista brasileiro Bernardo Carvalho). Por esta razão, buscaremos empregar algumas premissas estabelecidas por Klinger em *Escrita de si – escrita do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea* para analisarmos a autobiografia americana de Laferrière.

É bem verdade que as obras que foram objeto da análise de Klinger são latino-americanas e escritas em espanhol e em português brasileiro enquanto a autobiografia americana é produção de um autor caribenho, mas a diferença idiomática não se mostra relevante quando observamos que tanto as obras latino-americanas quanto as caribenhas compartilham a característica de se situarem em fronteiras culturais e fronteiras da ficção: pertencem a autores que exploram o exílio, as relações interculturais e a multiterritorialidade, ao mesmo tempo em que se tratam de obras que jogam com as noções de autor e narrador, biografia e ficção.

1 Escritas de si

Na autobiografia americana está presente aquilo que Klinger chama de “vida como devir e transformação”. Wander Melo Miranda (1992, p. 31 *apud* KLINGER, p. 15) diz que não há razão para uma narrativa de si se não houver uma intervenção anterior na existência do indivíduo. Bem, podemos considerar como a intervenção na existência de Laferrière o assassinato de seu amigo e colega de profissão, Gasner Raymond, e a perseguição sofrida por eles enquanto jornalistas, exercida por Baby Doc (Duvalier-filho), que culminou no exílio de Laferrière no Canadá.

Tomando como real “aquilo que o sujeito está condenado a ter em falta, mas que essa falta mesma revela” (LACAN, 1985, p. 52 *apud* KLINGER, 2006, p. 37), um evento traumático seria a marca do real nas narrativas contemporâneas. E muito embora tenhamos o exílio como primeiro fator que impulsionou Laferrière à escrita de si, há outra ausência que marca sua narrativa: a ausência do pai. Uma ausência muito paradoxal, diga-se de passagem, uma vez que, embora estivesse em outro país, a presença do pai ainda era latente na casa em que Dany Laferrière passou a infância, havendo fotos e objetos seus por todos os cômodos. *Vieux Os* também presenciava furtivamente o choro da mãe pela ausência do pai (LAFERRIÈRE, 2016b).

Nesse sentido, as ausências (do pai e da terra) que levaram Dany Laferrière a escrever sobre si são os eventos que dão o caráter real de sua autoficção, muito embora toda

narrativa de si possa ser considerada ficção, segundo Barthes (1975, p. 129 *apud* KLINGER, 2006, p.40) – noção que corrobora a impossibilidade de separação de fatos verídicos e ficcionais em uma autoficção justamente pelo fato de toda narrativa de si transmitir a verdade pessoal do indivíduo que narra. De qualquer forma, o que está em jogo em uma autoficção não é o que ela pode conter de real, mas aquilo que ela afirma ser real (LEJEUNE, 2008) e as expectativas que geram no leitor: o efeito de real que suscitam.

A questão do sujeito autoral problematizada por Diana Klinger (2006) em todas as obras de Fernando Vallejo e Pedro Juan Gutierrez também se mostra passível de discussão na autobiografia americana de Dany Laferrière: ele é o protagonista dos eventos que narra, vindo a contar as mesmas histórias de maneiras diferentes entre uma obra e outra ou falando de uma mesma pessoa por dois prismas diferentes. Seu próprio narrador afirma em um dos romances ter sido exilado (LAFERRIÈRE, 2012), embora em outra obra (não romanesca) Laferrière afirme ter escolhido mudar de país (2000b). De qualquer forma, o falar de si constante nessas obras é um sintoma do final do século, impulsionado pelo desenvolvimento da cultura midiática e da “espetacularização do sujeito” (KLINGER, 2006, p. 187). Nessa espetacularização do *eu*, o indivíduo enquanto autor determina a si mesmo enquanto produto de um ambiente micro (família, linhagem, classe social etc.) em interação com um ambiente macro (contexto histórico-político-social-cultural). Sendo assim, o Dany Laferrière, filho de pai jornalista de mesmo nome e que foi criado em Petit-Goâve pela mãe, tias e avó presencia a pobreza do povo haitiano, subjugado por um governo ditatorial. Sendo ele também uma vítima dessa ditadura, decide mudar de país, e se depara com o preconceito racial, com os estereótipos relacionados a sua cor e com a fetichização do corpo do negro em um país desenvolvido.

Para além da escrita de si como sintoma do fim de século, sua narrativa também traz aspectos da escrita de si que ocorreu nas décadas de 1970 e 80, que são narrativas que retratam a transição da opressão ditatorial à redemocratização, não visando a conservação dos valores de sua classe, mas deixando um testemunho do que sua geração vivenciou. A princípio, nos parece que o que impulsiona a escrita de Laferrière é mais uma defesa de seu grupo (que muda em cada fase de sua vida, conforme seu narrador explica em *Cette grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit ?* [LAFERRIÈRE, 2000a]) do que do que um sintoma do narcisismo midiático contemporâneo que Klinger (2006) encontrou em seu *corpus*.

Nas narrativas de quando vivia no Haiti o povo haitiano representava o grupo do qual Dany Laferrière fazia parte, um povo temeroso dos *tontons macoutes* tanto quanto das entidades do vodu. Ao exilar-se em Montréal, seu grupo tornou-se o dos jovens imigrantes igualmente negros desprezados pelos brancos protestantes (os WASP: *White, Anglo-Saxon and*

Protestant), embora desejados por suas filhas. É bem verdade que Laferrière não tencionava, naquele período, levantar qualquer bandeira, mas mesmo o choque causado pelo título de seu primeiro romance já prova o contrário: *Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer* (1985) já surge com o propósito de chocar a sociedade WASP ao mesmo tempo em que denuncia: “vocês nos desprezam, mas suas filhas nos adoram”. Somente em *Cette grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit ?* (LAFERRIÈRE, 2000a), em que o autor-personagem sai Estados Unidos afora para uma pesquisa sobre “a real face da América” é que o autor assume escrever por seu grupo, que, naquele período, era constituído pelos negros americanos vítimas da violência policial ao mesmo tempo em que encontram no tráfico e na criminalidade uma maneira de levar a vida sem a interferência condescendente dos brancos.

O paradoxo apontado por Klinger relacionado ao retorno do autor e o exibicionismo da cultura midiática em contraposição com a crítica filosófica do sujeito também se aplica à produção de Laferrière, muito embora sua narrativa de si esteja mais motivada pela defesa de seus grupos do que pelo exibicionismo. De qualquer forma, a categoria de autoficção cai tão bem à *autobiographie américaine* quanto aos textos que faziam parte do corpus de Diana Klinger. Embora Laferrière deseje falar de si e de seus grupos, não é possível dissociar o real e o ficcional em sua escrita, uma vez que o autor performa a si mesmo enquanto sujeito de suas narrativas, construindo, assim, sua verdade com relação a si mesmo, seu mito, sua representação – consoante com a hipótese levantada por Klinger de que “o texto autoficcional implica uma *dramatização de si*” (KLINGER, 2006, p. 58, *grifos no original*).

É por meio da escrita de si que Laferrière se reconhece enquanto indivíduo e enquanto autor, processo reconhecido por Hal Foster (2001, p. 168) como “renascimento do autor”. E sendo a escrita um oferecimento de si a outrem (a um interlocutor), o que Laferrière oferece de si para o leitor mudou ao longo de suas publicações. Antes pretensamente desinteressado em levantar bandeiras, suas obras serviam de provocação ao leitor, que se via ridicularizado na narrativa que lia e constrangido pelo fato de estar sendo ridicularizado por alguém “inferior” a si na escala social. Posteriormente, já reconhecido enquanto escritor, Laferrière expõe sua trajetória de vida desde a infância até a fase adulta mesclando à sua própria trajetória as mazelas de outros indivíduos dos grupos dos quais fez parte.

As narrativas da infância mostram o retorno do autor a seus oito anos e a toda ingenuidade que essa idade traz consigo, embora o autor seja já adulto ao escrever essas memórias. Inclusive, isso constitui um exemplo da performance do autor enquanto personagem: o Dany Laferrière adulto escrevendo sobre o pequeno *Vieux Os* com a linguagem infantil, dando à narrativa um toque de cinismo junto com a ingenuidade. As bandeiras que Laferrière se

recusava, antes, a levantar, se mostram, posteriormente, urgentes. A celebridade alcançada por seus romances e sua inserção na sociedade judaico-cristã lhe conferiram as ferramentas que faltavam para denunciar a hipocrisia de uma sociedade que antes lhe ignorava e as consequências sociais que essa hipocrisia acarreta no nível macro. O autor, olhando para si mesmo de maneira sincera, desprovida de qualquer premissa transcendental, transmite ao leitor a mensagem de que antes ele não podia (ou não queria) levantar qualquer bandeira, mas que agora isso é possível e necessário (LAFERRIÈRE, 2000a).

A relação que Foucault (1994) encontra entre escrita e imortalidade nos leva a pensar que essa imortalidade não diz respeito ao indivíduo enquanto autor ou mesmo enquanto personagem, mas ao que este último viveu, juntamente com sua geração, diante da opressão ditatorial e do preconceito racial. Isso não significa, entretanto, que Dany Laferrière tenha se apagado da narrativa (ou seja, que tenha havido a “morte do autor”) em prol de sua narrativa ou de sua mensagem – é justamente a presença do autor em suas próprias narrativas o que confere unidade à autobiografia americana. Nessas dez obras, entretanto, não há aquilo que Foucault (1994) caracteriza como “função autor”: o autor atua, também, como sujeito midiático, atribuindo aos textos que escreve algo anterior e externo a eles que também influencia na apreensão e na subjetividade desses textos.

2 A escrita do outro

Nas obras que constituem a autobiografia americana, uma grande parcela de sua narrativa cede espaço a figuras, no mínimo, pitorescas, que se relacionavam, direta ou indiretamente, com o protagonista *Vieux Os*: os habitantes de Petit-Goâve, com suas histórias e crenças (sobretudo o vodu) (LAFERRIÈRE, 2016a; 2016b); Bouba, o amigo com quem Vieux Os partilhava um apartamento quente, sujo e cheio de insetos quando do início de sua vida no Canadá (LAFERRIÈRE, 1985); Erzulie, a mulher com nome de deusa vodu que lhe perseguia, exigindo um espaço em algum de seus romances quando o autor vivia e viajava pelos Estados Unidos e a população negra, vítima da violência policial, que Vieux Os reconheceu viajando pelos EUA e com a qual se identificou (LAFERRIÈRE, 2000a). De acordo com Francine Massiello (2001, p. 17 apud KLINGER, 2006, p. 10), o retrato de figuras marginais é uma marca da ficção recente, preocupada com a representação política e artística da outridade. Estas são, também, problemáticas que fazem parte da produção dos artistas contemporâneos, culminando naquilo que Hal Foster (2001) virá a chamar de paradigma do “artista como etnógrafo”, dada a aproximação entre as expressões artísticas do fim de século e a antropologia pós-moderna.

Diana Klinger detecta em seus objetos de pesquisa o fenômeno denominado por Mary Louise Pratt como “zona de contato”, que seria um “espaço em que povos geográfica e historicamente separados entram em contato e estabelecem relações duradouras, relações que usualmente implicam condições de coerção, radical desigualdade e insuperável conflito” (PRATT, 1997, p. 20-26 *apud* KLINGER, 2006, p. 73). Ora, a relação entre o artista e os povos marginalizados não resulta em uma zona de contato, pois nem sempre esses marginalizados estarão “geográfica e historicamente separados” de Laferrière – muitas vezes, esses marginalizados serão seus conterrâneos, será o próprio autor. Além disso, não podemos observar nas obras que constituem a *autobiographie américaine* nenhuma relação coercitiva ou desigual uma vez que o próprio autor se insere entre os marginalizados. Por outro lado, na relação entre o autor – e mesmo do personagem central de seus romances – e o WASP norte-americano se observa uma zona de contato, uma vez que há relação duradoura entre as partes e também uma imposição por parte dos WASP a que o autor, enquanto marginalizado, assumia uma posição subalterna. Dany Laferrière, por sua vez, busca subverter essa zona de contato por meio da escrita, que lhe dá a celebridade e a notoriedade necessárias para que se iguale a quem busca lhe subjugar.

O desenvolvimento da psicanálise e o modernismo já anunciavam, nas primeiras décadas do século XX, um interesse no não normativo, no primitivo. A “virada etnográfica” (FOSTER, 2001) do final daquele século só vem a retomar o interesse que já era latente desde meados de 1920. A etnografia viria a ser, então, um conjunto de maneiras de pensar a cultura de dentro dela. A partir dessa tendência, o artista passa a se relacionar com a outridade em termos culturais e étnicos, não mais em termos socioeconômicos. Disso resulta uma veemente crítica à sociedade europeia e seu aparato cultural burguês que ditava os conceitos de cultura aceitáveis nas colônias.

Como resultado, o outro, antes excluído, passa a ter voz – sobretudo com o desenvolvimento das comunicações –, desenvolvendo uma forma de expressão própria ao testemunho (PRATT, 1999, p. 34-36 *apud* KLINGER, 2006, p. 77). A História não mais seria escrita apenas do ponto de vista do colonizador, tampouco a historiografia. O artista, por sua vez, não será o observador da outridade, incumbido de transmiti-la a seus leitores: agora o artista reconhece sua parte nessa outridade.

Na autoetnografia produzida por Dany Laferrière, encontramos uma problemática linguística: como falar de si e de seu povo, marginalizado, ignorado e subjogado utilizando a língua daquele que oprime, coloniza e segrega (a saber, o francês da metrópole europeia)?

Mesmo depois de o foco etnográfico ter deixado de ser o haitiano para ser o branco quebequense, o imigrante ou o negro norte-americano, a língua francesa permanece sendo seu veículo de transmissão de sentido. Ora, se sua escrita, antes impulsionada pelo trauma e pela ausência (como preconizado por Wander Melo Miranda [1992] e por Lacan [1985] *apud* Klinger [2006]) tinha o intuito pessoal da provocação, nada mais natural que a provocação ocorra na língua do provocado. O autor se dá a conhecer (e ao povo do qual faz parte) pelo branco norte-americano protestante por meio da língua francesa, colocando-se no mesmo patamar de seu interlocutor ao provocá-lo; posiciona-se, também, como etnógrafo ao narrar sua experiência enquanto marginalmente inserido na sociedade WASP – inserção que se dá pelo relacionamento com garotas brancas oriundas dessas famílias brancas, anglo-saxãs e protestantes – e fala do negro norte-americano marginalizado ao agir como um etnógrafo: viajando pelos Estados Unidos, narrando suas impressões e o resultado de sua interação com aquela outridade até chegar ao ponto de reconhecer-se como pertencente a ela.

Ainda, por mais que Laferrière utilize o francês em sua autoetnografia, não se pode dizer que sua linguagem seja formal: o autor se mostra muito à vontade para empregar a língua do colonizador livremente, utilizando gírias e mesclando-a com o crioulo haitiano e com expressões de língua inglesa. Podemos dizer que a desvirtuação do emprego da língua francesa (utilizada, no Haiti, apenas em contextos muito formais) para um nível coloquialíssimo seria uma maneira adicional de provocação. Seria uma manobra para utilizar a ferramenta que segregava seu povo, seu grupo, para dá-lo a conhecer ao branco que lhe subjuga cultural e economicamente.

3 Confluência das perspectivas

O narrador das obras de Laferrière, segundo a classificação de Walter Benjamin (1994), se encaixa na caracterização do narrador pós-moderno, que não dá nem recebe conselhos, apenas expressa suas impressões de maneira introspectiva, como se fosse, ele próprio, o espectador das ações, e não seu agente. Exemplo perfeito estaria em *Éroshima* (2005a) mais precisamente na cena em que o narrador está no apartamento de sua amante Hoki e narra a festa orgiaca que lá ocorre. *Vieux Os* não age, apenas observa os acontecimentos à sua volta. Seu interesse por aquele ambiente, observando as pessoas e descrevendo-as quanto a suas origens, ocupações, objetivos e ações naquela festa o aproximam do narrador etnógrafo, que escolhe um ambiente específico para observar e relatar sua experiência. Ele é tão alheio ao mundo que descreve que, pouco antes dessa festa, Hoki fala ao telefone com um de seus

convidados “*On aura un Nègre*” (2005a, p. 53), como se ter um convidado negro fosse algo tão exótico para aquelas pessoas quanto seria para *Vieux Os* uma festa orgiaca com pretensos artistas e intelectuais.

Quando Klinger (2006, p. 112) afirma que “a escrita sobre o outro só será possível se ao mesmo tempo se põe em dúvida o sujeito mesmo da fala” nos vem a reflexão de que *Vieux Os* é tão estranho para aquelas pessoas quanto elas parecem ser para ele. Disso decorre uma desconstrução da noção de exótico. Quem é o diferente, afinal? Aquela relação estabelece, então, uma mútua projeção, na qual tanto os pseudo-intelectuais amigos de Hoki estudam *Vieux Os* quanto ele os estuda. A diferença é que o único que registra as impressões dessa relação é *Vieux Os*, sendo assim, ele é o único etnógrafo dessa relação.

O romance de Laferrière se estabelece, então, no entre-lugar entre o relato de si e do outro, entre o real e o ficcional – uma relação localizada nas fronteiras da ficção e da cultura. Nesse entre-lugar de fronteiras fluidas, a noção de nacionalidade se mostra irrelevante quando comparada à noção de grupo cultural. *Vieux Os* não encontra relevância no que aproxima Hoki de sua origem japonesa, mas, sim, em seus aspectos artísticos e sociais: seu grupo, embora heterogêneo em etnias, é homogêneo no quesito cultural.

A estética da marginalidade encontrada em *La virgen de los sicarios*, de Fernando Vallejo, também está expressa na autobiografia americana: na adolescência narrada em *Le goût des jeunes filles*, *Vieux Os* tem um amigo marginal, Gégé, agente do acontecimento que aproxima o narrador das *jeunes filles*. Em *Cette grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit ?* *Vieux Os* se depara com vários casos de agressão policial a negros, estes sempre impulsionados à marginalidade pela exclusão social que, paradoxalmente, os pune por aquilo que causa. Por outro lado, os relatos da infância costumam ser idílicos: há referências às praias, aos amigos e a sua paixão de infância por Vava. Muito embora as personagens marginais também estejam presentes nessas narrativas, são retratadas com o olhar pueril de um narrador criança, e não com o olhar do autor, adulto.

O mesmo intercâmbio erótico e material encontrado por Klinger em *La virgen de los sicarios* é visível na autobiografia americana: as jovens filhas de famílias WASP se relacionavam sexualmente com o narrador, enchiam sua geladeira, arrumavam seu apartamento, o levavam a festas etc.; enquanto Hoki esteve viajando, sua amiga Kero “tomou conta” de *Vieux Os*; e mesmo nas narrativas de sua adolescência encontramos a moça com quem ele teve sua primeira relação sexual lhe dando guarida enquanto o narrador fugia de uma suposta perseguição dos *tontons macoutes* à sua pessoa.

No que concerne uma possível aproximação entre a literatura de Fernando Vallejo e a de Dany Laferrière, observamos como ponto comum o emprego do realismo mágico como expressão da identidade. Isso se observa sobretudo em *Pays sans chapeau*, obra na qual o narrador *Vieux Os*, ao retornar ao Haiti vinte anos depois do exílio, acaba por se envolver em uma trama fantástica que inclui uma viagem ao “país sem chapéu”, que seria o mundo dos mortos, já que ninguém é enterrado de chapéu. O narrador estabelece comparações entre o “país real” e o “país sonhado” tanto quanto compara o “país dos vivos” com o dos “sem chapéu”. O resultado disso é uma narrativa que expõe ao leitor o universo do vodu ao mesmo tempo em que critica a situação político-cultural do Haiti, fazendo um contraponto entre a situação real, a fantástica e a ideal.

Considerações finais

Mais do que a tendência à espetacularização do sujeito, o que impulsionou Dany Laferrière à escrita de si (que por si só já pode ser considerada uma ficcionalização de si) foram os acontecimentos que se deram ao longo do período ditatorial dos Duvalier no Haiti e, posteriormente, quando de seu próprio exílio, decorrente dessa ditadura. A escrita de Laferrière se direciona mais para aqueles que o desprezavam, sendo uma maneira de se fazer ver e de expor o que há de mais hipócrita na cultura branca, anglo-saxã e protestante.

Foi possível encontrar paralelos entre a escrita autoetnográfica de Laferrière e a de Vallejo e Washington Cucurto, mas não entre a do autor haitiano e a de Bernardo Carvalho, ao menos no que diz respeito ao enfoque que Klinger (2006) dá à não comunicação constante em *Nove noites*, característica que, a princípio, não se observa na autobiografia americana de Laferrière.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

COLIN-THEBAUDEAU, Katell. **Dany Laferrière exilé au « Pays sans chapeau »**. Tangence, nº 71, 2003, p. 63-71. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/008551ar>. Acesso em: 7 jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. “Qu'est-ce qu'un auteur?” In: **Dits et écrits**. Vol. I, Paris: Gallimard, 1994.

FOSTER, Hal. **The return of the real**. The avant-garde at the end of the century. Cambridge and London: MIT Press, 2001.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 2006.

LAFERRIÈRE, Dany. **Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer**. Mônaco: Le Serpent à Plumes, 1985.

_____. **Éroshima**. Montreal: Typo, 2005a.

_____. **Le Goût des jeunes filles**. Paris: Grasset, 2005 b.

_____. **Cette grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit?**. Montréal: Typo, 2000a.

_____. **J'écris comme je vis**. Vénissieux: La passe du vent, 2000b.

_____. **Chronique de la dérive douce**. Paris: Grasset, 2012.

_____. **L'Odeur du café**. Paris: Zulma, 2016a.

_____. **Le charme des après-midi sans fin**. Paris: Zulma, 2016b.

_____. **Pays sans chapeau**: roman. Paris: Zulma, 2018.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**: de Rousseau à Internet; Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PERSONAL WRITING AND WRITING ABOUT THE OTHER IN DANY LAFERRIÈRE'S AMERICAN AUTOBIOGRAPHY

Abstract

Dany Laferrière arrived in Quebec in 1976 fleeing from the dictatorship of Jean-Claude Duvalier (most commonly known as Baby Doc) in Haiti. Once in foreign lands, Laferrière wrote a collection of ten works, which he defined as his “American autobiography”. Although the author uses the term “autobiography”, this should not be the word used to describe the writing in these works. This is so because the accounts of his life in Haiti until the age of 23 (Haitian cycle) and the accounts of his life in Canada and the USA as a black immigrant (American cycle) are imbued with fictional situations, in a way that the verity contract which characterizes an autobiography does not occur (LEJEUNE, 2008). Nevertheless, other classifications are possible. Therefore, the analysis of the personal writing which represents Laferrière’s american autobiography will take into account Diana Irene Klinger’s thesis submitted at UERJ (2006): *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*.

Keywords

Personal writing. Caribbean literature. Black culture. Exile. Canada.

Recebido em: 06/10/2019

Aprovado em: 26/11/2019

Entre o norte e o sul: duas
experiências de migração em Tempo
de migrar para o norte, de Tayeb
Salih

Elisandra de Sousa Pedro⁴⁷

Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

Em *Tempo de migrar para o norte* (1966), Tayeb Salih apresenta a narrativa sobre dois destinos selados pela migração, decorrente da colonização inglesa no Sudão: a do narrador do romance – não nomeado – e a de Mustafa Said. Experiências de migração díspares e com consequências trágicas, tanto do ponto de vista da análise das personagens citadas, quanto para o entendimento do processo colonizador, que deixou cicatrizes profundas e devastadoras na colônia. O recorte escolhido, para esta análise, trata da exploração das experiências de migração, narradas pelos dois personagens, tendo como base, a ideia da *metonímia da presença*, apresentada por Homi K. Bhabha, na obra *O local da cultura* (1998), que faz refletir sobre o colonialismo inglês – nessa análise, por conta do recorte estabelecido pela obra, o colonialismo no Sudão, que se apresenta, não apenas, no que se refere à economia e exploração, mas também, e principalmente no que se refere à educação –, e suas consequências.

Palavras-chave

Migração. Colonialismo. Pós-colonialismo. Literatura árabe.

⁴⁷ Bacharel e Licenciada, em Letras/Português/Alemão, pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH- USP). Mestre, em Língua e Literatura Alemã, pela FFLCH-USP. Doutora, em Língua e Literatura Alemã, pela FFLCH-USP.

Introdução

“Educamos as pessoas para abrir suas mentes e liberar suas energias aprisionadas, mas não podemos prever o resultado: a liberdade. Libertamos as mentes das superstições. Damos ao povo as chaves do futuro para que eles ajam como quiser.”

(Tayeb Salih, 2004, p. 148)

Página |
160

Tempo de migrar para o norte, de Tayeb Salih, lançado em 1966, é considerado pela crítica como uma das principais obras da literatura árabe do século XX. É um romance que apresenta para seu leitor muitas linhas interpretativas, dentre elas a colonização inglesa no Sudão e suas consequências, as relações conflitantes entre a cultura ocidental, considerada moderna, e a cultura da colônia, considerada tradicional e em alguns aspectos extremamente conservadora – principalmente no que se refere à religião e ao papel da mulher nessa sociedade local sudanesa –, passando pelo poder que a educação pode ter na vida daqueles que saem da colônia, até as feridas ainda abertas pela colonização.

Em *Tempo de migrar para o norte*, o leitor é envolvido pela estrutura narrativa construída de forma intrigante e fragmentada pelo narrador, não nomeado no texto, e pela atmosfera de sensações e perfumes montada estrategicamente pela personagem Mustafa Said. O texto submete o leitor a um olhar crítico sobre a migração e o intercâmbio entre África e Inglaterra, por meio de duas experiências de migração e retorno, a saber, a do narrador e da personagem principal do romance, Mustafa Said, sobre pontos de vista e vivências díspares entre si, em um mundo que se divide entre o norte e o sul, a Inglaterra e uma pequena aldeia às margens do Nilo, provavelmente Mirisáb, o colonizador e o colonizado. Essa tensão entre o norte e o sul, estabelecida desde o primeiro parágrafo do romance, quando o narrador retorna a sua terra natal depois de sete anos na Inglaterra, começa a se desdobrar diante do leitor na forma de uma narrativa tensa, como “a corda do arco esticada preparada para lançar sua flecha” (SALIH, 2004, p. 30).

A estrutura criada pelo narrador, que conta sua história em primeira pessoa, faz aquele que lê o texto participante de sua busca obsessiva por respostas a respeito do enigma que representa a personagem Mustafa Said, que chama sua atenção quando volta a sua aldeia, como doutor em literatura inglesa e detentor de um cargo público no governo. Logo, ele percebe em Mustafa características diferentes das apresentadas pelos moradores do local, um refinamento nos gestos e modos do homem que remetem a mais alta educação e não à rusticidade do campo. O leitor descobre junto com o narrador quem é Mustafa Said, suas origens, como a do próprio

narrador, um menino, morador de uma aldeia às margens do Nilo, que tem a oportunidade de migrar e ter uma educação europeia. A partir daí, somos apresentados a um destino brilhante e ao mesmo tempo trágico de Mustafa: um jovem prodígio, que se torna um intelectual promissor, ao mesmo tempo um sedutor de mulheres, levando suas presas ao suicídio, até encontrar aquela, que se tornou sua obsessão e o levou a praticar um homicídio, colocando fim a sua trajetória no Ocidente.

A fim de tentar ser imparcial em seu relato, e, talvez, fazer com que o leitor de certa forma se coloque em sua posição, para a análise dos fatos, em vários momentos da narrativa, o narrador dá a palavra a personagens que a compõem como o próprio Mustafa Said, para que conte sua história, e a outras pessoas que encontra ao longo de seu relato e que conhece em alguma medida Said. Essa estratégia não é utilizada de forma linear ou cronológica e dificulta a solução do intrincado quebra-cabeça a respeito dessa personagem, tornando fragmentada a apreensão do todo complexo que é Mustafa Said.

O leitor, interpelado diretamente diversas vezes ao longo da narrativa, é obrigado a amarrar os fragmentos dispersos e separar o que é discurso de Mustafa e o que é discurso do narrador. A falta de linearidade se torna complicada também pela alternância que o narrador faz dos tempos da narrativa, o que em alguns momentos faz parecer que se compartilha do presente da enunciação e, em outros, percebe-se o distanciamento dos fatos ocorridos no passado, ou projeções feitas em relação a um futuro possível.

Sempre à procura da próxima peça, seguimos a narrativa até o final e em um primeiro momento parecemos sem respostas para esse quebra-cabeça. Quem é Mustafa Said? Qual o objetivo do narrador com a montagem dessa estrutura? Qual o objetivo dos vários discursos apresentados ao longo da narrativa? Além de outros questionamentos suscitados, para os quais talvez não obtenhamos uma resposta imediata. Talvez muitas questões apareçam por termos nos deixado levar, pela torrente da narrativa, em momentos poética e em outros, extremamente violenta, ou por nos envolvermos pela atmosfera exótica e erótica criada por Mustafa.

O centro dessa exposição será a análise das duas personagens principais do romance, focalizando o discurso do narrador e o de Mustafa, além da representação da experiência do colonialismo inglês na África e suas consequências, tendo como principais objetos as vivências das duas personagens, tomando como base a ideia da *metonímia da presença*, apresentada por Homi K. Bhabha, em seu texto “Da mímica e do homem. A ambivalência do discurso colonial” extraído da obra *O local da cultura* (1998).

1 Entre o norte e o sul

Para montarmos o retrato de cada personagem, iniciaremos por suas trajetórias, que, à primeira vista, são similares. Nasceram em aldeias às margens do Nilo, estudaram conforme os ensinamentos da colônia e migraram para o norte, Inglaterra, em busca de novas perspectivas e, em determinado momento, retornam ao sul, a terra natal. As semelhanças terminam aqui. A partir disso, o que temos são dois destinos possíveis para aqueles que migram para o norte. É importante perceber que não se trata apenas de uma história sobre a migração de cada um e quais as consequências dela para a vida das personagens. É possível afirmar que a narrativa focaliza também as consequências dessa migração para o destino da aldeia à qual retornam e como o discurso colonialista se faz presente nas duas trajetórias.

O espaço da narrativa centra-se em uma pequena aldeia sudanesa de colonização inglesa, possivelmente, entre as décadas de 1950 e 1960, localizada às margens do rio Nilo, e nela poderemos observar as marcas dessa colonização. Compõe também o espaço narrativo a Inglaterra, devido às digressões de Mustafa Said ao contar a história de sua vida e como forma de contrapor o colonizador e o colonizado. No que se refere ao tempo da narrativa, podemos supor que os fatos narrados entre o relato de Mustafa e o do narrador cobrem um período aproximado de cinquenta anos.

Ao longo do texto, há sempre o contraste entre o sul e o norte, que é intensificado pelas descrições dos costumes da aldeia, em relação à cultura ocidental. De um lado, temos a Inglaterra, representando o mundo moderno e dinâmico do norte; de outro, temos o universo estático da aldeia, que parece ter parado no tempo, e que é personificado pelo avô do narrador, tendo como satélites, os moradores da aldeia, que evidenciam, para o narrador e para o leitor, o conservadorismo de costumes e de crenças, que aumentam o contraste entre o norte e o sul e que o colonialismo não conseguiu apagar. Ao mesmo tempo, que o narrador quer marcar, que essas posições de contraste parecem bastante definidas e opostas, conforme a narrativa avança e na torrente das emoções que se misturam, as posições se desestabilizam principalmente no que se refere aos estereótipos construídos a respeito do colonizado, no caso aquele que saiu de seu lugar de origem, para aprender com aquele que o domina, como forma de ser teoricamente assimilado pela cultura dominante e que, veremos, fará movimento totalmente oposto, desestabilizando a estrutura preestabelecida.

Dentre todos os aspectos, que poderiam ter sido escolhidos, para nortear à narrativa e abordar às consequências do domínio colonial no país, foi enfatizado o aspecto da educação, do conhecimento, que pontuará de forma decisiva a vida dos dois personagens do romance.

Além disso, a escolha desse discurso promoverá à crítica aos métodos coloniais e pós-coloniais adotados no país. O discurso do conhecimento, focalizado na educação, pode ser encarado como a forma utilizada pelo colonizador para “salvar” o colonizado de sua ignorância, provincianismo ou de uma consciência que esse pensava ter, mas que para o colonizador seria algo sem valor comparado com o que é oferecido por ele.

Essa ideia pode ser ilustrada com uma imagem presente na narrativa de Mustafa Said: ao se lembrar de como teve a chance de poder estudar em uma escola, já que em sua aldeia não havia uma, Mustafa recorda-se da imagem de um homem a cavalo, que oferece o conhecimento, que o povo da aldeia não tem e que fará com que o futuro dele fosse próspero e civilizado. “Quando crescer e sair da escola e se tornar um funcionário do governo, usará um chapéu como esse” (SALIH, 2004, p. 23), disse o homem ao pequeno Mustafa. Discurso que, visto como “o grande mal do exército da ocupação” (SALIH, 2004, p.22), segundo os colonizados, será reforçado na narrativa de Mustafa Said.

A intenção de oferecer ao colonizado o que ele não tem segundo Homi K. Bhabha (1998), é uma das estratégias mais ardilosas do discurso colonial, pois o que ele denomina como mímica, o “desejo do outro reformado, reconhecível como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente” (BHABHA, 1998, p. 130), seria o discurso da inclusão – nesse caso, conseguida com o acesso à educação. Uma inclusão ilusória que estabelece seus limites de abrangência. Segundo Bhabha:

A mímica emerge como representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa. A mímica é, assim, o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do outro ao visualizar o poder. A mímica também é o signo do inapropriado, porém uma diferença ou recalitrância que ordena a função estratégica dominante do poder colonial, intensifica a vigilância e coloca uma ameaça imanente tanto para os saberes “normalizados” quanto para os poderes disciplinares. (BHABHA, 1998, p.130).

Quando o colonizador oferece a educação, não seria com o intuito de possibilitar ao colonizado uma ferramenta para a reflexão crítica a respeito de sua condição, mas como forma de dominação, sem permitir que aquilo se volte contra ele. É uma maneira de mostrar até onde o colonizado pode chegar com o que lhe é oferecido pelo colonizador a seu serviço. É o que ocorre na aldeia onde se passa a ação do livro. Sem opções para o desenvolvimento intelectual, um morador pode, no máximo, ter um posto de funcionário público. Essa situação é contrastante com o discurso de Mustafa Said sobre a educação apresentada na epígrafe. A maior consequência a ser evitada, nesse caso, é a liberdade.

Essa liberdade seria o momento em que o colonizado subverte o objetivo do colonizador, ao tomar as rédeas de seu destino e subvertê-lo. Nessa narrativa, Mustafa Said personifica essa liberdade levada às últimas consequências. Ele reflete o legado do colonialismo – não por coincidência, o ano de nascimento da personagem, 1898, é o mesmo ano em que o Sudão é declarado como colônia inglesa –, apresentando-se como produto da colonização, ao se apropriar da cultura ocidental e até, em certa medida, de seu espírito.

O debate sobre conhecimento e educação traz como centro à discussão sobre a literatura, sempre citada ao longo da narrativa, que é um dos pontos de tensão entre os dois personagens. O papel do conhecimento, da possibilidade de ascensão e de positividade atribuída a ela está presente no discurso do narrador. A forma como esse debate se desenvolverá, terá consequências e visões distintas, para cada um dos personagens. O narrador é sempre questionado sobre sua opção por estudar literatura, quando poderia ter estudado uma ciência, que ajudaria de forma imediata sua aldeia: “Aqui nós não precisamos de poesia. Se tivesse estudado agronomia, engenharia ou medicina, teria sido melhor.” (SALIH, 2004, p. 12). A ele, mais de uma vez ao longo da narrativa, é atribuído à imaginação sem limites, referência às “asas da imaginação”, que é a característica atribuída aos poetas. É tão importante a perspectiva da literatura, que o narrador diferencia sua vida e a de Mustafa com base em gêneros literários. O seu seria a comédia e o de Mustafa, que teria transformado sua vida numa grande obra literária, seria a tragédia, na qual desempenharia o papel principal e articularia o destino dos demais, arrastando o destino de toda uma aldeia à tragédia. Não é aleatória a comparação de Mustafa Said a Otelo, personagem da tragédia de Shakespeare, em muitos momentos da narração.

2 Os mímicos

Diante do que foi apresentado, podemos traçar os dois perfis dos personagens centrais: o narrador e Mustafa Said.

A narrativa se inicia com a volta do narrador a sua aldeia, que se saberá, não possui escolas, nem hospitais, ostentando o título de doutor em literatura, o que o faz, em sua concepção, um homem importante para a sua gente, pois nele era projetado o símbolo da modernidade, uma vez que, almejava cargos no governo e migrou para o norte com esse objetivo. Essa trajetória corresponde ao que Bhabha coloca como estratégia ardilosa dos colonizadores, que produzem um mímico, educado pela “escola inglesa [...] para formar um corpo de tradutores e ser empregado em diferentes setores de Trabalho” (BHABHA, 1998, p. 132), citando às palavras de um educador missionário, de 1919. Oferta que foi feita também a

Mustafa, quando de seu primeiro encontro com um inglês, como já comentado. Essa estratégia ardilosa pode ser tomada como uma forma de transformar o local e colocá-lo a serviço do colonizador, sem que este esteja presente na colônia, como se oferecesse a oportunidade de “liberdade” a tal povo. No entanto, o colonizador apenas substitui sua presença por elites locais, que agem conforme seus princípios, regulando assim, a disciplina da colônia e se apropriando, criando mecanismos de dependência em relação ao colonizador que pode chegar a oferecer uma falsa independência, observada ao longo da narrativa, tanto no discurso do colonizador, quanto no do colonizado.

O narrador reforça, ao longo da narrativa, que a posição de mímico, que coube a ele, nunca foi sua escolha pessoal. Podemos atribuir a esse fator, sua perspectiva, que poderíamos chamar de ingênua, em relação ao discurso colonialista. Ao se questionar se tudo o que ocorreu na aldeia, sua estagnação no tempo e a tragédia que se anuncia e se concretiza na personagem de Mustafa, seria culpa da vinda dos ingleses para sua terra. Percebemos ao longo da narrativa, que, inicialmente, o narrador não se enxergava como um mímico do discurso colonial, o que para Bhabha: “o desejo de emergir como autêntico através da mímica – através de um processo de escrita e repetição – é a ironia extrema da representação parcial.” (BHABHA, 1998, p. 133).

O narrador, a certa altura, afirma que um dia o domínio terminaria e os ingleses iriam embora, deixando sua língua, obras, e tudo voltaria a ser como era. Ele não consegue avaliar quais as consequências advindas da colonização, até sua busca pelo entendimento de quem é Mustafa Said. Em outros momentos do romance, chega a promover uma comparação entre os europeus e o povo de sua aldeia, afirmando que seriam iguais, respondendo às perguntas feitas pelas pessoas da comunidade, quando, na verdade, há a diferença, imposta pelo colonizador, como um processo de recusa. Esquece-se de que esse processo, produziu pessoas como ele e Mustafa Said e, contraditoriamente, admite, quando reflete sobre um possível fim do domínio inglês: “Seremos de novo como éramos, pessoas comuns; podemos até ser mentiras, mas seremos mentiras fabricadas por nós mesmos” (SALIH, 2004, p. 49). Mas, na verdade, não seriam fabricados pelos colonialistas? Coloca-se como igual aos moradores de sua aldeia, contradizendo o discurso apresentado, desde o início do romance, de ser um elemento diferente da maneira estática em que vivia o povo da aldeia. Não percebe, que ele participa do jogo do colonizador, para permanecer presente na colônia, que é a elite mantenedora do discurso colonialista. Essa contradição se materializa em sua função como funcionário do ministério da educação: participa da discussão de projetos pedagógicos que sequer podem ser implantados em sua aldeia, pelo fato de nela não existirem escolas.

No outro extremo, temos Mustafa Said. Foi-lhe oferecido pelo colonizador a oportunidade da educação e ele escolhe segui-la. Agarrou-se a esse propósito como sua única possibilidade. Segundo o próprio Mustafa, essa foi sua primeira escolha, ao contrário do que ocorreu com o narrador, que nunca havia feito escolhas. Conseguiu tudo o que queria com a educação oferecida pelos colonizadores, até se tornar “um homem nobre cuja mente foi capaz de assimilar a civilização ocidental” (SALIH, 2004, p. 34). Tornou-se um brilhante economista de prestígio, alcançando o magistério, de forma precoce, em uma universidade da Inglaterra, reconhecimento acadêmico entre seus pares que, em muitos momentos, o caracterizam como “o inglês negro”, ou era exibido como um objeto pelos aristocratas dos anos 1920 e 1930, como forma de atestarem o quanto eram liberais, como se dissessem: “Esse homem africano é como a gente” (SALIH, 2004, p. 57). Mas não se contentou em apenas ser uma mímica educada pela escola inglesa e voltar a sua terra, como ocorreu com o narrador. Aí está o ponto de tensão entre as trajetórias e a diferença na relação dos dois com o discurso colonialista.

Edward W. Said, em *Orientalismo* (2007), apresenta leitura de Arthur James Balfour, primeiro ministro inglês no período de 1902 a 1905, sobre a postura do colonizador, no exemplo da influência da Inglaterra sobre o Egito. Para Balfour, segundo Said:

Ter esse conhecimento de tal objeto [o colonizado] é dominá-lo, ter autoridade sobre ele. E a autoridade nesse ponto significa que “nós” [os ingleses] devemos negar autonomia a “ele” [o colonizado, no caso, o Egito] porque o conhecemos e ele existe, num certo sentido, *assim como* o conhecemos”. (SAID, 2007, p. 63, grifo do autor).

Essa postura reafirma o ponto de vista, apresentado por Mustafa ao longo da narrativa, o de que o colonizador, por mais que apresente como possibilidade de ascensão por meio da educação como forma de torná-lo um “igual”, apenas age com o objetivo de negar a autonomia do colonizado, por meio de seu projeto de dominação, pois eles seriam uma “raça subjugada, dominada por uma raça que os conhece e sabe o que é bom para eles mais e melhor do que poderiam possivelmente saber eles próprios.” (SAID, 2007, p. 66) Assim, Mustafa se coloca como o ponto fora desse projeto, desestabilizando a dinâmica do colonizador em relação ao colonizado.

Mustafa se apresenta como a ameaça à estratégia desenvolvida pelo colonizador, por meio da mímica, que desestabiliza a autoridade do discurso colonialista utilizando-se dele, percebendo suas falhas, oferecendo a eles o que esperam de um colonizado. Ele se coloca como o acadêmico prodígio, o economista liberal, e ao mesmo tempo um sedutor de mulheres, que se encantam pelo estereótipo do africano exótico e são arrastadas para a tragédia, que é intrínseca a Mustafa, levando-as ao suicídio. Tanto que na ocasião de seu julgamento, no qual é condenado

como responsável pelo suicídio de várias mulheres inglesas e pelo homicídio de sua esposa, em determinado momento, ele se denomina como colonizador, como intruso, que estava sendo julgado. Ele une a presença parcial do colonizador e o que este projeta do que seria o colonizado e seus estereótipos, articulando a diferença cultural e histórica que ameaça a autoridade colonial. É o rompimento desse discurso, quando a mímica passa de semelhança à ameaça. Enquanto o colonizado está dentro do esquema da escola inglesa, como o que ocorre com o narrador, há a servidão e não a ameaça ao esquema exposto. Bhabha aborda esse processo, ao tratar do que seriam os “maus exemplos” de imitação colonial. Logo:

[...] excesso ou o deslizamento produzido pela *ambivalência* da mímica (quase o mesmo, *mas não exatamente*) não apenas “rompe” o discurso, mas se transforma em uma incerteza que fixa o sujeito colonial como uma presença “parcial”. [...] É como se a própria emergência do colonial dependesse para sua representação de alguma limitação ou proibição estratégica *dentro* do próprio discurso autorizado. O sucesso da apropriação cultural depende de uma proliferação de objetos inapropriados que garantem seu fracasso estratégico, de tal modo que a mímica passa a ser simultaneamente semelhança e ameaça. (BHABHA, 1998, p. 131).

Quando o colonizado foge à regra, como o que ocorreu com Mustafa, e “ameaça a demanda narcísica da autoridade colonial” (BHABHA, 1998, p. 134), há o risco ao equilíbrio do sistema, que antes o acolheu como um dos seus, em um discurso falso da inclusão, mantendo a diferença, que era conhecida, mas ocultada, até que essa diferença se sobrepusesse, ameaçando o sistema, fazendo com que o discurso polido dos chamados liberais fosse desmascarado, mostrando que, mesmo se adaptando às várias máscaras, nunca seria um deles, ao contrário do que acreditava o narrador, ao afirmar que os europeus seriam iguais a ele.

Mustafa não foi somente um filho inglês, ele se fez intelectualmente como eles e foi à representação da visão, que os colonizadores têm dos orientais. A integração entre o real e o fictício por meio de suas máscaras e a interpretação da tragédia. Essa postura do colonizador e sua real visão sobre o colonizado são analisadas por Edward W. Said, em *Orientalismo*. Em sua análise, observa que, para o colonizador:

o oriental é sempre o culpado. O crime era o oriental ser oriental, e um sinal acurado de como essa tautologia era comumente aceitável consiste no fato de que podia ser escrita sem nenhum apelo à lógica ou à simetria mental do europeu. [...] O oriental é irracional, depravado, infantil, “diferente”; o europeu é racional, virtuoso, maduro, “normal”. [...] Na linguagem de Balfour [primeiro ministro inglês] o oriental é algo que se julga (como num tribunal), algo que se estuda e descreve (como num currículo), algo que se disciplina (como numa escola ou prisão), algo que se ilustra (como num manual de zoologia). (SAID, 2007, p. 72-73).

Observamos, assim, que Mustafa tinha a visão real de como era visto e falsamente aceito por aqueles que se denominavam como seus pares, enquanto lhes era conveniente. Mustafa é a representação do que Homi Bhabha denomina como *metonímia da presença*, que seria o objetivo estratégico da mímica colonial. Seria produção *não-repressiva* de crença múltipla e contraditória:

Na mímica, a apresentação da identidade e do sentido é rearticulada ao longo do eixo da metonímia. Como lembra Lacan, a mímica é, como a camuflagem, não uma harmonização ou repressão da diferença, mas uma forma de semelhança que difere da presença e a defende, expondo-a em parte metonimicamente. Sua ameaça, eu acrescentaria, vem da prodigiosa e estratégica produção de efeitos de identidade conflituosos, fantásticos e discriminatórios, num jogo de um poder que é ilusivo porque não esconde nenhuma essência nenhum “si próprio”. (BHABHA, 1998, p. 135-136).

Interessante notar, a partir das observações de Bhabha, que o próprio Mustafa e os ingleses com quem ele convivia, quando de sua vivência na Inglaterra, o denominam ao longo da narrativa como o “inglês negro”. Uma representação anômala do colonizado, múltiplo, mas sem nenhuma essência, nenhum si próprio, como, muitas vezes, Mustafa insiste em se caracterizar, como um ser vazio, que apenas troca de máscaras, como forma de adaptação às suas escolhas, o que o torna uma ameaça, pois “a ameaça vem da produção de efeitos de identidade conflituosa, fantástica e discriminatória num jogo de poder que é elusivo porque não esconde nenhuma essência, nenhum si próprio” (BHABHA, 1998, p. 136). Como lidar com esse ser que não possui um si próprio? Esse é o ponto de tensão que torna a personagem Mustafa Said uma incógnita para o narrador e para os leitores.

Mustafa pode ser considerado uma incógnita devido a sua natureza. Não se trata de um homem provido de sentimentos, pois, desde o início de sua narrativa, se descreve como um homem que é vazio e se adapta a diversos conteúdos, utilizando diversas máscaras de sua coleção, herdadas de sua mãe, o que explicaria seu trânsito tanto na alta sociedade intelectual inglesa, quanto na mais simples aldeia do Sudão, sem que ninguém o questionasse sobre seu passado. Insiste ao longo de sua narrativa que sua vida era uma mentira, como se cada personagem que encarnava, para conquistar suas presas, em sua busca pelo prazer, mostrasse sua incapacidade de ser Mustafa Said. Por conta disso, classifica-se como uma mentira. Podemos inferir que, inclusive, sua carreira acadêmica e até sua migração para a aldeia, depois de sete anos de prisão, são personagens que foram representados em um grande espetáculo trágico. Personagem bem interpretado, pois consegue ludibriar o narrador, que descarta a hipótese de o forasteiro ser um assassino, pois para ele “a violência deixava marcas indeléveis

no rosto” (SALIH, 2004, p.19). O que acaba por mostrar, que não considerava o colonialismo uma das formas mais violentas criadas pelo homem. Eram apenas papéis em uma grande tragédia, na qual todos foram atingidos, pelo germe do mal que Mustafa Said dizia carregar.

O poder de adaptação e transformação é atribuído ao longo da narrativa a sua capacidade racional, sua inteligência que abriu portas não só no âmbito intelectual – por meio do qual é inserido no campo acadêmico e social dos ingleses e aceito pelos liberais –, como no campo sentimental – no qual adota vários personagens, sempre deixando em evidência carregada, quase caricatural, sua origem, utilizando apenas o estereótipo do que o europeu imagina que seja o colonizado para realizar suas conquistas sexuais. Esse ponto em que Mustafa não esconde sua essência oriental é a que ele explora, como arma para fazer suas presas e disseminar a desgraça, que percorre todo o romance, como um germe do mal atribuído à colonização que infectou, segundo ele, há mais de mil anos o continente, trazendo a violência:

A primeira vez que os navios rasgaram as águas do Nilo, vieram carregados de canhões, não de pão, e as ferrovias foram construídas, na verdade para transportar tropas. Ergueram escolas para nos ensinar a dizer ‘sim’ em sua língua. Trouxeram-nos o maior germe da violência Europeia que o mundo nunca testemunhou igual, nem em Somme, nem em Verdum. O germe de um mal mortal que os infectou há mais de mil anos. (SALIH, 2004, p. 89).

Temos então, duas percepções do processo colonialista e duas formas de mímica do colonizador, aquele que procurou se harmonizar à condição, sem amá-lo ou odiá-lo, e aquele que se camuflou ao longo do romance, promovendo uma ruptura no discurso do colonizador. Mas haveria somente esses dois caminhos para o colonizado? Além deles, há ainda o caminho do que fica na aldeia, que no romance é apresentado na personagem de Mahjub, que é contrastante com os dois já apresentados, que teve as mesmas oportunidades para migrar, mas resolveu permanecer na aldeia e participar da história com outros atos, tornando-se líder da comunidade, para promover ações ao alcance de suas possibilidades, e acaba mostrando, por exemplo, a seu amigo que migrou, que conseguiu se tornar um alto funcionário público, que a necessidade não estava em gestos grandiosos, mas em coisas simples, como já havia sido pontuado por Mustafa Said ao longo da narrativa.

Mahjub tem a noção de que a situação da aldeia mudaria apenas quando um como ele tomasse o poder, o que seria impossível diante da engrenagem montada há anos pelo sistema colonialista e mantido pelas elites locais. Ele, de forma bastante didática e combativa, mostra para seu amigo, o narrador, que antes de pensar em uma unificação do ensino, como pensa o alto escalão do governo, que não sabe da realidade da totalidade da região, seria necessária a construção de escolas. Antes mesmo dessa colocação, há várias outras que giram em torno do

mesmo princípio, apresentadas por Mustafa Said, que considera o avô do narrador como símbolo dessa simplicidade ou resistência utópica. Mas seria esta simplicidade algo tão perfeito? Não seria também um projeto falido?

Nos momentos em que são descritos os costumes da aldeia, percebe-se a intenção do contraste entre a tradição e o moderno, que mostra a fragilidade dessa resistência, quando ocorre a tragédia de Hosna – viúva de Mustafa – e Wad-Irrays, consequência da atitude de fazer cumprir a tradição da aldeia, de que uma mulher deve satisfazer o desejo de um homem, inclusive cansando-se contra sua vontade, o que faz com que o símbolo dessa resistência, o avô, também seja abatido com a desgraça. A falência da tradição se dá, de forma indireta, pela modernização, já que o germe devastador presente em Mustafa Said, continua a fazer vítimas.

3 Conclusão

O que se pode supor é que não é possível haver um caminho totalmente perfeito, ou que se possa celebrar uma das possibilidades. Como se o germe que estava inoculado em Mustafa Said, uma gota apenas, já houvesse contaminado a todos. O narrador se coloca observando dois extremos, questionando-se se seria uma farsa como Mustafa, mas chega à conclusão de que havia convivido com o colonizador sem amá-lo ou odiá-lo, apenas como um mímico da escola inglesa. Ao mesmo tempo, também está diante da tradição, na qual, ao final, não acha mais lugar para si, contradizendo o que havia afirmado, que fazia parte daquele local, o que o diferenciaria de Mustafa Said. Por nunca ter feito escolhas, tem que chegar ao limite, para saber ou não quem é.

Talvez o objetivo de Mustafa Said fosse mostrar ao narrador as consequências da colonização, que seria a história de sua vida, ironicamente um livro encontrado em branco, apenas com a dedicatória significativa: “Àqueles que enxergam com um olho só e falam uma única língua. Àqueles que vêem as coisas pretas ou brancas, orientais ou ocidentais (SALIH, 2004, p. 137), cabendo ao narrador, completá-la ou não.

Ao final do romance, quando o narrador se vê diante da escolha entre a vida e a morte, escolhe pela vida. Utiliza-se dessa escolha como forma de se contrapor diametralmente a Mustafa Said, que opta pela segunda. A narrativa construída indica algumas transformações do ponto de vista desse narrador sobre muitas questões essenciais, como o colonialismo e suas consequências, a tradição *versus* o moderno, seu lugar enquanto mímico de um sistema, possibilitando sua primeira escolha significativa, após um longo processo de busca obsessiva, a respeito de uma personagem e sua trajetória entrelaçada ao processo colonial e suas

consequências devastadoras. Independentemente desse processo descrito pelo narrador, o que reverbera da obra é a violência perpetuada pelo processo colonizador na África, que permanece como um germe que deixa marcas indeléveis.

Referências

BHABHA, Romi K. “Da mímica e do homem. A ambivalência do discurso colonial”. **O local da cultura**. Tradução Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALIH, Tayeb. **Tempo de migrar para o norte**. Tradução Safa Abou-Chahla Jubran. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

SHAKESPEARE, William. **Otelo**. Tradução Laurence Flores Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BETWEEN NORTH AND SOUTH. TWO MIGRATIONAL EXPERIENCES IN SEASON OF MIGRATING TO THE NORTH BY TAYEB SALIH

Abstract

In *Season of Migrating to the North* (1966), Tayeb Salih presents the narrative of two destinies connected to one another by the migrational movement resulting from the British colonization in Sudan: Mustafa Said's destiny and the romance narrator's destiny, who is not named. These are very opposed migrational experiences with tragic outcomes, not just from a standpoint of the characters' analysis, but also for understanding the colonization process that caused deep and devastating scars in the colony. The selected cutout for this analysis is based on exploring the migrational experiences narrated by both characters, focusing on the metonymy of presence, presented by Homi K. Bhabha, which leads us to reflect about the British colonialism – in this analysis specifically the colonialism in Sudan, considering the cutout established here – and its consequences.

Keywords

Migration. Colonialism. Post-colonialism. Arabic literature.

Recebido em: 12/11/2019
Aprovado em: 07/01/2020

Literatura e imprensa árabe: *experiência migratória Sírio- Libanesa no Brasil*

Luíza Salgado Mazzola⁴⁸

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Sheila Cristina dos Santos⁴⁹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo

O artigo objetiva apresentar a relação estabelecida entre o Brasil e o Oriente Médio no final do século XIX e no início do século XX, no que tange à produção literária dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil. Sabe-se que o Brasil recebeu um influxo considerável de imigrantes de diversos países e culturas distintas desde a chegada dos portugueses em 1500. Dentre as culturas que aqui encontraram um segundo lar, destacamos a árabe, que aportou no Brasil a partir do final do século XIX, com a chegada dos imigrantes sírios e libaneses. Uma das manifestações dessa cultura no país foi a produção de livros, revistas e jornais em árabe, ou em árabe e português, produção marcada pela experiência dupla do imigrante, que tentava preservar a cultura de seu país de origem em meio a um ambiente cultural distinto ao mesmo tempo em que buscava se adaptar à cultura na qual se encontrava imerso. Tomando a viagem de Dom Pedro II ao Oriente como ponto de partida, nosso objetivo é caracterizar a produção literária árabe no Brasil como a materialização de um prolongamento motivado pela imigração.

Palavras-chave

Imigração Sírio-libanesa. Dom Pedro II. Literatura árabe.

⁴⁸ Doutoranda em Literatura no PPGLit (UFSC) e bolsista FAPESC

⁴⁹ Doutoranda em Estudos da Tradução na Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) e bolsista CAPES

Introdução

Ao longo do século XIX imigrantes de diversas partes do mundo encontraram, no Brasil, terreno fértil para a implantação de suas respectivas culturas. O país, embora maciçamente colonizado por portugueses, recebeu uma importante massa migratória, composta por europeus, asiáticos, africanos e orientais. A vinda desses povos se deu em contextos bastante distintos: os negros foram traficados do continente africano para serem vendidos e escravizados no Brasil e posteriormente foram substituídos pela mão de obra de imigrantes italianos e alemães, que buscavam refúgio da guerra que ocorria em seus respectivos países. A escravidão no Brasil e a imigração italiana e alemã são temas largamente explorados em livros de História e trabalhos acadêmicos. No entanto, existem outras massas migratórias recebidas pelo país que, apesar de numerosas, têm menos visibilidade histórica. Entre elas, citamos a comunidade árabe (sírio-libanesa, especificamente) que se estabeleceu no Brasil no final do século XIX e no início do século XX.

Considerando-se que cada grupo migratório tem características muito particulares, de acordo com o contexto social, econômico e político do mundo em um dado momento, a imigração árabe para o Brasil foi motivada, majoritariamente, pela perseguição aos sírios e libaneses cristãos por parte do Império Turco-Otomano. Sendo forçados a deixar seus países por temerem pelas próprias vidas, esses imigrantes encontraram asilo no Brasil, que estava, ao final do século XIX, em um momento de transição política da monarquia para a República.

Ao encontrar no Brasil um cenário mais livre de repressão religiosa e política, e com uma mistura cultural tão rica quanto a encontrada em sua terra natal, os imigrantes sírios e libaneses tiveram a oportunidade de cultivar a própria cultura no país, ao mesmo tempo em que se esforçaram para se adaptar à nova cultura. Esse processo se traduziu na produção de literatura em diversos formatos, como livros, revistas, jornais e periódicos, muitos deles bilíngues, e que constituem uma tentativa desses povos de preservar sua identidade cultural enquanto buscavam ser acolhidos no novo país.

1 Brasil, Líbano e Síria nos séculos XIX e XX

No último quarto do século XIX, o Brasil passava por um período marcado por discussões acaloradas sobre a abolição da escravidão e tendências favoráveis ao estabelecimento de uma República, ambas ancoradas em princípios oriundos da filosofia

iluminista europeia, da qual era partidário o Marquês de Pombal, que "influenciou fortemente a elite dirigente portuguesa", como coloca Tarcísio Botelho (2005, p. 67-68). A economia brasileira tinha como principal fomento a produção de café, na região Sudeste, e de açúcar, na região Nordeste do país, ambas as produções crescendo à base de mão de obra escrava, enquanto no Norte do país era a extração da borracha que vivia uma fase de ascensão (BOTELHO, 2005, p. 70-72).

É nesse cenário que chegam ao Brasil os primeiros imigrantes sírios e libaneses, saídos de suas terras natais no fim do século por conta de questões religiosas, mas também políticas e econômicas. Os projetos imperialistas de conquista de países ocidentais como França e Inglaterra contra os países orientais causaram impacto nessas sociedades. No Líbano e na Síria, por exemplo, que estavam, à época, sob domínio do Império Otomano, esses ímpetus expansionistas fizeram com que os governantes turcos tomassem medidas mais rígidas contra os cristãos. Inicia-se, então, um período repleto de disputas religiosas, marcado por massacres como a chacina de libaneses cristãos em 1861. Durante esse período, a religião exerceu socialmente o papel do Estado, ultrapassando sua natureza individual e espiritual e afetando diretamente a parcela cristã dessa sociedade. Massacres de cristãos libaneses e sírios tornaram-se recorrentes, e a segregação religiosa obrigou diversas famílias a deixar seus países, muitas das quais vieram ao Brasil.

Além da experiência agrícola adquirida na terra de origem, os imigrantes sírios também praticavam, em solo brasileiro, o comércio fixo e o comércio itinerante. As principais manufaturas produzidas na Síria durante o século XIX eram artigos de prata, sapatos de couro, tecidos, como seda e algodão, e artigos para montaria (GASKIN, 1846, p. 33). Essa foi, portanto, uma das principais atividades desenvolvidas quando esses imigrantes chegaram ao solo brasileiro, o comércio de manufaturas como as citadas, além de artigos para costura e outros objetos que os sírios mascateavam, tanto nas capitais quanto no interior rural (FRANCISCO; LAMARÃO, 2013, p. 257-258).

A república do Líbano, por sua vez, era um país constituído por uma miscelânea cultural. Entre os grupos étnicos que compartilhavam esse território, podemos citar árabes, armênios, curdos, palestinos e sírios. Além das diferentes etnias, esses grupos também praticavam religiões distintas: islâmica, cristã ortodoxa, cristã católica, entre outros. Essa população partilhava um território de 10.400 km², cuja geografia acidentada refreou o desenvolvimento da pecuária e da agricultura, fazendo com que o comércio prevalecesse como principal atividade local durante séculos (JUNQUEIRA; AMORIM, 2011, p. 183), assim como ocorria com o povo sírio. O país tem a cidade de Beirute como capital e o árabe como língua

oficial, todavia, pode-se escutar nas ruas das cidades do Líbano o inglês, o francês (ensinado em muitas escolas) e também o armênio. Diferentemente de muitos países árabes, o Líbano manteve uma relação frutífera com o Ocidente por muitos séculos, e essas relações ficaram ainda mais intensas no período da expedição Napoleônica ao Egito e à Síria e com a corrida imperialista do século XIX. Segundo Sismondini:

O Líbano sempre foi apresentado pela Europa como o campeão da francofonia, forma linguística que conquistou um espaço próprio num território essencialmente de língua árabe e que foi a escolhida por diversos autores locais como forma de expressão, tornando-se assim, uma ponte cultural entre o Ocidente e o Oriente. (2017, p. 15).

Essas trocas culturais tiveram um grande impacto nas produções intelectuais desse país. Ainda que as produções literárias árabes sejam datadas de séculos antes (SAID, 2007, p. 59), esse período permitiu, sobretudo através das traduções, que os países do oriente tivessem acesso ao que se produzia na Europa e vice-versa. A imprensa foi um dos meios de comunicação que sofreu uma ascensão nesse momento da corrida imperialista, já que, de acordo com Hourani (2003), quase não se tinha uma imprensa árabe constituída antes do século XIX. Ela surgiu, floresceu e se espalhou ao longo do século XIX, nas cidades do Cairo e em Beirute, cidades que continuariam sendo os principais polos editoriais, e que, com suas missões e escolas governamentais, constituíram um público leitor expressivo.

Nessa época, os periódicos e os jornais tinham uma importância mais pronunciada do que os livros. Entre os anos de 1860 e 1870, os periódicos abordavam temas como cultura, ciência e tecnologia no Ocidente. Essas produções impressas permitiram que muitos dos imigrantes que chegaram ao Brasil mantivessem contato com sua cultura e que também continuassem com essa produção em solo brasileiro. Embora esses dois povos tenham atuado em áreas distintas no Brasil (a literatura síria tem menos expressão do que a libanesa), não podemos descartar o impacto cultural e econômico que os sírios trouxeram para o país.

Júlio Francisco e Sérgio Lamarão (2013, p. 257) trazem uma estimativa de que aproximadamente 100 mil imigrantes provenientes da Síria e do Líbano teriam ingressado no Brasil desde as últimas décadas do século XIX até o começo da Segunda Guerra Mundial em 1939. Em 1920, por exemplo, o censo registrou cerca de 50 mil imigrantes sírios e libaneses vivendo em terras brasileiras. Desses, quase 20 mil habitavam o estado de São Paulo, 10 mil o estado do Rio de Janeiro, e quase 9 mil em Minas Gerais (FRANCISCO; LAMARÃO, 2013, p. 257). É a partir dessa aproximação entre Oriente e Ocidente, representados por Líbano, Síria e Brasil, que podemos analisar a produção literária árabe no país latino-americano.

2 O olhar ocidental para o oriente

O orientalismo é um termo genérico cunhado por intelectuais europeus, intensamente discutido e difundido nos séculos XVIII e XIX, e é utilizado para definir um conjunto de culturas e povos de regiões geográficas que englobam o Oriente Médio, parte do continente africano e o Extremo Oriente. Esse termo é aplicado de forma generalizada para denominar essas regiões, ignorando todas as diferenças culturais que ali existem: religião, línguas, vestuário, hábitos alimentares e culturais, etnicidade, estruturas políticas e a própria organização social. Nas palavras de Edward Said (2007, p. 27) “o orientalismo é um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia.”

Um dos pontos incontornáveis sobre o orientalismo é justamente a obra de Edward W. Said, *Orientalism*, publicada pela primeira vez em 1978. O autor demonstra, a partir do orientalismo francês e inglês, o quanto a visão ocidental do Oriente se baseava em uma construção ficcionalizada. Em outras palavras, tratava-se de um Oriente idealizado: exótico, repleto de paisagens encantadas e mistérios (MAFRA; STALLAERT, 2016, p. 150). Esse discurso manufaturado de que falam os autores fazia com que o olhar europeu para o Oriente fosse, essencialmente, uma ficção sobre o Outro, uma criação romanesca que caracterizava o Oriente como uma terra a ser civilizada e o Ocidente como um território de superioridade civilizacional. Foram essas imagens construídas ao longo dos anos que contribuíram para o que Said (2007, p. 11) define como “a invenção do Oriente por parte do Ocidente”.

Lília Schwarcz (1998, p. 58) aponta que, após o início da colonização intensiva das Américas, houve uma duplicação dessa visão europeia do Oriente. O Brasil era também retratado como uma terra exótica e misteriosa. Essa visão do país como um sonho tropical e mágico era veiculada na literatura de viagem consumida na França, que retratava as matas, o mar e as paisagens como lugares paradisíacos, repletos de belezas ímpares. De certa forma, o Brasil sofria a mesma idealização do olhar europeu de que o Oriente também foi alvo, um retrato míope como o que Said criticava no orientalismo inglês e francês.

A obra de Said foi bastante criticada por excluir de sua análise o orientalismo germânico e por uniformizar o termo "Oriente", limitando-o à região que chamamos de Oriente Médio e ignorando outras regiões do Oriente, como o norte da África e parte do Egito, conforme Adriano Mafra (2015, p. 97). No entanto, a importância dessa obra reside justamente no debate que se sucedeu, que questionava o viés europeu (inglês e francês) dos estudos orientalistas, realizados sob o prisma do imperialismo e da dominação do Outro, visto como *incivilizado*. O

debate apontou o quanto o estudo do Oriente em suas particularidades se tornava uma necessidade premente, e é no século XIX que o orientalismo começa a emergir sob novos contornos, nos moldes do orientalismo germânico, que buscava "compreender o Oriente ao invés de invadi-lo" (MAFRA, 2015, p. 98).

Os espanhóis e portugueses seguiam, de certa forma, a mesma linha do orientalismo germânico, o que se deve, segundo Mafra (2015, p. 98), à intimidade criada entre a cultura ibérica e a cultura árabe depois de oito séculos de dominação dos mouros na região. Essa relação de imbricação cultural desembarca no Brasil, com a chegada maciça dos portugueses à América Latina no início do século XIX, na ocasião em que a família real portuguesa escapava das invasões napoleônicas que ocorriam na Europa. Estando a ideia de uma sociedade multicultural imbricada no imaginário português, o orientalismo ibero-brasileiro se caracteriza por ser mais assimilador e menos dominador (MAFRA, 2015, p. 100-101).

É justamente esse orientalismo que influenciará, ainda que de forma indireta, o então governante do Brasil, o Imperador Dom Pedro II. Mafra (2015, p. 120) retrata o monarca como um apreciador da cultura árabe e aponta que D. Pedro II foi o primeiro governante brasileiro a visitar o Oriente Médio e também o único pelos 134 anos seguintes. Sua passagem pela Síria, pela Palestina e pelo Líbano, em 1876, contou com uma comitiva de 200 pessoas, entre elas a Imperatriz D. Teresa Cristina, e foi documentada por ele em seus diários. A inclinação do monarca pelos estudos orientalistas ia além de suas obrigações diplomáticas como governante, visto que conhecia consideravelmente bem a religião muçulmana, a cultura e a língua árabe, como apontam Adriano Mafra e Christiane Stallaert (2016).

Seu orientalismo é definido como ontológico e intelectual, sendo o ontológico o "reflexo do substrato ibérico trazido pelos portugueses, fruto do convívio histórico lusitano com povos de estirpe oriental e cristalizado nos costumes, na arquitetura colonial e na própria língua do império tropical" (MAFRA; STALLAERT, 2016, p. 153). Os autores apontam que o contato entre os povos da Península Ibérica e os árabes durante muitos séculos foi responsável por enraizar, nos povos ibéricos, alguns traços característicos do Oriente Médio. Esse orientalismo inerente à cultura portuguesa implicaria em uma maior abertura ao Outro, um reconhecimento da assimilação cultural ocorrida historicamente. O orientalismo intelectual, por sua vez, se relaciona com a tendência dos intelectuais europeus de estudar o Oriente no século XIX (MAFRA; STALLAERT, 2016, p. 153).

A dedicação do monarca ao orientalismo segue, segundo os mesmos autores, algumas diretrizes importantes. O Brasil vivia o momento histórico conhecido como Segundo Império, recém constituído como uma nação livre do jugo de Portugal e ainda em processo de

formação de uma identidade nacional. Christiane Stallaert e Sergio Romanelli apontam, portanto, o caráter utilitário que o orientalismo de D. Pedro II também tinha, ou seja, o olhar do monarca para o Oriente constituía "um modelo alternativo traçado por D. Pedro II para forjar para o seu próprio império uma identidade nacional, culturalmente autônoma e literariamente original, legitimada no cenário internacional" (STALLAERT; ROMANELLI, 2015, s.p.).

Dentre as evidências do interesse do monarca brasileiro pelo Oriente, citamos as viagens à região, referências a monumentos e construções com influências arquitetônicas árabes reconhecidas por D. Pedro II, tanto no exterior quanto no próprio Rio de Janeiro, e seu aprendizado da língua árabe (e de outras línguas orientais como o hebraico e o sânscrito) e as traduções do árabe para o português que empreendeu. Uma das traduções mais conhecidas de sua autoria é a que realizou das *Mil & Uma Noites* a partir do árabe. Mafra e Stallaert caracterizam o orientalismo do Imperador do Brasil como um orientalismo afastado daquele que se praticava na Europa, já que o monarca não tinha pretensões conquistadoras ou civilizadoras para o Oriente (2016, p. 163). O "orientalismo crioulo" do monarca, de que falam os autores, se dedicava, sobretudo, a conhecer o Outro e a reconhecer influências. Exemplo disso é o estudo linguístico empreendido por D. Pedro II na tentativa de encontrar um parentesco entre o guarani e o sânscrito, outra das línguas orientais que estudou. Ressaltamos que esse tipo de estudo filológico era uma tendência em voga à época, no que tange aos estudos linguísticos: a busca por uma língua-raiz, comum a todas as línguas. O monarca encontra na linguística comparada mais uma ocasião de contato com o Oriente.

Em 1876, D. Pedro II viaja por alguns países do Oriente Médio. Em 14 de novembro do mesmo ano, o Imperador, ao visitar Balbeque no Líbano, deixa seu nome registrado na parede de um dos templos que visita, registrando também a data em que lá esteve (ALCÂNTARA, 1999, s.p.). Em outra entrada que trata de sua visita ao Líbano, D. Pedro II registra informações históricas relacionadas tanto à religião cristã quanto à muçulmana, citando sua visita à casa de Judas onde São Paulo teria se escondido e aos túmulos dos netos de Mafoma (uma das denominações do profeta Maomé), evidenciando a coexistência entre a história de ambas as religiões na região que visitava (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

Em meio a todas as informações que o monarca anota em seus diários sobre a viagem, registra também a perseguição religiosa sofrida pelos cristãos à época, que acabaria por motivar a leva migratória que chegaria ao Brasil anos mais tarde:

enterraram perto [de uma antiga calçada que ia na direção de Jerusalém] os ossos dos cristãos assassinados em 1860. Falam de 4 a 600 [cristãos] e ainda agora passam alguns à noite assustados e temem que a vitória dos Serbas seja motivo para outra

matança. Até querem emigrar para o Brasil segundo ouvi. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

D. Pedro II assim retrata, ainda que de forma resumida e pouco detalhada, o quadro de intolerância religiosa que vivia o Líbano à época, registrando o temor dos cristãos e o desejo já existente de fugir para o Brasil, um cenário que acaba por se concretizar nos anos seguintes. Alguns dias depois, o monarca registra um segundo exemplo da intolerância vivida pelos cristãos. Ao deixar uma cidade de nome ilegível, o Imperador anota, a respeito dos habitantes da mesma: "quando veem um cristão gritam logo *Nasraclutah, Nast Machetah* — Nazareno que vende a mulher; Nazareno de fé mesclada" (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

Ainda no dia 14 de novembro, o Imperador visita um homem de nome Abd-el-Kader, emir dos árabes argelinos que liderou a luta contra os franceses na Argélia, onde é considerado um herói. O emir e o monarca brasileiro conversam e D. Pedro II transmite sua admiração pelos serviços prestados em prol dos cristãos. Abd-el-Kader, por sua vez, presenteia o Imperador com um livro de sua autoria sobre a Síria. Durante os dias que passa no Oriente Médio, o monarca alterna seus passeios com atividades de tradução, em específico dedica-se a traduzir os *Atos dos Apóstolos* do hebraico, outra língua oriental, com o auxílio de seu então mestre de hebraico e sânscrito, o alemão Karl Henning (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

Em seu diário estão presentes referências a personagens e histórias que fazem parte da fé cristã, da muçulmana e da judaica, o que evidencia seu interesse e conhecimento aprofundado de religiões além da própria. Merece destaque também a recepção calorosa que tem o Imperador em Nazaré, no dia 22 de novembro de 1876:

a estrada em Nazaré foi uma das mais notáveis desta viagem. A população acudiu em grande parte fora das portas formando alas e muitos meninos cantando, outros numerosos ocupavam os terraços das casas e as alturas. Os sinos repicavam e as palmeiras balançavam-se por cima da porta da cidade. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

A recepção amigável que teve o monarca no Oriente certamente demonstra, juntamente com outros fatores sociais e políticos, que se havia forjado uma imagem positiva do Brasil no Oriente Médio, o que se refletiria mais tarde na diáspora do povo árabe no fim do século XIX, que adotou o país latino americano como seu novo lar.

3 Imigração e o florescimento da literatura árabe no Brasil

A literatura árabe produzida no Brasil conheceu seu ápice entre o fim do século XIX e o início do século XX. Os imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao país tinham o desejo de preservar a língua árabe, o que se traduziu na produção de livros, jornais e revistas no idioma. Destacamos que a literatura árabe no século XIX foi fortemente influenciada pelo *Nahda*, movimento de renascimento cultural do mundo árabe, que teve como local de surgimento as cidades de Damasco e Beirute. Com a vinda de intelectuais sírios e libaneses ao Brasil, o país se tornou hospedeiro de uma fração dessa produção. Como aponta Guilherme Curi (2015), o Brasil recebe uma grande leva migratória de sírios e libaneses no final do século XIX, motivada por dois fatores: 1) a viagem do Imperador Dom Pedro II ao Oriente Médio em 1876, período em que a imigração árabe para o Brasil se inicia, e; 2) a perseguição do Império Turco-Otomano aos cristãos na região do Levante, que compreende Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre. A Síria e o Líbano fizeram parte do território dominado pelo Império Otomano (GASKIN, 1846, p. 34) até o fim do primeiro quarto do século XX, quando o domínio turco termina e a diáspora árabe começa a se reduzir.

A leva migratória proveniente do Líbano e da Síria era composta por profissionais especializados em trabalhos manuais e comércio, mas uma parcela expressiva desse grupo era composta por pessoas pertencentes à elite intelectual do mundo árabe, indivíduos oriundos de centros de estudo e universidades de renome no Oriente Médio (CURI, 2015, p. 7). Por conta da maior liberdade política e religiosa que encontram no Brasil, o país se torna um terreno fértil para a literatura árabe. Curi aponta que na virada do século XIX para o século XX, o mundo árabe se dividia em três correntes intelectuais distintas: a) a corrente islâmica, antiocidental e anticristã, que preconizava o retorno às origens do Islã; b) a corrente integralista, influenciada pelos ideais franceses de liberdade, igualdade e fraternidade, e mais aberta ao Ocidente e; c) a corrente pan-arabista, de cunho laico e progressista. Esta última foi a que mais se desenvolveu no Brasil, conforme ressalta o autor (2015, p. 8).

Destacamos o caráter ambíguo do processo de imigração apontado por Curi (2015, p. 8, 9), em que há uma ruptura com a cultura de origem e um enfrentamento do Outro, provocando uma desorientação dupla. Combinando o esforço para inserir o imigrante árabe na cultura brasileira da época e a maior liberdade encontrada em território brasileiro, esses intelectuais passam a produzir publicações variadas como uma forma de se reafirmar enquanto comunidade no Brasil. Trata-se de uma literatura de cunho diaspórico, distinta da literatura árabe produzida no Oriente Médio e marcada por uma reformulação da identidade do sujeito sírio-libanês, em que se valoriza tanto o lugar de origem quanto a nova terra.

4 A literatura árabe e seu enxertamento no Brasil

No início do século XIX, a literatura árabe estava em decadência, os escritores, em sua maioria, estavam muito ligados aos modelos antigos de prosa e poesia, pois consideravam que essas formas clássicas que se constituíram no período abássida (750-1258) eram insuperáveis e deviam ser copiadas (VERNET, 1968, p. 167). Com a ascensão da dinastia abássida, em 750, a literatura árabe havia passado por mudanças e novos desenvolvimentos. Segundo Vernet (1968, p. 76), a revolução política abássida influenciou a literatura no sentido de estimular a escola modernista e rejuvenescer a antiga literatura árabe do período pré-islâmico.

De acordo com o mesmo autor (1968), a dinastia abássida instalou seu Califado em Bagdá por volta do ano 750, cidade que se tornaria o berço da literatura árabe. A capital atraía poetas, filósofos e artistas de outras regiões que buscavam liberdade criativa, o que contribuiu para a riqueza das produções artísticas através de um grande intercâmbio cultural árabe. Esse período é conhecido pelo desenvolvimento das artes, letras e ciências. Esses escritores buscavam renovar as antigas tradições literárias indo buscar inspiração nos povos do deserto.

O autor destaca que, apesar de o desenvolvimento da prosa ter começado em conjunto com a expansão do Islã, as narrativas em prosa surgiram de maneira mais sistemática no século IX com as correspondências oficiais e particulares e com os sermões. Outro estilo que se desenvolve no período são as *maqamas*, gênero literário corrente na época e típico da literatura árabe que consiste em uma série de histórias curtas, independentes e que têm como figura central um personagem que tenta ganhar a vida através da trapaça. As *maqamas* narravam histórias e fatos corriqueiros das pessoas que pertenciam a diferentes classes, mas com foco nas classes mais baixas. Um exemplo dessas narrativas é a obra *As mil e uma noites*, que seria traduzida por D. Pedro II séculos mais tarde.

Vernet (1968) aponta a importância desse período para a literatura árabe, pois nele surgiram e se fixaram modelos literários que seguiram sendo copiados por séculos até o momento do que se chamou renascimento árabe ou *al nahda*, no qual os autores rompem com os moldes clássicos do período abássida e passam a reformular as formas tradicionais da literatura árabe e introduzir novos modelos na prosa e poesia. É a partir desse movimento de renascimento da literatura que a produção literária árabe no Brasil tomaria impulso.

Com a chegada de Napoleão ao Egito, em 1797, surge o movimento que propiciou o renascimento cultural árabe, a *Nahda*. Esse movimento, que se iniciou no Egito, buscava renovar a cultura árabe e influenciava tanto as produções artísticas quanto o pensamento

político. A *Nahda* se consolidou enquanto movimento a partir da ocupação inglesa no Egito (1882), quando a elite egípcia começou a entrar em contato com os modelos literários, de imprensa e de produções técnicas que os europeus traziam. Apesar de uma relutância inicial, os intelectuais egípcios aceitaram, ainda que com ressalvas, e se basearam em modelos ocidentais para construir um novo modelo de pensamento (VERNET, 1968, p. 199-200).

Ainda que recebesse influência dos modelos europeus, a *Nahda* surgiu como uma espécie de nacionalismo árabe, não se atendo a uma recepção passiva de modelos europeus. Segundo Riche (2015), seus idealizadores buscavam com o renascimento árabe visitar as origens culturais de seus ancestrais, colaborando com a formação e difusão da ideia do pan-arabismo, ou seja, a união de todos os países árabes que compartilham da mesma língua (árabe), pois seria através da união e fortalecimento cultural desses povos que o mundo árabe seria capaz de se libertar do domínio ocidental-europeu e turco. Essa corrente se baseava na premissa de que "era preciso despertar uma consciência nacionalista, que superasse os limites da obsessiva estrutura familiar e tribal em que repousava secularmente a sociedade" (RICHE, 2015, p. 2).

O renascimento árabe influenciou diretamente as produções literárias dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil o que fez com que esse movimento crescesse e se desenvolvesse em solo nacional, como aponta Riche (2015, p. 1), "aqui no Brasil, poetas e escritores de origem árabe continuaram a cultuar a palavra, pois em seu *ethos* a palavra sempre ocupou um lugar especial, ela anuncia o milagre, a revelação, afinal o verbo desceu do céu". Conforme Sáfady (1972), foram criados pelos imigrantes árabes, ou descendentes destes, cerca de quatrocentos jornais, revistas, suplementos comemorativos e boletins, entre outros. O estado de São Paulo contava com uma grande concentração de árabes e descendentes, e só nesse estado foram fundadas em torno de cem publicações árabes, como destaca Curi (2015, p. 6). O Rio de Janeiro, por sua vez, contou com 60 publicações criadas por essa comunidade, além de publicações em menor número em outros estados.

Com relação à mídia impressa, o primeiro jornal árabe criado no Brasil surgiu em 1895. O *Al Faihá* durou apenas alguns meses, mas foi sucedido por outras publicações do mesmo tipo nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. No início do século XX, o Brasil já contava com 5 jornais árabes, número que mais que triplicaria nos 15 anos que seguiram (CURI, 2015, p. 6). Boa parte desses periódicos tinha cunho informativo e político, e serviam, em grande parte, para disseminar os ideais pan-arabistas entre a comunidade de imigrantes que aqui vivia no período. Como exemplo dessa reinvenção de identidade ligada à questão migratória, apontamos o periódico *Al Ashmay*, um dos primeiros periódicos bilíngues (árabe e português) publicados no Brasil, fundado em 1899.

Nas primeiras publicações, uma fração considerável do impresso se dedicava a melhorar a imagem do imigrante aos olhos dos brasileiros, reforçando que a chegada desses indivíduos não deveria representar um incômodo, e que a comunidade sírio-libanesa era também composta por indivíduos capazes de produzir conhecimento e cultura, como pontua Curi (2018, p. 13). A criação de publicações destinadas à comunidade árabe no Brasil contou ainda com a fundação, em 1933, da Liga Andaluza de Letras Árabes, cuja revista continha artigos e poemas, estes, em geral, românticos ou de cunho social e político.

Mas a política não ficou restrita a jornais, boletins e suplementos: um exemplo desse tipo de iniciativa política na literatura árabe produzida no Brasil é Elias Farhat, autor libanês que desembarcou no Brasil em 1910 e é considerado o poeta do arabismo. O poeta discutia questões religiosas, a igualdade e a liberdade em seus escritos, seguindo a linha pan-arabista que chegou ao Brasil. Essa corrente buscava unificar os países de língua árabe fortalecendo e construindo uma grande nação de interesses compartilhados. O pan-arabismo é conhecido também como o nacionalismo árabe, que, apesar de ter se fortalecido de forma expressiva somente na década de 1960, teve suas primeiras impressões delineadas no século XIX, com os escritores, artistas e intelectuais, dentre os quais os imigrantes.

Não podemos deixar de citar também a questão da influência linguística, considerando que o português tem palavras de origem árabe, o que pode ser atribuído a dois eventos históricos: a imigração dos árabes para o Brasil no final do século XIX e o domínio árabe na Península Ibérica, do século VIII ao século XV, o que certamente fez com que o português de Portugal sofresse a incorporação de palavras árabes que posteriormente desembarcam no Brasil, com a colonização portuguesa (MAFRA, 2015, p. 104).

Além dos escritores árabes que migraram para o Brasil no final do século XIX, ressaltamos também alguns nomes conhecidos da literatura brasileira cujas obras estão ligadas a esse fenômeno migratório, como Salim Miguel, Raduan Nassar e Milton Hatoum. Salim Miguel, libanês de nascimento, chega ao Brasil aos três anos de idade, em 1924. Dentre suas obras, destacamos o romance *Nur na Escuridão*, lançado em 1999, uma autobiografia ficcionalizada que conta a vinda da família de Salim Miguel do Líbano e seu estabelecimento em Santa Catarina. Em 2013, o romance foi publicado em árabe e lançado na Feira do Livro em Beirute, capital do país de origem do autor. A história da família do escritor é bastante emblemática da imigração árabe para o Brasil: uma família de cristãos ortodoxos que deixa seu país e busca, na América Latina, mais liberdade religiosa.

O paulista Raduan Nassar é filho de libaneses e recebeu, em 2017, o prêmio Camões por sua obra literária, da qual destacamos o romance *Lavoura Arcaica*, fortemente marcado

pela herança árabe, na forma dos sermões árabes do avô do protagonista, e por elementos da cultura brasileira. Pelo romance, o autor recebeu o prêmio Coelho Neto da ABL e o prêmio Jabuti como Autor Revelação. O amazonense Milton Hatoum, por sua vez, também é descendente de libaneses, e autor do romance *Dois Irmãos* (2000), que retrata os problemas familiares de dois irmãos de uma família de libaneses que vive em Manaus.

Raduan Nassar, Salim Miguel e Milton Hatoum são três exemplos de escritores cujas obras são marcadas pelo hibridismo cultural proporcionado pelo enfrentamento cultural entre Oriente e Ocidente. Essa amálgama de culturas presentes nos romances citados exemplifica o que diz Carlos Nelson Coutinho (2000), quando afirma que só seria possível entender "plenamente os fenômenos artísticos e ideológicos quando estes aparecem relacionados dialeticamente com a totalidade social da qual são, simultaneamente, expressões e momentos constitutivos". Em outras palavras, é na intersecção entre as culturas, originada na leva migratória árabe do século XIX e do século XX, que essas obras nascem, são fruto desse momento histórico e também o alimentam.

Conclusão

A estadia de D. Pedro II no Oriente Médio parece ter contribuído para a construção de uma imagem favorável do país em terras árabes, o que certamente influenciaria a questão migratória anos mais tarde. A fama do Brasil de país acolhedor e caloroso (ainda que não para todos), termina por atrair os imigrantes sírio-libaneses que buscavam um lugar seguro e livre para viverem. Mais do que isso, o Brasil mostra ser também um solo fértil para a produção literária e cultural desses imigrantes, que eram, em geral, adeptos do viés político pan-arabista.

As condições de liberdade social e tolerância religiosa aqui encontradas pelos sírio-libaneses cristãos permitem que os intelectuais árabes possam produzir literatura de diversos tipos, inclusive literatura política, sem sofrerem nenhuma repressão por parte do governo brasileiro. Esse livre prolongamento do renascimento cultural árabe se traduz em uma produção literária e informativa considerável, com cerca de 400 títulos, entre livros, revistas, jornais e periódicos variados. Dentre todos os temas tratados na produção citada, destacamos a questão da imigração, presente em algumas das publicações.

O imigrante árabe tinha a preocupação de se adaptar ao novo país, e o enfrentamento de uma cultura nova, somado à distância de sua terra natal, consiste em matéria-prima para sua produção literária e jornalística. Tratava-se de fomentar a questão pan-arabista através da literatura e também de apresentar aos brasileiros a cultura e as qualidades do povo árabe,

mostrando que poderiam contribuir para o progresso econômico do país e para a produção intelectual escrita. Como resultado, a literatura árabe dessa época produzida no Brasil é marcada pelo paradoxo do imigrante, pois trata-se de um indivíduo que está, como coloca Hall (2014), dentro e fora: dentro de uma cultura nova, tentando se adaptar a ela, mas fora dela por conta de seus próprios parâmetros culturais. Essa literatura é fruto desse enfrentamento cultural.

Há, no entanto, duas importantes considerações a fazer: visto que a literatura árabe produzida no Brasil se encontrava, como apontado anteriormente, fundida com a cultura brasileira (e com a própria língua portuguesa, no caso de publicações bilíngues), questionamos se podemos de fato considerar essa literatura como sendo uma extensão da literatura árabe produzida nos países de origem desses imigrantes, ou se devemos tratá-la como uma literatura autônoma, definida pela hibridez linguística e cultural proporcionada pela imigração. É preciso refletir, ainda, sobre o interesse de (re)criação dessa literatura no Brasil, produzida não com o intuito de construir uma história literária que recaia sobre o clichê de enxergar Oriente e Ocidente como dicotomias ou pontos extremos de um contínuo social, mas sim sobre a contribuição que esses intelectuais trouxeram e articularam com a história literária brasileira.

Por fim, fica evidente o caráter do Brasil enquanto local de prolongamento de culturas outras, um lar acolhedor para (alguns) povos, que encontram no país uma possibilidade de cultivar e propagar suas culturas, enxertando no país a marcante hibridez étnica e cultural que o caracteriza até os dias de hoje.

Referências

ALCÂNTARA, Pedro de. **Diário do Imperador D. Pedro II**. Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999. n.p. Disponível em <<http://www.museuimperial.gov.br/arquivohistorico/4349-instrumentos-de-pesquisa.html>> Acesso em: 24 de janeiro de 2019.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. População e espaço nacional no Brasil do século XIX. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 7, n. 8, p. 67-83, nov. 2005. ISSN 2237-8871. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1720/1863>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

CURI, Guilherme Oliveira. A diáspora árabe recriada: Surgimento e expansão dos periódicos da comunidade sírio-libanesa no Brasil. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, Porto Alegre. **Anais**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-alternativa/a-diaspora-arabe->

recriada-surgimento-e-expansao-dos-periodicos-da-comunidade-siriolibanesa-no-brasil/view
Acesso em: 25 fev. 2019.

CURI, Guilherme Oliveira. **O Mahjar é aqui**: a comunicação contra-hegemônica dos intelectuais árabe - brasileiros. 2018. 271 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

FRANCISCO, Júlio César Bittencourt; LAMARÃO, Sérgio. Sírios e Libaneses e a Expulsão de Estrangeiros na Primeira República. In: **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 256-266, jul./dez. 2013.

GASKIN, James. **Geography and sacred history of Syria**. William Curry, Jun., and Company: Dublin, 1846. Disponível em <<https://archive.org/details/geographyandsac00gaskgoog>> Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Tradução de Marcos Santarrita.

JUNQUEIRA, Marili; AMORIM, Nayara. A influência da cultura árabe em Uberlândia. **Revista Opsi**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.181-200, 31 dez. 2011. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/o.v11i2.14872>.

MAFRA, Adriano. **O processo criativo de Dom Pedro II na tradução da "Hitopadeça"**. 2015. 449 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

MAFRA, Adriano; STALLAERT, Christiane. Orientalismo crioulo: Dom Pedro II e o Brasil do Segundo Império. **Iberoamericana**, v. XVI, n. 63, 2016, pgs. 149-168. Disponível em <<http://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/viewFile/2117/1914>>. Acesso em 26 de janeiro de 2019.

RICHE, Cristina. Ayoub. Brasil, a nova Andaluzia. In: Esocite BR VI Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade, 2015, Rio de Janeiro. **Anais**, 2015.

ROMANELLI, Sergio; STALLAERT, Christiane. Entrada do Brasil na República mundial das letras. Mediações transatlânticas e diplomacia cultural de Dom Pedro II na elaboração de uma identidade letrada nacional. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [Online]. Disponível em <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/68197>>. Acesso em 18 de janeiro de 2019.

SÁFADY, Jorge. **A imigração árabe no Brasil**. 1972. 551 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 1972.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução de Rosaura Eichenberg.

SISMONDINI, Alberto. **Arabia Brasilica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2017. Tradução de Letizia Zini Antunes e Valéria Vicentini.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
VERNET, Jules. **Literatura árabe.** Barcelona: Editorial Labor, 1968.

**ARABE PRESS AND LITERATURE: THE SYRIAN-LEBANESE MIGRATORY
EXPERIENCE IN BRAZIL**

Abstract

The present article aims to present the relationship established between Brazil and the Middle East in the late nineteenth and early twentieth centuries, regarding the literary production of Syrian and Lebanese immigrants in Brazil. It is known that Brazil received a considerable influx of immigrants from different countries and cultures since the arrival of the Portuguese in 1500. Among the cultures that found a second home here, we highlight the Arab immigrants that came to Brazil in the end of the 19th century, mostly Syrian and Lebanese immigrants. One of the manifestations of this culture in the country was the production of books, magazines and newspapers in Arabic, or in Arabic and Portuguese, a production marked by the double experience of the immigrant, who tried to preserve the culture of his country of origin in a different cultural environment while at the same time trying to adapt to the culture in which he was immersed. Taking the trip of Dom Pedro II to the East as a starting point, our goal is to characterize the Arab literary production in Brazil as the materialization of a cultural extension motivated by immigration.

Keywords

Immigration Syrian-Lebanese. Dom Pedro II. Arabic Literature.

Recebido em: 30/10/2019
Aprovado em: 08/12/2019